

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

NEÍZE RIBEIRO DA SILVA

Organização e Estudo da Fortuna Crítica sobre João Antônio:
Periódicos, 1990-1996

Assis
2007

NEÍZE RIBEIRO DA SILVA

**Organização e Estudo da Fortuna Crítica sobre João Antônio:
Periódicos, 1990-1996**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, para obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Concentração: Literatura e Vida Social)

Orientadora: Dra. Ana Maria Domingues de Oliveira

Assis

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Silva, Neíze Ribeiro da
S586o Organização e estudo da fortuna crítica sobre João Antônio:
periódicos, 1990 – 1996 / Neíze Ribeiro da Silva. Assis, 2007
124 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Antônio, João, 1937-1996. 2. Crítica literária. 3. Periódicos
brasileiros. I. Título.

CDD 801.95
056.9

DADOS CURRICULARES

Neíze Ribeiro da Silva

NASCIMENTO	19.08.1967 – Taquaritinga do Norte/PE
FILIAÇÃO	Nelson Malaquias da Silva Josefa Ribeiro da Silva
2001/2004	Curso de Graduação em Letras Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP - Câmpus de Assis

RESUMO

Este estudo propõe uma análise da recepção crítica do escritor João Antônio (1937-1996), publicada no período compreendido entre 1990 e 1996, a partir de um conjunto de textos reunidos por ele mesmo e que se encontram depositados em seu Acervo, na Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP. Este trabalho representa a terceira etapa de um projeto maior que visa à reconstituição de toda a fortuna crítica do escritor; O primeiro levantamento, realizado por Jane Christina Pereira, intitula-se *Estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio: 1963 – 1976*; a segunda fase corresponde à pesquisa realizada por Cássia Ferreira Alves, cujo título é *Estudo Crítico da bibliografia sobre João Antônio (1978-1989)*; uma quarta parte está prevista para ser realizada por outro pesquisador que finalizará a análise dos textos publicados desde 1996 até os dias atuais. O material aqui analisado mostra como a crítica, publicada em jornais, interpretou e divulgou as obras de João Antônio em uma determinada época. Este trabalho aponta dados relevantes para fundamentar estudos sobre o autor, tanto os de caráter mais avançados, como os históricos-críticos, quanto os de fases iniciais, para os que desconhecem a bibliografia do escritor.

Palavras-chave: João Antônio – Crítica Literária – Periódicos Brasileiros.

ABSTRACT

This study proposes an analysis of the João Antonio's critic reception (1937-1996), published between the time from 1990 to 1996, from a collection of texts done by himself and located in his archive, at Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP. this study represents the third part of a bigger project that seeks to rebuild all the critic treasure about this author, The first research, done by Jane Christina Pereira, is titled *Critic Study on the Bibliography of João Antônio: 1963-1976*; the second part done by Cássia Alves Ferreira, is titled *Estudo Crítico da Bibliografia sobre João Antônio (1963-1976)*; and it is predicted a fourth part, to be conquered by another researcher, which, will finish analyzing the texts from 1996 to our days.. The material analyzed demonstrates how critics on newspapers interpreted and divulged the work of João Antônio in a determinate time. This work raises relevant data that can be used as foundation for studies of the author, even the ones with an advanced aspect, or the historic and critics, or the ones that are just begin and to whom the João Antonio's bibliography is unknown.

Key words: João Antônio – Literary Criticism – Brazilian Newspapers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. JOÃO ANTÔNIO – LEITOR DE MUNDOS	11
1.1 LITERATURA COMO PROFISSÃO.....	17
1.2 O BRASIL DO SÉCULO XX: MODERNIDADE JÁ.....	20
1.3 AINDA A CAMINHO	24
2. CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA: UM BREVE PANORAMA.....	28
3. DESCRIÇÃO DO MATERIAL	32
4. JACARANDÁ – O HERÓI DEMASIADO HUMANO	45
4.1 QUE MILAGRE?	47
4.2 NAS ENTRANHAS DA SUPERFICIALIDADE	50
4.3 PALAVRAS MODERNAS	53
4.4 GUARDADOR DE ILUSÕES.....	55
4.5 IN- SANIDADE	57
4.6 OS AMIGOS	59
4.7 A MÁGICA IRÔNICA	61
4.8 A ARMADILHA DAS PALAVRAS	63
4.9 DE JOÃO ANTONIO A JACARANDÁ - UMA VIA DE MÃO DUPLA	66
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
BIBLIOGRAFIA	71
ANEXOS	76
ANEXO A – Pasta de textos referentes ao período entre 1990-1996	77
ANEXO B - Textos localizados na Pasta textos sem data.....	90
ANEXO C - Textos cuja data extrapola o período proposto para pesquisa.	127

INTRODUÇÃO

Homens e palavras, instâncias indissociáveis, interdependentes, cujas existências são condicionadas e condicionantes respectivamente. Partindo desse pressuposto temos então que é impossível concretizar a palavra a não ser através do homem, o qual por sua vez também só pode ter sua existência concretizada através desta.

Entretanto, apesar dessa relação orgânica, ou talvez devido mesmo a essa organicidade, essa relação é construída na base do conflito. A palavra não se entrega facilmente ao homem, que por sua vez também não aceita qualquer signo para nomear seu mundo. Assim, ele age sobre a língua em uma relação arbitrária, o que foi jocosamente comentado por Luís Fernando Veríssimo em *O gigolô das palavras* “Sou um gigolô das palavras... Exijo submissão... maltrato-as sem dúvida. E jamais me deixo dominar por elas... a gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda” (VERÍSSIMO, Luís F., [s.l.p.] [s.n.] [19--]).

Apesar do tom brincalhão desse texto, Fernando Veríssimo pontua um fato muito pertinente na relação entre o homem e a palavra: a necessidade que temos de estar sempre atentos não apenas ao seu sentido denotativo, mas também ao seu significado figurado, o qual é, na maioria das vezes, o sentido mais presente na comunicação entre os homens.

A construção dessa relação se torna ainda mais complexa quando adentramos o terreno das artes. No início da sua caminhada rumo ao raciocínio abstrato, o ser humano inaugurou um campo de expressões cuja elaboração permitisse o acesso a um mundo interior que, apesar de essencialmente partilhado por todos, se concretizou em realizações tão diversas quanto o número de seus usuários. Essa possibilidade de múltiplas expressões exigiu a organização de um complexo código que, de alguma forma, estabelecesse e preservasse as diferentes construções assim realizadas.

Cuando los pueblos se hallan aún estado salvaje, en las sencillas relaciones de cuales su vida, la escritura no les precisa, ya que su interés se concentra en la necesidades del momento, para las le expresión oral es suficiente. No obstante, si aquellos consideran que la referencia de algún acontecimiento merece pasar a la posteridad, la revisten de un ropaje poético, para que se grave con mayor fuerza en la memoria de las gentes y pueda transmitirse así de generación en generación. (WEISE, 1995, p.15).

Como fica visível na citação, o homem, através da palavra, preserva a recordação de sua trajetória, legando às gerações que o sucedem um patrimônio cuja leitura pode orientar direções futuras. Mas não foi suficiente que se organizassem apenas códigos para classificar as expressões artísticas. As exigências impostas por novas conquistas, tanto no campo da tecnologia, quanto no campo das relações humanas, suscitaram a necessidade do surgimento de uma classe que se debruçasse sobre essas expressões artísticas e refletisse sobre suas construções. Surge então o que se denominou crítica de arte.

Como toda relação entre o homem e a palavra, também o terreno da crítica de arte está envolto em conflitos, os quais já passaram por diversas tentativas de resolução, que vão desde o olhar para a obra artística como um universo autônomo, fechado e significativo em si mesmo, até a sua consideração como um universo dependente das condições de criação, sejam essas condições históricas, temporais ou estéticas.

Apesar de ter começado este texto abrangendo as expressões artísticas em geral, importa ressaltar, nesse momento, que o nosso trabalho tem como objeto as produções artísticas construídas na forma escrita, cuja elaboração depende exclusivamente da palavra textualizada.

Mais especificamente, nosso objeto de trabalho abrange um momento, um local e uma construção particularizada de texto: o momento é a primeira metade da década de 1990; o local é o Brasil e a modalidade de texto é a fortuna crítica sobre o autor João Antônio.

Este trabalho representa a terceira etapa de uma trajetória realizada por duas outras pesquisadoras: Jane Christina Pereira e Cássia Alves Ferreira. Ambas tiveram como alvo a

fortuna crítica sobre João Antônio publicada no período de 1963-1976 e 1977-1989, respectivamente. É importante destacar que Jane Christina foi a pesquisadora que indexou de forma praticamente exaustiva toda a fortuna crítica sobre João Antônio, existente no Acervo deste escritor localizado na UNESP/Assis; entretanto, esta autora dedicou-se particularmente ao período 1963-1976, realizando de forma sumária a indexação dos outros períodos, inclusive aquele que é alvo de nosso trabalho nesse momento. Delimitando desse modo o nosso campo de ação, faz-se necessário que os capítulos que constituem esse trabalho contextualizem os recortes por nós realizados, para que o leitor possa ter acesso a um texto que, embora não se pretenda exaustivo, possa fornecer-lhe o máximo de informações sobre o processo de construção do tema aqui abordado.

O primeiro capítulo traz uma breve biografia de João Antônio, além de uma visão panorâmica da sua produção e trajetória literária. Esse capítulo deve sua elaboração à necessidade de destacar alguns pontos de coerência na construção do projeto estético e literário desse escritor, pontos esses que são amplamente reiterados pela crítica.

No segundo capítulo de nosso texto temos uma breve exposição da construção da crítica literária no Brasil, cujo objetivo não é questionar práticas e valores de nossos primeiros críticos, mas antes atualizar o leitor sobre mudanças ocorridas no trajeto cultural, social e econômico do Brasil.

O terceiro capítulo consta da descrição do material que compõe o *corpus* dessa pesquisa. É importante esse tipo de atividade porque expõe ao leitor um aspecto do trabalho que quase sempre fica subjacente ao texto: a caminhada do pesquisador na construção de seu *corpus*, a necessidade ou não de recortes, a motivação por trás desses recortes. Conhecendo esses dados o leitor pode efetivamente construir uma crítica consistente sobre o trabalho ao qual está tendo acesso.

O quarto capítulo traz uma análise sucinta da obra *Um herói sem paradeiro, vidão e agitos de Jacarandá, o poeta do momento* (1993). A escolha dessa obra para uma análise mais pormenorizada deve-se ao fato de a considerarmos como uma produção que representa, de algum modo, as reflexões do João Antônio sobre o momento pessoal e histórico que vivenciou na primeira década de noventa. Importante ressaltar que não pretendemos ser exaustivo na análise realizada, antes apresentar de uma forma sumária alguns pontos de interesse nessa obra, de modo a destacar sua importância no conjunto de obras do escritor e demonstrar a habilidade deste em construir sua literatura como uma fonte de questionamentos obsessivos da realidade na qual se encontrava inseridos.

Realizadas estas reflexões vamos então para a conclusão do texto, momento no qual reunimos algumas respostas e muitas perguntas sobre a obra joaoantoniana, cuja maior característica tem sido a polêmica e a inovação da forma e conteúdo do texto literário.

1. JOÃO ANTÔNIO – LEITOR DE MUNDOS

João Antônio Ferreira Filho, jornalista e escritor brasileiro, nasceu em Presidente Altino, próximo a Osasco, em 27 de janeiro de 1937. Visto como autor de uma obra de cunho social produziu textos em diversos gêneros literários, desde a crônica ao conto, passando inclusive por artigos em jornais.

Oriundo de uma família pobre, teve uma infância sofrida, cercado por pessoas que “conseguiram durante o dia o dinheiro com que iam comprar a comida do jantar” (RIBEIRO NETO, 1988, p.13). Ainda na adolescência, conheceu a zona do meretrício, onde habitavam boêmios, mulheres e jogadores de sinuca, cuja vida e linguagem peculiar João Antônio traria mais tarde para sua literatura.

Em 1952, João Antônio publica seus primeiros textos em um jornal infanto-juvenil, *O Crisol*, mas é em 1963 que acontece seu primeiro grande sucesso, com o lançamento do livro *Malagueta Perus e Bacanaço*, que traria a grande marca desse escritor, o estilo “joãoantoniano” de escrever: uma literatura povoada por personagens marginalizados, cuja fala cheia de gírias receberia um elaborado tratamento estético, por parte do escritor, sem, contudo, perder seu sabor malandro, quase dialetal. Esse livro proporcionou ao autor o Prêmio Fábio Prado e dois Prêmios Jabuti, como autor revelação e melhor livro de contos.

O palco da literatura joãoantoniana é a rua das grandes cidades, seus personagens são os habitantes de um mundo que a classe média teima em ignorar. Malandros e otários, prostitutas que amam unicamente ao seu gigolô, espaços degradados e de certa forma degradantes, constituem seres e cenários da literatura de João Antônio. Essa forma de escrita, com a presença desses personagens, não é algo gratuito na obra do autor de *Malagueta Perus e Bacanaço* (1963): vem de sua vivência direta com esse povo, vivência que não aconteceu

apenas durante a infância sofrida em um bairro de Osasco, mas que foi cultivada durante toda a vida do escritor.

A história da vida de João Antônio revela um profundo entrelaçamento com os personagens que viriam a comparecer em sua literatura. Para construir suas narrativas, João Antônio se apropriava do linguajar de uma população de pouca representatividade para a sociedade dominante. No entanto, essa apropriação não se dava em uma posição horizontal, que caracteriza o distanciamento entre um escritor e seu texto, e sim em uma convivência tão próxima que bem pode caracterizar uma relação amorosa do escritor com seu personagem, relação essa que é imprescindível para a elaboração de uma literatura realmente significativa.

É o contista do popular [...] em seus começos foi comparado a Antônio de Alcântara Machado, mas o escritor não olha as personagens de fora ou de cima; vem do seu meio, está junto delas, sentindo as suas angústias, solidário com as suas dores, emprestando-lhes a sua simpatia. Na prosa ao mesmo tempo forte e lírica ele constrói uma galeria de pequenos marginais, flagrando a periferia e o anti - herói. É a barra pesada urbana que se abre à comoção do leitor...¹

João Antônio teve uma formação acadêmica na área de jornalismo e por toda a sua vida é visível a participação do labor jornalístico em sua literatura. “O papel jornalístico é tão incandescente quanto o livro, a reportagem traz a mesma ânsia, a mesma vibração emocional que a criação literária”. (ANTÔNIO apud MORAES, 2001). Nessa frase podemos perceber que, para João Antônio, fazer literatura independia do seu meio de divulgação, sendo importante apenas que o texto fosse construído com “vibração emocional”, ou seja, desde que o texto pudesse “incomodar” o leitor e o autor, provocando alguma mudança, seja na concepção de mundo, seja nas atitudes dos que tiverem contato com um texto assim elaborado.

Jornalista por profissão e/ou escritor por vocação? Responder a essa questão pode ser tarefa impossível, quando falamos de João Antônio. Seus textos são verdadeiros diluidores de

¹ Trecho de um texto avulso, sem referências bibliográficas, encontrado no Acervo João Antônio.

fronteiras, deixando aflitos todos os que enveredam por caminho tão inglório como o da classificação da obra desse autor. Chamado por alguns de neo-naturalista (SÜSSEKIND, 2004), visto por outros como escritor que possui uma ‘prosa aderente a todos os níveis de realidade’ (CANDIDO, 1993), a literatura de João Antônio continua desafiando categorizações, conforme comenta Rónai:

Pois nem sei se são contos, apesar do autor batizá-los assim, já que esses escritos, refratários a qualquer classificação, não admitem rótulos. Tal como um novo “Boca do inferno”, o autor cataloga seus rancores, vomita sua indignação, resmungando pragas e palavrões. Trata suas criaturas como a si mesmo, com uma ironia feroz, mas que deixa entrever uma funda ternura... (RONAI, Paulo, Duas palavras in Toni Roy Show (orelha). 1981).

Estas palavras de Paulo Rónai se tornam ainda mais verdadeiras quando pensamos nas crônicas jornalísticas de João Antônio. Por ter vida profissional intrinsecamente relacionada com o jornalismo (AZEVEDO, 2002), tendo inclusive cursado Jornalismo na Casper Líbero (NETO, 1988). João Antônio possui uma vasta obra publicada em periódicos diversos, como o jornal *Última Hora*, *Movimento*, *Brasil Agora*, *Pasquim* etc.

Essa prática de publicação em periódicos é considerada um procedimento comum entre literatos, não só da atualidade, mas de renomados escritores de todos os tempos, principalmente quando se encontram em situação de censura, como nos atesta Montoro em *Periodismo e literatura. VII*

Si algo se destaca especialmente en una mirada de conjunto sobre la historia del periodismo, sobre todo en su relación con la literatura, es la diferencia de conceptos e formas en que se manifiesta este medio de comunicación [...] el hombre-escritor-comunicante quiere dialogar siempre. Pero as veces tal diálogo va dirigido a un grupo de seres afines, de “almas añejamente unidas”, y si se convierte en periódicos es porque se publican periódicos. Hay que matizar: muchas veces a colaboración periodística solo tiene de tal el echo de publicar-se en periódicos. Pero en otras ocasiones el dialogo se universaliza [...] aquí se trata de situar al escritor-periodista en los limites de su inquietud [...] esta difícil e peligrosa misión periodística fue iniciada por “The Times” [...] [em] la primera mitad del siglo XIX [...] cada tiempo ha tenido su expresión literaria y el periodismo no podía quedar de lado [...] y llega un

nuevo tipo de escritor-periodista [...] Hemingway es un ejemplo [...] hacia la misma época comenzaba también Francis Scott Fitzgerald, así como John dos Passos y William Faulkner... (1973 p. 13-85)

João Antônio “lia” o mundo através de seu contato com os fatos que pretendia abordar. Vivenciou na pele muitas das reportagens que escreveu, sendo considerado um dos introdutores da técnica do *New Journalism* no Brasil.

Segundo Edvaldo Lima, em seu *Páginas ampliadas, o livro reportagem com extensão do jornalismo e da literatura*, o *new journalism* trouxe

A chance que o jornalismo poderia ter, para se igualar, em qualidade narrativa, à literatura [...] aperfeiçoando meios, sem porém jamais perder sua especificidade [...] sofisticar seu instrumental de expressão, de um lado, elevar seu potencial de captação de expressão do real, de outro [...] por aí vão aos poucos penetrando os pioneiros do *novo jornalismo*, afinando suas armas, mergulhando cada vez mais fundo na realidade em rápida transformação (1995, p.146 -148).

Podemos dizer que João Antônio aprofunda em muito essa dimensão do *new journalism* e realiza verdadeiras inclusões de gêneros na tessitura de seus textos. Ele passa a construir textos em que realidade e ficção se interpenetram em um movimento de fusão que torna difícil ao leitor distinguir quais são os momentos do texto em que predomina a realidade ou a ficção.

Nos seus textos, mesmo aqueles de caráter reconhecidamente ficcional, João Antônio vale-se de um dos recursos intrínsecos à reportagem propriamente dita: referentes factuais, ou seja, a veiculação de notícias, de fatos ocorridos, passíveis de circunstanciação e localização extra texto. Além disso, a presença de constantes elementos autobiográficos faz com que a literatura joãoantoniana se vincule estreitamente com a realidade. Entretanto, é através dessa referencialidade que o escritor elabora textos extremamente líricos construindo, passo a passo, na mente do leitor, um universo habitado por sobreviventes excluídos e estigmatizados, marginais a uma/por uma sociedade que lhes nega o direito de pertença.

João Antônio fez da realidade o panorama essencial de suas obras; ainda mais, fez da linguagem real dos socialmente excluídos o ponto de partida e de chegada para a significação das suas obras. Ali nenhuma palavra é supérflua, dado que cada uma delas funciona como reforço para implantar na retina do leitor a imagem dos inúmeros seres sem rosto e sem nome que habitam o Brasil. São Jacarandás, Paulinhos Perna Torta, Malaguetas ou simplesmente Meninões do caixote. Até aqueles que têm um nome potencialmente individualizador, como a personagem Maria de Jesus Souza, que dá título ao texto (ANTONIO, 1986), acaba assumindo um codinome que a representa na narração: Mimi Fumeta. A presença desses personagens na obra de João Antônio resulta em uma literatura organicamente relacionada com a sobrevivência e a afirmação de um povo, enquanto donos de uma cultura capaz de transfigurar em lírico o lado trágico da vida.

Todos estes codinomes enunciados assim, sob a forma de máscara, jogam os personagens em um limbo existencial, em um estado de além coisa, em um estado de nada. Para que tenham sentido, é preciso torná-los autores de um discurso. E aí reside o toque de mestre da literatura de João Antônio: a construção de um narrador tão próximo dos seus personagens que chega se a confundir com eles deixando o leitor sem saber se quem deveras usa aquela linguagem são seres reais, passíveis de existência concreta ou uma instância narrativa, criada para enunciar uma ficção. Na literatura joaoantoniana, narrador é também, em diversos momentos, personagem, à medida que adentra a narrativa e diminui a separação entre as instâncias, narrador e personagem. Essa estrutura literária corresponde plenamente ao que diz Anatol Rosenfeld no ensaio sobre problemas da ficção em *O personagem de ficção*:

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos [...] o enredo existe através das personagens; as personagens vivem o enredo. Enredo e personagens exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam [...] a criação literária baseia-se sobre este paradoxo [...] o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser

ficício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste (op. cit. CANDIDO 1981, p. 53-55).

Na literatura joaoantoniana os personagens possuem tamanha coerência e consistência com o mundo real que, não poucas vezes, a crítica insistiu enfaticamente na ligação que o autor possuía com seus “malandros”, embora nem sempre sejam pessoas os personagens de João Antônio. Às vezes bairros assumem esse papel. Mas também nesse momento a forma como o escritor usa a linguagem funciona para presentificar imagens que de outro modo ficariam a flutuar na memória do leitor, sem atingir o grau de impregnação que todo escritor sonha imprimir ao seu texto.

A gíria, que para muitos é uma forma lingüística desprestigiada, é, para a literatura de João Antônio, a única forma de expressar sua resistência em face de uma sociedade desumana e desumanizadora; através desse jargão estigmatizado pelo preconceito das classes cultas, João Antônio constrói uma literatura incômoda e perturbadora. É um universo lingüístico aparentemente tão distanciado da linguagem culta que choca o leitor ingênuo, aquele que busca na literatura apenas a expressão de um mundo idealizado, cujas bases estejam assentadas na concordância, não no questionamento. Na literatura de João Antônio, cada recurso utilizado, desde a mais insólita gíria, até a construção de um personagem aparentemente cínico, tem como objetivo a elaboração de um texto que não apenas se entrelace com o momento histórico, mas que possa alcançar universalidade através da expressão de sentimentos inerentes ao homem.

Assim como o universo literário de João Antônio é povoado por personagens que se atiram à vida com gana, também esse autor teve uma vida regida pela luta constante para que pudesse viver daquilo que chamava de ‘amante prepotente’, a literatura. A esse respeito tecemos algumas considerações adiante.

1.1 LITERATURA COMO PROFISSÃO

Durante sua vida, João Antônio realizou um ato que nos fala de quão profunda era a sua consciência literária e o quanto ele conhecia a dinâmica que rege a recepção da obra literária no nosso país: organizou, embora de modo subjetivo², um completo acervo que comporta tanto os textos por ele publicados quanto textos que o referenciam. Além disso, ali encontramos também cópias de contratos com editoras e recibos de pagamentos dos textos publicados em jornal. Para entendermos com mais clareza esse ato do autor de *Dama do Encantado* (1996) é necessário que consideremos alguns dados históricos ocorridos tanto no mundo quanto no Brasil, no decorrer desse século, uma vez que as inter-relações existentes entre história, economia e sociedade formam uma tríade que serve de suporte para a construção do projeto literário de vários autores do século XX.

Para a Europa, o século XX representou a consolidação e o recrudescimento das conquistas tecnológicas e territoriais iniciadas nos séculos anteriores. O homem europeu se encontrava profundamente angustiado com o rumo que sua história estava tomando. Logo no início do século uma guerra sem precedentes desestruturou, de forma radical, todos os valores e conceitos até então estáveis. Além disso, um imperioso mercado capitalista, com tudo o que este conceito implica, dominava as relações econômicas européias.

Estes fatores, aliados ao constante e veloz aperfeiçoamento de invenções surgidas nos séculos passados, fizeram com que vários ideais e valores, entre eles o da arte e cultura, entrassem definitivamente em colapso. O século XX também foi o período do nascimento de um novo pólo econômico mundial. A Europa, embora mantivesse certa importância no quadro econômico mundial, encontrava-se combatida pela Primeira Guerra, o que

²A pesquisadora Jane Christina Pereira acertadamente denominou a ordem de organização realizada por João Antônio com 'ordem afetiva', termo feliz que revela a profunda ligação entre o escritor e o fazer literário. PEREIRA, 2001.

possibilitou aos Estados Unidos da América assumir a posição de nova potência econômica mundial.

No que concerne ao Brasil, o século XX foi um período de intensas agitações, tanto na área política, econômica e social quanto na cultural. No final do século XIX as economias hegemônicas (leia-se principalmente os EUA) tinham adentrado as economias periféricas, moldando suas relações de mercado nos princípios capitalistas e, como não podia deixar de ser, os países que estavam no âmbito direto de influência dessas nações, incluindo aí o Brasil, tiveram seu processo histórico e cultural modelado a partir do que se desenhava no exterior:

O fim da segunda guerra [...] marcou a emergência de duas novas potências no cenário internacional, os Estados Unidos da América e a União Soviética [...] na partilha do mundo que segue à guerra, a América Latina cabe aos Estados Unidos (WEBER, 198[?], p.112-113).

Como fica perceptível nessa citação, nossa dependência adentrou o século XX, idéia que é reiterada por diversos autores que a consideram como um motivo de entrave à nossa assunção enquanto povo autônomo não apenas no aspecto econômico, mas também cultural.

Nascemos colônia. A formação da sociedade brasileira não foi um processo autônomo, mas um episódio do moderno sistema mundial, centrado na Europa. A independência política, em 1822, transferiu de Portugal para Inglaterra nossa dependência econômica; a tardia abolição da escravatura, em 1888, manteve intacta a segregação social e a desvalorização cultural do mundo do trabalho; o advento da república, em 1889, não foi capaz de alterar nossa condição primário-exportadora; a revolução de 1930, realizada quando 80% de nossa população morava no campo, não mexeu na estrutura da propriedade agrária. Relações diferentes surgiam, mas as antigas se renovavam e permaneciam decisivas nos novos contextos, embora mudassem de forma. (BENJAMIM, 1998, p.23-24).

Reunindo as idéias expressas nestas duas citações, percebemos o quanto é necessário observar o passado a fim de melhor nos relacionarmos com os momentos presente e futuro de nossa história, uma vez que passado e futuro se interseccionam, gerando uma complexa cadeia de relações interdependentes que influenciam as decisões do presente. Assim, faremos

a seguir um breve panorama das condições históricas do Brasil no início do século XX, até o momento de realização de nosso trabalho, ou seja, até a década de 90.

1.2 O BRASIL DO SÉCULO XX: MODERNIDADE JÁ

No início do século XX, a jovem república brasileira encontrava-se em franco processo de modernização, o trabalho assalariado mantinha uma intensa rede de migração de estrangeiros, a economia cafeeira estava no auge, o país se urbanizava; estes fatores, mais do que possibilitavam, demandavam a construção de uma nova configuração político-ideológica cultural para o Brasil, que atendessem às exigências históricas do momento. No que tange à cultura, ocorre, em 1922, a Semana da Arte Moderna, cujas propostas influenciaram profundamente todo o fazer artístico daquele momento e do futuro:

O modernismo é visto como ruptura, como marco do início de um processo de autonomia literária, em que se cria uma tradição literária no país [...] o modernismo encerraria um período de nossa história cultural e seria, ao mesmo tempo, o marco de uma nova era, servindo o movimento de constante fonte de *inspiração*³ aos escritores pós – modernistas (WEBER, s/i, p-9).

A proposta antropofágica da Semana de Arte Moderna, como demonstra a citação acima, não se limitou a influenciar apenas um momento da história da arte e da literatura. Décadas após esse movimento, essa “necessidade antropofágica” se acentuaria provocando o surgimento de textos polêmicos quanto ao seu aspecto literário, por serem obras nas quais estava presente um intenso processo de experimentação estrutural, apresentando-se, na maioria das vezes, como uma construção híbrida entre reportagem e literatura.

Em âmbito mundial, a década de vinte se encerra com o *crack* na bolsa de Nova York. Esse fato atingiu profundamente o Brasil, fazendo com que a agricultura cafeeira, que era nossa principal base econômica, se desestabilizasse e tivesse início um processo caótico de urbanização, o que deflagrou um êxodo rural que se acentuou nas décadas seguintes.

³ Grifo do autor.

No Brasil das décadas de trinta a cinquenta tivemos uma série de acontecimentos políticos cuja figura central foi Getúlio Vargas. Eleito através do voto ou controlando o poder como ditador, ele governou o Brasil por quase duas décadas durante esse período.

O processo de diáspora do campo para a cidade punha em relevo a estrutura social de desigualdade em que vivia a maior parte dos brasileiros, fato que pouco mudara desde que éramos colônia. Éramos ainda uma imensa nação de analfabetos e semi-analfabetos; porém, paradoxalmente, nossa maior expressão cultural e artística era a literatura.

Enquanto na década de vinte tivemos a Semana de Arte Moderna, em trinta surgiu à literatura regionalista, com temática que abordava questões fora do eixo cultural predominante Rio - São Paulo; em cinquenta tivemos as experimentações concretistas dos irmãos Campos, isso para falar apenas em alguns expoentes que surgiram nesse período.

Entre os anos 50 e 70 o Brasil conheceu uma efervescência cultural que gerou movimentos como a Bossa Nova e o Tropicalismo, na música; as inovações pedagógicas de Paulo Freire, na educação; as experimentações do Teatro de Arena, etc. Eram inovações que geravam polêmicas e dividiam a intelectualidade brasileira. Caetano Veloso, no seu livro *Verdade Tropical*, nos conta um interessante episódio sobre a resistência a novidades daquela década:

O produtor e apresentador de tv Flávio Cavalcante [...] forçando bastante, encontrou “(sem) lenço sem documento” da letra de “alegria alegria”, uma referência ao ácido lisérgico, -(S), L, SD?! – e, portanto, um a instigação ao uso de drogas o que o levou a repetir o gesto que executava em ocasiões semelhantes [...] quebrou um exemplar do disco que continha tal infâmia [...] muitas manifestações de repúdio as novidades que trazíamos se seguiram a essa [...] e tinham como alvo nosso suposto comercialismo. (VELOSO, 1997, p. 207).

No comentário desse artista, de uma forma subjacente, está presente uma das marcas que para muitos intelectuais é uma das distinções da arte em geral: a disposição da obra artística em ser gestada e viver de uma forma altruísta, sem qualquer contato com elementos prosaicos do cotidiano, como dinheiro e envolvimento comerciais. Entretanto, por ser essa uma ótica elitista e sem suporte nos dias atuais, as realizações artísticas da

contemporaneidade precisam estar a par e a braços com estratégias e relações que ainda provocam reações como a descrita acima por Caetano Veloso. É ainda interessante ressaltar que esse mesmo conceito também está presente na citação de Benjamim, (1988), quando este menciona que as mudanças ocorridas na sociedade brasileira mantiveram “a desvalorização cultural do trabalho”. O Brasil em que vivemos se particulariza por ser um país onde a valorização do trabalho intelectual ainda está longe de ser um fato, apesar das leis que, por iniciativa de diversos grupos ligados à cultura, vêm sendo promulgadas.

O Brasil quase sempre apresentou um instável quadro político, que se acentuou no início da década de 60, quando o então presidente Jânio Quadros mantinha o país em constante sobressalto com suas ameaças de renúncia que, assim que foram levadas a sério, conduziram o país ao seu mais trágico momento político, com a tomada do poder pelos militares em 1964, os quais ditaram as ordens por cerca de duas décadas.

O golpe militar desembocou no Ato Institucional nº. 5, um instrumento do poder que provocou total retração nas manifestações culturais. A livre expressão, e todos os seus códigos foram banidos pela tesoura do censor. O Estado só admitia manifestações que pudessem ajudar a concretizar a imagem de um Brasil sem conflitos, que vivia um milagre econômico sem antecedentes na história da nação. As artes em geral, e a literatura em particular, tiveram que sair de cena:

Nos anos 1964-78, o Estado Brasileiro foi colocado no centro da produção cultural do país. Mais do que isso, praticamente todas as condições de produção, comunicação e debate das produções artísticas e científicas [...] passaram a ser controladas ou influenciadas pelos ministérios, conselhos, comissões, institutos ou outros órgãos do Estado [...] este não tolera o intelectual que aparece como porta – voz das classes subalternas, em particular do proletariado (IANNI (1978), apud HOHLFELDT, (1985), p. 144).

Assim o Brasil passou cerca de duas décadas, conhecendo uma pretensa abertura política em 1974, quando assume o ditador Ernesto Geisel. Nesse momento, vários escritores,

que gestavam suas obras em silêncio, puderam vir a público e lançaram no mercado diversos trabalhos cuja linguagem e estrutura tinha um aspecto bastante inovador em relação à literatura produzida no país. Eram textos de aspecto realista, quase documental, que transgrediam as fronteiras de gênero e forma. Wander Piroli, Ignácio de Loyola Brandão e tantos outros fizeram parte desse time de escritores (re) inovadores que publicaram naquele momento. Nesse rol estava também o escritor João Antônio.

1.3 AINDA A CAMINHO

Considerando da década de setenta até o final da década de 80, que é o tempo no qual se insere boa parte da produção de João Antônio, a não ser que fosse jornalista, o escritor tinha que enfrentar uma longa batalha para ver seus textos publicados pelas editoras dominantes, como a José Olympio ou a Editora Civilização Brasileira. Além disso, ele tinha que lidar com a realidade do momento, que exigia a elaboração de uma literatura que prestasse um depoimento sobre os acontecidos na realidade, e atentar para as relações comerciais que regiam a difusão das obras naquele momento, conforme destaca Flora Süssekind em *Literatura e vida literária, polêmicas, diários e retratos*

“agora sou profissional”, este é o último verso de um dos poemas *de A teus pés* de Ana Cristina César. Qualificação que se poderia atribuir igualmente ao panorama literário brasileiro de meados dos anos 80. De um lado as editoras vão perdendo o perfil metafórico de “casas” que lhes era atribuído nos áureos tempos da José Olympio e passa a assumir postura empresarial mais agressiva. Os escritores, por seu turno, submetidos gradualmente a um processo de profissionalização inédito em termos de vida literária brasileira, começam, em maior número a “viver de literatura”. (2004, p.151).

O comentário dessa autora sintetiza com propriedade a dinâmica que passaria a reger, com mais ênfase do que nunca, o fazer literário a partir das décadas posteriores a 1970, dinâmica esta que apenas se acirra com o passar do tempo, devido ao surgimento de um mercado globalizado no qual o aspecto econômico é uma prevalência para distinguir o “escritor de sucesso” do escritor que não tem seus textos nas listas dos mais vendidos.

Diante disso tudo é importante destacar um fato que sempre norteou a publicação editorial no Brasil: o livro sempre foi, e ainda é, visto como um objeto de alto custo, cuja posse ainda é restrita a poucos na nossa sociedade, ou como um objeto exótico, cuja posse propicia magicamente o acesso a um mundo estranho à maioria da população, que seria o mundo do letramento. Mesmo levando em consideração a existência de um mercado livreiro

que tenta pôr em circulação uma literatura que se convencionou chamar de literatura de massa, devido a seu potencial para atingir grande número de consumidores, é possível, ainda assim, percebermos o distanciamento entre leitor e obra no nosso país.

Destarte, não nos sentimos autorizados a falar em literatura de massa ou para a massa no Brasil, uma vez que aquele conjunto numeroso e diversificado de consumidores de arte, existente nos países capitalistas mais desenvolvidos, no Brasil resume-se a um grupo que, embora extenso, não representa necessariamente a população brasileira, que em sua maioria ainda considera o livro e, por extensão a cultura letrada, como uma instância distanciada do seu cotidiano:

As obras [...] literárias atingem pequeno público, em qualquer país, principalmente no nosso, onde quase 40% da população são ainda analfabetos ou apenas alfabetizados; uns 50% são formados por semi-analfabetos, e só 10% restantes que formam uma elite intelectual, poderiam ser distribuídos mais ou menos na seguinte ordem: 1 os ignorantes técnicos [...] 2 o burguês típico [...] 3º leitor em potencial sem renda que lhe faculte comprara um livro [...] 4 [...] pequena percentagem de leitor assíduo de ficção (LOPES, 1978, p. 109).

Além de se defrontar com um mercado consumidor descontínuo, em virtude também da precariedade dos transportes no território vasto, a indústria editorial brasileira conta com outros problemas, a saber: o da distribuição e comercialização do livro; o do levantamento [...] do seu próprio parque industrial; o das dificuldades para exportação [...] e o da impressão de livros em língua portuguesa fora da área (ANDRADE, 1978, p. 66).

Apesar de quase duas décadas nos distanciarem do tempo em que os comentários acima foram realizados é possível observar que infelizmente esses dados não sofreram muita modificação, permanecendo essencialmente iguais de 1978 até nossos dias, o que nos leva a deduzir que o livro não é um objeto de fácil difusão no Brasil, sendo considerado ainda como um item de luxo, senão superficial, no cotidiano do brasileiro. Assim, falar em uma produção de/para as massas no Brasil é tentar usar um modelo que não corresponde inteiramente à nossa realidade, sendo talvez mais aconselhável falar em cultura popular/erudita, admitindo

uma visão plural e uma coexistência pacífica dessas duas instâncias na nossa sociedade, como faz Alfredo Bosi no ensaio “Cultura brasileira e culturas brasileiras”:

Se pelo termo cultura entendemos uma herança de valores e objetos compartilhados por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional [...] e uma cultura popular, basicamente iletrada, que corresponde aos mores materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo e interiorano e do homem pobre suburbano, ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna [...] só há uma relação válida e fecunda entre o artista culto e a vida popular: a relação amorosa. Sem um enraizamento profundo, sem uma empatia sincera e prolongada, o escritor [...] se enredará nas malhas do preconceito [...] interpretará de modo fatalmente etnocêntrico e colonizador os modos de viver do primitivo, do rústico, do suburbano (BOSI, 1996, p. 309-331).

O apontamento desse autor delinea um novo vértice para se olhar à literatura brasileira. Um vértice que diz respeito à produção e não apenas a recepção dessa literatura e que se aplica perfeitamente a literatura de João Antônio. A vivência quase cotidiana desse escritor com pessoas que se tornariam personagens de seus livros, tem como implicação não apenas um trabalho de campo em busca de inspiração, mas antes um “enraizamento profundo” que resulta em um processo de produção no qual podemos identificar uma literatura que tem como destino não apenas provocar a consolação do seu público receptor, mas que pretende obcecar esse público (ECO, 1995). E obcecar significa criar situações de questionamentos, situações que possam levar o leitor a adquirir um novo senso sobre seu estar no mundo, um senso que o abstrai da acomodação e o lança em um mundo em que a palavra é um signo revolucionário por excelência:

Literatura significa inconformismo e rebeldia [...] a sociedade pode suprimir a criatividade artística, ou então, aceitando-a, só pode esperar uma chuva de agressões, ironias e sátiras [...] o escritor é incômodo. Quem estar satisfeito não sabe escrever [...] a missão da literatura é esta: intranqüilizar e alarmar. sua função é exata: estimular a vontade de modificar. Quanto mais o escritor denuncia seu próprio país, com paixão, tanto mais ele ama seu país (LLOSA, apud LOPES, 1978, p. 50).

Desse modo é construída a literatura de João Antônio, um autor plenamente integrado ao Brasil do século vinte, um século prenhe de mudanças, conquistas e questionamentos nas diversas áreas de conhecimento do ser humano, inclusive na área da crítica literária. A produção de textos com elaborações estéticas e estruturalmente inovadoras, representou um desafio para a interpretação crítica, que lançou mão de todos os recursos ao seu alcance para comentar a nova literatura que surgia. A esse respeito faremos algumas observações no capítulo que segue.

2. CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA: UM BREVE PANORAMA

Para se entender o movimento de recepção crítica que caracteriza a trajetória literária de João Antônio é necessário fazer alguns apontamentos sobre a história da crítica brasileira e da crítica em geral. Para nossos primeiros críticos, o trabalho de exegese da obra literária demandou primeiro a configuração de um conjunto de obras que realmente pudesse merecer esse título. Como solução para concretizar essa configuração, uma das opções foi buscar no texto características que revelassem a existência do que se denominou chamar “cor local”, a qual seria representada por descrições da então exuberante natureza brasileira ou por relatos de costumes que, de alguma forma, fossem comuns ao brasileiro.

Assim teve início o trabalho de nossos críticos, que foram incorporando ao seu fazer diferentes teorias extra - literárias, como o Positivismo, o Determinismo e até mesmo a Teoria Evolucionista de Charles Darwin, em uma tentativa de fazer uma aproximação do texto literário com a realidade que este “retrata”. Além dessas teorias, os textos críticos daquela época também refletiam aspectos da personalidade dos próprios críticos, o que equivale dizer que a crítica praticada naquele tempo tinha um forte caráter impressionista, o texto era marcado pela presença de um gosto pessoal, que elegia determinadas obras e autores, ignorando outros, fato que, ressalvadas algumas diferenças, ainda é prática corrente nos nossos dias. Um outro aspecto da abordagem da nossa crítica literária inicial era a tendência forte ao biografismo e ao historicismo, o que consistia em considerar o texto literário sempre conjugado à vida do autor e ao momento histórico em que este estava inserido.

Apontar essas características dos nossos primeiros críticos literários não significa de forma alguma depreciar o trabalho então realizado. É importante considerar que essas características são lembradas a partir de um olhar sincrônico, distanciado, que permite observar os textos de então já em sua forma definida, fechada para possíveis revisões e

atualizações. Esse olhar sincrônico nos permite lançar alguns juízos sobre aqueles trabalhos, mas em hipótese alguma nos autoriza a valorá-los positiva ou negativamente.

Entretanto, como a literatura pretende ser uma representação da realidade, e essa realidade sofre constantes mudanças, o texto literário precisou passar por transformações para que mantivesse suas características quanto a ser uma realização ficcional intimamente relacionada com a realidade. As mudanças ocorridas nos textos literários exigiram dos seus exegetas a adoção de novas abordagens. As teorias até então usadas não atendiam mais a análise da obra literária, tornando impossível a permanência do olhar crítico que a visse como representação de um resultado de influências do meio, da raça ou do contexto histórico do autor.

É principalmente no início do século XX que, no Brasil, novas teorias para abordagem crítica dos textos literários começam a surgir. Houve então uma efervescência criativa que gerou diversas possibilidades. João Alexandre Barbosa, em *A leitura do intervalo*, faz um levantamento interessante desse aspecto da crítica brasileira. Ele diz:

Desta maneira, toda a cultura finissecular e dos inícios do século XX aponta para a redefinição não só da história como da própria forma das criações artísticas, obrigando uma reconceituação de suas relações. Estas passam a ser percebidas não mais como uma dependência e condicionamento, mas a partir de uma espécie de interiorização, cujo dogma é dado pelo movimento mesmo de construção dessas estruturas do imaginário e do simbólico... (1990, p.50).

Existe uma imensa diversidade de textos que, de um modo ou outro, refletem sobre o fazer dos nossos primeiros críticos e da crítica literária em geral. No que tange à crítica em geral, merece destaque o texto “Tradição e talento individual” (1971), de T.S. Eliot, no qual se aponta um provável caminho. Diz ele ser necessário que se veja a obra de arte, no caso o texto literário, como um momento de uma voz que está intrinsecamente relacionada com seus antecessores, ao mesmo tempo em que abre novas possibilidades para seus sucessores, de forma que se construa uma corrente no tempo, resgatando e ressignificando o passado,

enquanto lança alicerces para o futuro. Nessa explanação de T.S. Elliot percebemos uma aproximação com as idéias expressas por Antonio Cândido, em *Formação da Literatura Brasileira*, (1957) quando o mesmo expõe sua teoria de literatura enquanto sistema, dependente de uma série de dinâmicas, para que possa se constituir como corpo representativo das peculiaridades de um determinado povo.

Devido às suas particularidades históricas, o Brasil se caracteriza por apresentar uma forte dependência de modelos externos, fator que dificulta a configuração de uma literatura que se possa ter como realmente representativa da cultura nacional. A crítica literária brasileira, também devido às suas contingências históricas, sempre esteve a braços com inúmeras dificuldades quanto a determinar com precisão o que seria, ou não, literatura brasileira. Isso está presente nas tentativas realizadas por nossos primeiros críticos, como Varnhagen, Sílvio Romero, José Veríssimo, Araripe Junior, os quais segundo Costa Lima, (1981) nos deixaram um legado crítico significativo, que impulsionaram o Brasil na direção da construção de sua identidade.

Como já mencionado, a busca de uma teoria crítico - literária, que atendesse às exigências históricas do momento levou à adoção de várias possibilidades de abordagem do texto. Com o passar do tempo, essas dificuldades foram sendo ultrapassadas e, em meados do século XX, já era possível distinguir um conjunto de textos que efetivamente se caracterizasse como literatura brasileira. Todavia, mesmo quando já tínhamos uma consciência mais clara sobre esse tema, ainda assim o trabalho da crítica não ocorria de forma consensual. Vem da década de 50 o famoso embate entre Afrânio Coutinho e Antonio Cândido, conforme nos indica Flora Süssekind em *Papéis colados* (1993)

Porque a trajetória de Candido e Afrânio lembra por vezes o conto “duelo”, de Guimarães Rosa. Nele há um confronto esperável. para Afrânio a constituição de um ‘sistema literário’ não é propriamente uma questão, trata-se, na verdade, de registrar as diferentes manifestações literárias que se sucederam no Brasil. E é esta uma das trilhas que em mais se afastam

Candido e Afrânio o interesse de Candido não é pela literatura que circula no Brasil, mas sim pelo momento em que ela passaria a constituir sistema por aqui. (p.23).

Essa querela trouxe a público as diferenças entre as teorias crítico - literárias expressas por Antonio Candido e Afrânio Coutinho, as quais, ainda conforme Sússekind, seguem paralelas, mas não encontráveis, buscando Afrânio a adoção de uma crítica que se pautasse pelo estético, enquanto Candido procurava, prioritariamente, estabelecer as relações históricas de produção do texto literário, sem contudo relegar a elaboração estética do mesmo. É nessa pluralidade de pensamentos que se desenvolve a crítica literária mais recente em nosso país. Esse embate entre as diversas correntes críticas deve ser encarado de forma positiva, como índice de uma constante busca por um método crítico que realmente atenda às necessidades de análise da nossa literatura.

Entretanto, seja qual for o método de abordagem do texto literário, principalmente daquele produzido no que se convencionou chamar de modernidade, é óbvio que sempre haverá questionamentos. Esses questionamentos refletem a angústia do homem diante de um objeto que incorporou, em sua estrutura e conteúdo, uma multiplicidade de recursos que alteraram profundamente suas características. Dentre os inúmeros autores que praticam esse tipo de escrita, em que forma, conteúdo e tema se constroem a partir de uma realidade fragmentada, está João Antônio.

A literatura desse autor teve desde seu primeiro lançamento, uma acolhida auspiciosa por parte da crítica, indo a conhecer momentos de intensa visibilidade e momentos de quase completo ostracismo no cenário da crítica literária brasileira, como podemos constatar na descrição do material que compõe nosso *corpus*.

3. DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Por ser uma continuidade e ampliação dos trabalhos realizados por Pereira (2001) e Ferreira (2003), o presente estudo segue a sistematização estabelecida por essas duas autoras nas suas dissertações, as quais abrangeram os períodos entre 1963-1976 e 1978-1989 respectivamente. Nos projetos que realizaram as autoras estabeleceram o seguinte padrão para os textos trabalhados:

- 1) bibliográficos
 - a) entrevista
 - b) reportagem
 - c) referência em coluna literária
- 2) resenhas críticas
 - a) em periódicos por ocasião de lançamentos de obras
- 3) estudos da obra
 - a) ensaios e artigos em livros
 - b) ensaios e artigos em periódicos

Considerando que essa classificação apenas parcialmente comporta os textos publicados entre 1990-1996, adaptamos então o modelo criado por estas pesquisadoras para categorização do nosso *corpus* criando algumas variações, as quais se justificam na medida em que aparece nova modalidade de textos que não foram contempladas por Ferreira ou Pereira, como é o caso, por exemplo, dos textos depoimento. Assim a tábua de convenções aqui utilizada tem a seguinte configuração:

C Comentários

E Ensaio

R Resenha

Ci Citação

D Depoimento

B Biografia

Cn Conto

En Entrevistas

Nosso corpus é constituído por duas fontes, ambas já sumariamente trabalhadas por Pereira (2001) que as denominou *Pasta 1990-1996*, e *Pasta de textos sem data*. Destarte, o trabalho desta pesquisadora nos permitiu o acesso a um material sumariamente organizado, fato que muito facilitou nossa tarefa, realizando assim uma das aspirações expressas por Pereira em sua dissertação:

O pesquisador terá um arquivo organizado de modo a facilitar o seu trabalho, sem perder de vista o espaço emotivo da seqüência dos textos organizados por João Antônio. Isto será possível, pois, como já citado, o estudioso deste terá disponível o índice de todo o material original, podendo, assim, tecer suas comparações quando preciso. (2001, p. 24)

O critério utilizado para estabelecer essa convenção para organizar os textos com que trabalhamos obedece à distinção que é possível fazer entre textos de ensaio crítico e aqueles que são apenas resenhas, destinadas a chamar a atenção do público sobre determinada obra. O ensaio pode ser considerado como uma leitura mais consistente da obra, enquanto a resenha, na maioria das vezes, se atém a destacar pontos mais visíveis da obra, que possam despertar a curiosidade do leitor. Dentro do nosso trabalho, conforme fica visível na organização que exporemos mais adiante, tanto o texto resenha, quanto o comentário curto foram as principais modalidades que veicularam a obra de João Antônio durante o período por nós estudado. Nesse sentido é interessante observar o contraste, não só quantitativo, mas também qualitativo, no que diz respeito à divulgação e presença do autor João Antônio nas páginas da nossa imprensa.

Para efetivação do nosso trabalho seguimos então os seguintes passos: leitura e descrição dos textos, indicação de suas respectivas datas, locais de publicação, nome do autor, número de páginas, etc., ou seja, procuramos organizar esses textos de forma mais sistemática possível, no intuito de legar a futuros pesquisadores uma fonte de acesso rápido e confiável, que agilize e otimize futuros estudos sobre esse autor. Assim, o *corpus* com que lidamos recebeu a seguinte configuração final.

Pasta de 1990-1996 – Nessa pasta foi localizado um conjunto de oitenta e dois textos, os quais se subdividem em:

C Comentários: 38 textos.

E Ensaio: 1 texto

R Resenha: 14 textos

Ci Citação: 17 textos

D Depoimento: 2 textos

B Biografia: 2 textos

Cn Conto: 1 texto

En Entrevistas: 7 textos

Cronologicamente, esses textos se apresentam do seguinte modo: 1990-09 textos; 1991 – 35 textos; 1992 – 13 textos; 1993 – 01 texto; 1994 – 08 textos; 1995 – 06 textos; 1996 – 10 textos. Como podemos notar há uma oscilação decrescente da presença de João Antônio na imprensa escrita no período por nós estudado, oscilação esta que atinge seu ponto mais baixo no ano de 1993, quando encontramos apenas um texto referente ao autor, e tem como ápice o ano de 1991, quando foi possível localizar 33 textos que referenciam João Antônio. No ano de 1990 foi dominante a presença de textos sobre a obra *Zicartola! e que tudo mais vá por inferno*, cujo lançamento ocorreu naquela época.

Como é visível na distribuição dos textos, o ano de 1991 foi o período em que João Antônio mais freqüentou as páginas dos jornais, porém vale ressaltar que essa freqüência se deu, na maioria das vezes, sob a forma de menção ao nome do autor ou em notas curtas sobre lançamentos de obras. As menções que se faziam quase sempre conjugavam a imagem do autor de *Dama do encantado* (1996) a militância pela profissionalização do escritor, ou sob forma de apropriação de alguma frase dita por João Antônio a respeito de alguma personalidade da cultura brasileira, como se pode observar na citação abaixo:

Ênio era um tipo carismático e eu tinha medo de me aproximar dele. Eu chorava minhas mágoas com Mário da Silva. Os originais de “Malagueta Perus e Bacanaço” tinham sido consumidos num incêndio na casa de meus pais. Mário me obrigou e reescrevê-lo na biblioteca Mário de Andrade e Ênio apostou no livro que me lançou. Era 1993. (ANTÔNIO, João, *Jornal O Estado de São Paulo*, 1996).

Nessa citação está implicitamente inscrito um traço muito pertinente à recepção crítica das obras de João Antônio: o contato que este mantinha com figuras do mundo editorial. Esse fator distingue um dos traços que consideramos ser distintivo da construção do projeto literário de João Antônio, o qual seria a inserção de suas obras no mercado editorial e consumidor.

Um outro ponto que destacamos ainda no trabalho com os textos do período 1990-1996 tangencia a publicação de mais dois livros de João Antônio, intitulados *Um herói sem paradeiro, vidão e agitos de Jacarandá, o poeta do momento* (1993) e *Patuléia gente das ruas* (1996). Nosso destaque é no sentido de que essas obras praticamente não tiveram repercussão na imprensa, merecendo apenas um artigo e dois artigos a primeira e a segunda obra respectivamente. A esse respeito, nossa hipótese é de que essa ocorrência se deve ao fato daquelas obras apresentarem apenas textos já publicados em outros livros do autor, às vezes até em mais de uma obra, como é o caso do texto *Milagre chué*, inclusa em obras anteriores como, *Dedo duro* (1982), *Sete vezes rua* (1996), e também na já citada *Um herói sem*

paradeiro... (1996). Contudo, a nosso ver, essa ‘migração’ de um texto e conseqüentemente de personagens entre diversas obras, embora aparentemente não mereça a atenção da crítica periodística, revela-se com uma fonte de interessantes estudos para a crítica acadêmica, se concordarmos com Umberto Eco quando este diz: *quando se põem a migrar de um texto para o outro, as personagens ficcionais já adquiriram cidadania no mundo real e se libertaram da história que as criou* (1994, p.132).

Nessa citação Eco aponta um interessante recurso do qual se pode valer o texto literário para construir sua representação de mundo, pois quando um autor aprofunda seu olhar sobre um determinado personagem, certamente isso não ocorre de forma ingênua, podendo assumir diversas significações, cujo desvelamento influi na compreensão da obra. Esta observação se torna particularmente pertinente no caso de João Antônio, um autor profundamente consciente da construção do texto literário e extremamente coerente na condução de seu projeto estético temático.

Comentando especificamente a obra *Um herói sem paradeiro, vidão e agitos de Jacarandá, o poeta do momento* (1996), percebemos que o elo entre cada conto é a presença de um mesmo personagem, homônimo da obra, o qual percorre diversas situações, que vão desde uma vida plenamente reconhecida socialmente, até a experiência com o mais profundo preconceito. Essa obra será mais bem estudada em um capítulo a parte, pois consideramos que ela pode representar, metaforicamente, uma particular visão de mundo do autor João Antônio sobre o momento que vivia em 1990 até sua morte em 1996.

No que diz respeito a *Sete vezes rua...*, (1996)⁴ ali foram reunidos sete contos diversificados, os quais também se achavam dispersos em várias obras de João Antônio. A característica comum a esses textos é a presença de personagens profundamente comprometidos com a própria sobrevivência e representados com toda a elaboração estética e

⁴ É interessante observar a ‘coincidência’ entre o título e o número de contos existente na obra, fato que merece um estudo mais detalhado o qual infelizmente transborda dos limites de nosso atual trabalho.

lirismo que sempre esteve presente nos textos de João Antônio. Nesta obra encontramos os textos: *Milagre chué*, *Flagrante pequeno da mini guerra no metrô*, *Mariazinha tiro a esmo*, *Busca*, *Mendigos e mafueiros*, *Dois Raimundos e um Lourival e Morro da conceição*. Estes textos também podem ser encontrados nas seguintes obras: *Ô Copacabana* (1978) e *Malhação do Judas Carioca* (1976); *Malagueta Perus e Bacanaço* (1963); *Dedo duro* (1982); *Antologia de cronistas do Estadão* (1991), respectivamente. Apenas os textos *Mendigos e mafueiros* e *Morro da conceição* parecem ser inéditos em *Sete vezes rua*, entretanto não descartamos a possibilidade destes textos estarem presentes parcial ou integralmente em publicações dispersas em periódicos, isto porque era habitual em João Antônio reescrever alguns textos com materiais retirados de reportagens mudando, no mais das vezes, apenas a localização de alguns parágrafos.

Essa estrutura, que nos lembra um processo de bricolagem dos próprios escritos, fica bastante presente no conto *Publicitário do ano*, (1996) cuja matriz parece ter sido uma reportagem publicada no jornal *Pasquim* (agosto de 1974) sob o título *Burro paulistano não é*. Nesses dois textos existem vários pontos de contato, fato que já foi trabalhado quando da indexação das crônicas joaoantonianas publicadas no jornal *Pasquim*, durante o trabalho de iniciação científica que realizei no período entre 2002-2004, cujo resultado final foi o ensaio *João Antônio: entre e a realidade e a ficção*, enviado a FAPESP em final de 2004.

Voltando ao presente trabalho, percebemos nos apontamentos realizados que, entre 1990-1996, a crítica deu maior visibilidade às obras *Zicartola! e que tudo mais vá por inferno* (1991) e *Dama do encantado* (1996), uma vez que essas obras contam com um maior número de referências em relação a *Patuléia gente das ruas*, (1996) *Sete vezes ruas* (1996) e *Herói sem paradeiro...* (1996). Alguns críticos até mesmo chegaram a comentar a obra *Zicartola! e que tudo mais vá por inferno*, (1991) em mais de um artigo, como é o caso do crítico Adelino Brandão, o qual publicou os textos *A estética do autêntico* (22/11/1991), *Zicartola! um livro e*

uma filosofia (27/10/1991) e novamente este mesmo título em 14/02/1992, em três jornais de diferentes estados brasileiros, Rio de Janeiro, São Paulo e Belém do Pará, respectivamente, com raras modificações.

São três longos textos que enfatizam a amizade entre João Antônio e o crítico Adelino Brandão, destacando o trabalho lingüístico, a presença do ‘povo’ e o aspecto de denúncia social presente na obra *Zicartola!*. Essa forma de crítica se detém em comentários superficiais e recorrentes, característica presente nos textos que recepcionaram a obra de João Antônio, e que foram sintética e apropriadamente comentados pela pesquisadora Cássia Ferreira (2003) quando realizava o trabalho que tinha por alvo a fortuna crítica deste autor no período entre 1977-1989

Nesse período marcado por tais turbulências, há uma necessidade dos escritores, ao menos, os inconformados, de criar uma estratégia para a sobrevivência neste mundo caracterizado por conflitos sociais e econômicos, que desestruturavam a forma dos intelectuais lidarem com o mercado editorial. Era preciso outra maneira de se relacionar com o mundo (novo) da produção literária. Daí, a constante luta pela profissionalização do escritor, altamente comprometida, devido a um contexto social marcado pela competição e pelo consumo imediato e descartável. Diante desses fatores, falta-nos mencionar a questão da pouca familiaridade da crítica com um novo estilo de narrar do escritor. Percebemos que nas primeiras produções do autor havia uma incansável tentativa em classificar os livros de João Antônio: ficção, conto-reportagem, neonaturalista, realismo crítico e várias outras classificações. (2003, p.80-81)

Pelos comentários dessa autora podemos notar quão circular em suas explicações foi a recepção crítica da obra joaoantoniana, uma vez que encontramos o mesmo padrão de abordagem da obra de João Antônio em períodos que vão desde 1967-1976 trabalhados por Pereira, passando por 1977-1989, trabalhados por Ferreira, até 1990-1996, período trabalhado por nós. Essa observação pode ser um indício da grave crise por que passa a crítica brasileira na sua forma de abordagem do texto literário, uma vez que percebemos uma espécie de padronização, sem inovações, no *metier* de alguns críticos brasileiros. A tendência em

conjugar obra e vida, nas análises praticadas por alguns críticos literários, instituiu-se como uma espécie de porto seguro, que permite ao exegeta alguma tranqüilidade na abordagem do texto, embora possa concorrer para uma visão reducionista da obra. Entretanto, embora essa visão tenha perdurado por um longo tempo, alcançando inclusive o período por nós trabalhado, cabe apontar a existência de autores críticos que se desvencilharam desse modelo de crítica, realizando um trabalho no qual a obra é o foco principal da análise, embora elementos externos possam auxiliar na sua compreensão, conforme destaca Costa Lima

Na área dos estudos literários, já possuímos elementos capazes de, através das mais freqüentes trocas de informações, desenvolver esta linha, utilizando-se procedimentos, metodologia e princípios teóricos sem duvida diversos, que, no entanto, poderiam ser repensados e retrabalhados com vista àquele fim. (1981, p. 26)

Para encerrar a descrição do material existente na pasta 1990-1996, vejamos como se deu a recepção crítica da obra *Dama do encantado* (1996). Nessa obra estão presentes treze textos, alguns dos quais já tinham sido publicados em obras anteriores do autor, como é o caso de *Leão de Juba Grande* (Zero Hora, 1977) *Meus tempos de menino* (Antologia do Estadão, 1991) e *Fera* (Malagueta, Perus e Bacanaço 1993). Os contos *Almas da galera*, *Garrincha impossível*, *Pingentes*, *Antes que o poeta fizesse 80 anos*, *Joubert-Maringá*, *Dalton exporta a lua pálida dos vampiros*, *Encantador e lúcido João do Rio*, *Romancista com alma de bandido tímido*, *Ajuda-me a sofrer e Dama do encantado*, também constantes em *Dama do encantado*, não foram localizados em outras publicações, apresentando-se, portanto, como inéditos. Entretanto, essa obra mereceu apenas 10 referências na imprensa escrita, sendo três notas curtas e sete ensaios cujo teor apresenta a obra como um trabalho de resgate de personalidades e temas populares que tinham caído em esquecimento.

Desse modo, o que observamos nesse conjunto de oitenta e dois textos publicados no período entre 1990-1996 é que a presença de João Antônio na imprensa aconteceu de forma irregular, tendo ocorrido apenas uma referência no ano de 1993 e trinta e cinco publicações

em 1991. Em resumo, o que caracteriza esse período é um progressivo afastamento do autor João Antônio da imprensa brasileira, fato que pode ser atribuído a diversas possibilidades, entre elas a falta de publicações de obras inéditas, ou a um crescente desencantamento do escritor com o que chamava de ‘razão de viver’, ou seja, a literatura. Não queremos dizer com isso que João Antônio estivesse desistindo de escrever, uma vez que sempre ficou patente a sua necessidade de estar envolto no embate com as palavras, pois diversas foram as entrevistas em que o autor ressaltou esse aspecto de sua personalidade, enfatizando isso no texto *Ajuda-me a sofrer*, publicado na própria obra *Dama do encantado*. (1996); mas talvez não seja descabido pensar que esse momento da vida de João Antônio aponte para um limite nas experimentações lingüísticas e estruturais que caracterizavam todas as obras do autor de *Dedo duro* (1982), desde sua estréia em 1963, com *Malagueta Perus e Bacanaço*, a obra que até hoje é apontada como a melhor realização ficcional de João Antônio.

Feitas estas observações, passaremos então à descrição do material da *Pasta textos sem data*. Como já foi mencionado devemos essa denominação a Pereira (2001), a qual, no momento do seu trabalho, não tinha como objetivo esta datação, já que necessitou fazer um recorte no *corpus* que iria abranger, conforme comenta

Concluída a organização definitiva dos textos, decidi fazer um recorte no período completo de publicação dos títulos (1963-1996), restringindo os textos a serem resenhados ao período de 1963 a 1976. [...] Tal recorte também se determinou pelo tempo que teria para concluir o trabalho, sendo que a maior parte do período destinado ao desenvolvimento da pesquisa ficou comprometida com a organização do arquivo. (p.25)

Desse modo, o nosso trabalho com esses textos se deu no sentido de realizar a descrição do conteúdo dos mesmos, e tentar datá-los de forma mais exata possível. Para tanto nos ativemos basicamente às indicações contidas no próprio texto, as quais nos revelam, senão de modo exato, de um modo aproximado, a data de sua publicação. Vale ressaltar que os textos aqui mencionados, na maioria das vezes, não possuíam quaisquer indícios de autoria

ou local de publicação. Assim, a partir de pistas existentes no próprio texto, foi possível datar quase todos os escritos com os quais trabalhamos, embora tenha sido impossível, em alguns casos, precisar sua autoria e local de publicação. O importante, porém, é que agora cerca de 70% desses textos ‘sem data’ já podem ser temporalmente localizados⁵, o que muito facilita futuros trabalhos que possam vir a acontecer abrangendo esse material.

Esse conjunto de 178 textos versa sobre diversas obras de João Antônio, entretanto poucos deles se referem ao período de 1990-1996, sendo a maioria localizada em períodos anteriores, conforme apontaremos na descrição a seguir.

Dez textos referenciam a obra *Lambões de caçarola* (1997); vinte e cinco textos referenciam a obra *Zicartola! e que tudo mais vá pro inferno!* (1991); vinte e um textos comentam a obra *Casa de loucos* (1976); trinta textos comentam a obra *Abraçado a meu rancor* (1986); quinze textos fazem referência à obra *Calvários e porres do pingente Alfonso de Lima Barreto* (1997); 25 textos que versam sobre a obra *Malagueta Perus e Bacanaço* (1963); 15 textos que referenciam a obra *Leão de chácara* (1975), e o restante, em um total de trinta e sete textos, são comentários generalizados sobre João Antônio, como notas de participação em eventos culturais e citações por parte de terceiros. Como podemos ver, esses textos não se inserem no período principal de nossa pesquisa, todavia eles também fornecem subsídios para nossas inferências sobre a realização do autor quanto à estruturação e manutenção do projeto literário que encetou desde sua primeira publicação em 1993, com a obra *Malagueta Perus e Bacanaço*.

O conjunto de 178 textos contidos nessa pasta recebeu a seguinte configuração:

C Comentários 110 textos

E Ensaios: 5 textos

R Resenha: 17 textos

⁵ Essa datação, entretanto, tem um caráter sumário, devido ao fato de não ter sido possível localizar de maneira precisa dados informativos essenciais na maioria dos textos trabalhados.

Ci Citação: 15 textos

D Depoimento: 4 textos

B Biografia: 3 textos

Cn Conto: 1 texto

En Entrevistas: 24 textos.

Como podemos observar, nessa pasta encontrava-se, praticamente, o dobro de textos em relação à pasta referente ao período entre 1990-1996. Esse apontamento reforça o afastamento de João Antônio da imprensa brasileira, pois mesmo tendo publicado três obras somente no ano de 1996, (*Dama do encantado*, *Sete vezes rua* e *Patuléia gente das ruas*), por mais de meia década este autor foi comentado apenas oitenta e duas vezes nas páginas dos jornais, conforme apontamos na descrição do período 1990-1996 feita acima. Claro que não nos escapa o fato de que na pasta *texto sem data*, havia uma profusão de textos dos mais diferentes períodos, entretanto, a predominância, conforme descrevemos, situa-se nos anos entre 1976-1990, quando ocorreram as publicações das seguintes obras: *Leão-de-chácara*, 1975, *Malhação do Judas carioca*, 1975, *Casa de loucos*. 1976, *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, 1977, *Lambões de caçarola*, 1977, *Ô Copacabana!*, 1977, *Noel Rosa*, 1982, *Dedo-duro*, 1982, *10 Contos escolhidos*, 1982, *Meninão do caixote*, 1983, e *Abraçado ao meu rancor*, 1986. É curioso observar que estes livros também continham textos já publicados em outras obras, fato que as assemelha às obras *Um herói sem paradeiro, vidão e agitos de Jacarandá o poeta do momento* (1993) e *Patuléia gente das ruas* (1996), obras que, conforme comentamos, não mereceram destaque por parte da imprensa. A que se deve esse fato só nos é possível levantar algumas hipóteses, sendo a mais manifesta, porém não a mais apropriada àquela que vê na reedição dos textos uma condição para que a crítica não se entusiasmasse em comentar tais obras.

Desse modo, o nosso contato com a pasta *Textos sem data* consistiu em recolher e atualizar os textos que fizessem referência direta ao período alvo do nosso trabalho, anexando-os aos já existentes na pasta '1990-1996', e locando o restante dos textos nas pastas respectivas, no caso dos textos que foi possível localizar com exatidão a data de publicação, ou organizando uma nova pasta para aqueles cuja data foi estabelecida por aproximação. Todo esse trabalho está visível na elaboração dos anexos que acompanham esta dissertação⁶.

No decorrer do período em que trabalhamos com esses textos críticos, foi necessário manter um estreito contato com as pesquisas realizadas anteriormente que também abordavam a fortuna crítica desse autor, assim também como foi necessário um diálogo com a pesquisadora Roberta Pires que dá continuidade ao trabalho, abordando a fortuna crítica sobre João Antônio publicada em periódicos a partir de 1996. Do contato com os textos de nosso *corpus*, das leituras dos textos anteriores e das conversas mantidas com a pesquisadora Pires, construímos algumas reflexões sobre a recepção crítica da obra de João Antônio, reflexões estas que estão presentes e constantemente reiteradas ao longo do nosso trabalho, como por exemplo, a falta de textos ensaios que se aprofundassem na análise dessas obras. Um outro apontamento que os textos nos revelam é a consciência, por parte de João Antônio, sobre a necessidade de profissionalização do escritor brasileiro, pois principalmente a partir de 1990 são vários os textos em que ele aborda esse tema. Um outro apontamento que se tornou patente durante a o trabalho com os textos localizados dentro do período de nossa proposta foi o progressivo afastamento do escritor da imprensa escrita, conforme já reiteramos momentos atrás,

⁶ Nas pastas que organizamos é possível encontrar não apenas textos da fortuna crítica propriamente dita, mas também textos de autoria do próprio João Antônio. A inserção desses textos junto com o material de fortuna crítica se justifica por pretendermos manter o máximo possível a composição original do material, respeitando a organização que o próprio autor realizou.

Uma leitura particularmente atenta desses dados nos levou a procurar sua representação na obra do autor, na tentativa de entender como João Antônio expressaria, na sua produção literária, os questionamentos que realizava sobre fatos da realidade. Nesse sentido, uma obra em particular nos chamou atenção: *Um herói sem paradeiro, vidão e agitos de Jacarandá, o poeta do momento*, a qual abordamos no capítulo a seguir.

4. JACARANDÁ – O HERÓI DEMASIADO HUMANO

De 1990 a 1996, João Antônio publicou seis obras, das quais apenas duas mereceram atenção especial por parte da mídia: *Zicartola! E que tudo mais vá por inferno* (1991) e *Dama do encantado* (1996). Entre as obras de menor repercussão encontra-se *Um herói sem paradeiro, vidão e agitos de Jacarandá, o poeta do momento*. Editada em 1993, essa obra reúne sete contos que foram previamente publicados em outros livros do autor, e conta com ilustrações de Jose Juan Balzi, contendo também uma ficha de orientação para leitura, fato que é significativo na incursão que João Antônio fez no mercado paradidático, incursão esta que teve início com a obra *Lambões de caçarola* (1978), conforme já mencionado nesse trabalho. Em *Um herói sem paradeiro, vidão e agitos de Jacarandá, o poeta do momento*, (1996) João Antônio reúne textos cujo centro é Jacarandá, uma personagem que vivencia diversas situações, sendo o principal fio estruturador da obra, embora outros elementos contribuam para construir a sua unidade temática, como veremos mais adiante.

O modo caótico e, aparentemente sem nexos, com que as histórias nos são apresentadas em *Um herói sem paradeiro...*, expõe um significativo paralelo com o momento pessoal vivido por João Antônio. Conforme já comentamos, a metade da década de 1990 foi um momento de ocaso na trajetória midiática desse autor; segundo apontam os textos críticos por nós trabalhados; nesse momento o autor praticamente desapareceu das páginas da imprensa, fato que certamente afetou sua visão de mundo a respeito do universo literário.

De acordo com Nízia Villaça, a década de 1990 se caracteriza por ser um momento de profundas mudanças na configuração sociopolítica, e conseqüentemente literária de nosso país. O período da ditadura, com suas estruturas restritivas, que levava à realização de uma literatura essencialmente de denúncia ou engajada, para usar um termo caro aos militantes da época, em 1990 já não tinha tanta visibilidade. Uma nova configuração para

literatura estava se esboçando no Brasil, a modernidade cedia lugar à pós-modernidade, inaugurando novas vertentes literárias.

Parece-me que o que veio se disseminar, sobretudo via Estados Unidos, como sinônimo de pós-modernidade foi justamente a visão despolitizada do “vale tudo” do pastiche, da intertextualidade infinita [...] o paradigma que regia o projeto moderno é repensado, discutido, negado ou reafirmado com base em diferenças ou identidades. A possibilidade ou não do novo é um dos pontos básicos da polêmica articulado com a questão do engajamento, uma vez que a presença do fator ético implícito na mudança moderna era determinante do novo desafio, do espírito novo, fosse ele romântico, ou surrealista (VILLAÇA, 1990, p.26-27)

Nesta citação estão presentes algumas das características que marcariam o texto veiculado, sobretudo a partir da década de 1990. Vivíamos um momento da construção de uma literatura de caráter psicológico, que não mais tematizava apenas as problemáticas de um regime ditatorial, mas que trazia preocupações mais intimistas. Claro está que, no Brasil daquela época, esse tipo de literatura ainda não possuía vigor suficiente para se estabelecer de forma consistente, devido mesmo às particularidades da recepção crítica no Brasil, e também às condições que pautavam o mercado editorial brasileiro. Ainda éramos (ainda somos?) um país de intensas contradições sócio-culturais e financeiras.

Elegemos *Um herói sem paradeiro...* para destaque especial do nosso trabalho por considerarmos ser essa uma obra que sintetiza de maneira metafórica a trajetória do autor de *Dedo Duro* (1982), no seu embate com a literatura. Para que essa afirmação faça sentido, é necessário que nos detenhamos em cada um dos contos presentes na obra, explorando-os, a fim de extrair as potencialidades ali contidas. Esse é nosso próximo passo.

4.1 QUE MILAGRE?

O conto que abre a antologia tem por título ‘Milagre chué’ e, grosso modo, é possível resumi-lo como “uma espécie de conto de fadas, em que uma bruxa o condena [Jacarandá], a ser eternamente pobre, a outra personagem, a fada, dispusera a ser invariavelmente rica!” (LUCAS, *Um herói sem paradeiro...*, p.3, 1993). Importante destacar que a maioria dos contos dessa obra inicia com uma dedicatória, ou uma epígrafe, fato que pode ser significativo para desvelar sentidos na obra.

‘Milagre chué’ tem como epígrafe uma frase de François Villon, “nada é mais seguro do que as coisas incertas”. Essa epígrafe antecipa a temática do conto, dando ao leitor a filiação do herói que ali será apresentado. Assim como François Villon, poeta francês considerado ‘maldito’ devido ao seu estilo nômade e sua escrita irônica, Jacarandá comerá o pão que o diabo amassou, em um percurso que vai de decadência à degradação em um processo progressivo de reificação do qual é salvo apenas pelo aspecto onírico introduzido na obra pela presença do elemento fantástico, simbolizado na figura da fada ‘má’, que é considerada como responsável pelo destino ‘ruço’ que cerca o personagem.

Assim como François Villon, Jacarandá exerce inúmeras profissões, na tentativa de se conduzir dentro dos limites de uma certa moralidade exigida pela sociedade burguesa, mas um destino padraço o leva sempre a situações de marginalização, não lhe dando oportunidades. E vivenciar situações que não estejam sempre, e de modo premente, ligadas à sobrevivência.

Temos nesse conto diversos elementos que ultrapassam a simples característica de crônica social, conforme era hábito da crítica enxergar as obras de João Antônio. Em ‘Milagre chué’ o que mais se evidencia é a presença do elemento que caracteriza o Conto Maravilhoso, categoria exaustivamente estudada por Vladimir Propp e outros teóricos. Presentificado na figura das fadas que conduzem o destino dos personagens, agindo de maneira arbitrária,

premiando e castigando a seu bel prazer, é importante observar que em ‘Milagre chué’ esse elemento está inserido em um contexto paródico, pois, embora mantenha algumas características dos personagens originais (a fada ‘boa’ apresenta-se em uma carruagem ajaezada de fulgores, assim como na visão tradicional), a fada ‘má’ perde toda referência aos contos tradicionais por se apresentar como um personagem sem motivações específicas que a façam agir daquele modo impiedoso. Enquanto o Conto Maravilhoso tradicional apresenta toda uma estrutura guiada por causa e conseqüência, em um modelo lógico que leva à premiação do herói e punição do vilão, em ‘Milagre chué’ essa estrutura é inteiramente deslocada.

Nesse texto a vida do ‘herói’ está inteiramente fora dos padrões assentes; tanto a ‘boa fada’ quanto a ‘fada má’ agem de forma contrária ao modelo que sempre as caracterizou, tomando atitudes arbitrárias que mais prejudicam que beneficiam seus protetores, sendo que o único gesto de bondade parte justamente da fada ‘má’, embora ocorra em um momento de distração desta. Além desses elementos subversores da estrutura tradicional do Conto Maravilhoso, a filiação da epígrafe com uma personagem da vida real (François Villon), é mais um elemento para distanciar ‘Milagre chué’ da visão clássica do conto de fadas. O próprio título já nos antecipa essa inversão, e imprime um tom irônico ao texto, ao unir os vocábulos ‘milagre’ e ‘chué’, pois enquanto o primeiro nos remete a um campo semântico do Maravilhoso, o segundo vocábulo contradiz essa remissão, imprimindo uma atmosfera de estranhamento na obra desde o princípio, uma vez que o vocábulo ‘chué’ está circunscrito ao campo semântico do popular, do cotidiano.

Nessa desconstrução de padrões, eivada de ironia, se instala o sentido profundo do texto. O que temos nas entrelinhas do conto ‘Milagre chué’, é a exposição da face solitária de um ser humano que, apesar de ter sua vida regida por forças que aparentemente não consegue controlar, não desiste de viver, mesmo quando recebe abruptamente a notícia de que jamais a

sorte lhe será mãe, tratando-o sempre como um dos rebotalhos da vida. É essa imagem solitária, mas persistente, que o conto entranha na retina do leitor.

4.2 NAS ENTRANHAS DA SUPERFICIALIDADE

O segundo conto presente em “*Um herói sem paradeiro, vidão e agitos de Jacarandá, o poeta do momento*” traz o título ‘Nas entranhas’, e é dedicado a Millôr Fernandes com as seguintes palavras: “Consagro a Millôr Fernandes, para quem o humor é a quinta - essência da seriedade e do pensamento”. Resumido em poucas palavras, esse conto tematiza um dos momentos mais candentes da história política do Brasil. Ali, o foco é o confisco do dinheiro dos cidadãos brasileiros, ocorrido em 1990, pelo então presidente Fernando Collor.

Nesse conto, um dos elementos que mais envolve o leitor é a crescente angústia que toma conta do personagem principal ao receber a notícia de que seus bens estavam bloqueados. Da irritação inicial, por ser acordado em plena manhã de domingo e com uma ressaca homérica, Jacarandá entra em um intenso estado de agitação que o leva às portas de um ataque cardíaco. No momento quase final do texto, o leitor é induzido a pensar que realmente vai acontecer uma morte na história, porém, no parágrafo seguinte, quando a mãe do personagem fala: “acabou o quê? acorda meu filho!” (ANTONIO, p. 22, 1993) ficamos em dúvida se devemos gargalhar, ou chorar diante do engodo no qual estávamos envolvidos desde o início da narração.

Como antecipa a dedicatória, este é um texto para ser lido sob a clave da ironia, uma ironia amarga e contundente, que introduz o leitor no mundo das preocupações dos grandes empresários, que viram seus bens apreendidos de forma arbitrária por um governante que eles mesmos colocaram no poder. A grande surpresa para o leitor acontece no final do conto, quando percebe que todo aquele quadro de angústia, descrito durante a narração, não passava de sonho da personagem. É nesse momento do texto que se revela toda a ironia da narração, pois é quando se torna explícita a superficialidade que marcou esse período econômico no Brasil. Se tentássemos extrair uma moral da história, poderíamos chegar ao seguinte

comentário: confisco de bens? Apenas um grande susto momentâneo, porque na realidade nada mudou.

É dessa fusão entre realidade e ficção que se alimenta a literatura de João Antônio. Contudo, a realidade aqui é apenas a fonte de onde provêm os fatos para construção de uma representação. Ao elaborar o conto em uma atmosfera onírica, João Antônio introduz na obra um recurso que o distancia da escrita neonaturalista, ou realista, pois ali não há apenas recolha de dados e sua remissão à realidade; é praticamente ponto pacífico entre os teóricos de literatura que a realidade funciona como pano de fundo para construção da obra literária, senão das artes em geral, o que, de certo modo, implica aceitar um estreito vínculo entre arte e realidade, sendo esta primeira elaborada para refletir o momento social, histórico e cultural no qual se insere, sem, contudo servir apenas de documento desse momento, mas de expressão estética dos questionamentos e angústias do homem. Assim sendo, é possível dizer que toda produção artística precisa de um contexto para completar seu sentido.

Sugestivo por demais é o título desse conto de João Antônio. Ao se deparar com o termo 'Nas entranhas' o leitor é induzido a procurar um sentido mais profundo para o texto. Entretanto uma primeira leitura deixa algo como um vazio na mente do leitor, pois, embora a narrativa seja de um momento aparentemente angustiante, o final a transforma em algo desconfortável, como se o narrador estivesse o tempo inteiro a pregar uma peça no leitor. Afinal toda a ansiedade vivida pelo personagem, o quase ataque cardíaco, a cena dramática de perambulação de Jacarandá pelo centro comercial da cidade um dia após o confisco do dinheiro dos cidadãos no final se configura como sendo apenas um pesadelo... Afinal de que entranha está se falando nesse conto? É nesse momento que uma segunda e mais atenta leitura nos dá a chave para uma das portas do texto. Ao unirmos o título com a epígrafe torna-se visível a ironia da situação, uma ironia que revela o absurdo por trás das decisões políticas tomadas em nosso país. Ao conjugarmos a epígrafe com o título, delineia-se um quadro que

nos remete aos textos do teatro do absurdo das obras de Ionesco, um teatro no qual impera a absoluta falta de senso por parte dos personagens que compõem a cena. Assim como Ionesco utiliza o absurdo em um grau superlativo para realizar uma crítica arrancando gargalhadas e espanto por parte dos leitores, João Antônio instaura nesse texto o mesmo grau de *nonsense* que se torna perceptível quando o leitor atenta para alguns momentos do texto, como por exemplo, a representação do ministro da fazenda, que anuncia o pacote de medidas que inicia o confisco dos bens.

Nesse momento o leitor entra em contato com uma caricatura tão bizarra e com a descrição de medidas tão inusitadas que imediatamente percebe o grau de absurdo que perpassa a obra. Um outro momento em que o absurdo se torna patente é quando o personagem, em delírio, perambula pelas ruas em plena segunda feira, sem que o leitor perceba nenhum sinal da passagem do tempo. A leitura que Jacarandá faz de um panfleto, no qual constam às medidas econômicas impostas pelo governo, é tão incongruente que o leitor fica perplexo, principalmente quando em um movimento de regressão ele é lançado de volta ao domingo, dia inicial dos acontecimentos, sem que nenhuma marca temporal o oriente para isso. Imediatamente o texto chega ao final, quando tudo é resumido em um sonho/pesadelo que o personagem estava tendo. Assim, de perplexidade em perplexidade, de absurdos em absurdos, o conto desenha na mente do leitor uma situação da qual apenas uma leitura de entrelinhas, ou de entranha, pode revelar um significado mais profundo do que apenas o testemunho de um trágico momento histórico do Brasil.

4.3 PALAVRAS MODERNAS

Publicado no início da década de 80, em *Abraçado ao meu rancor*, O terceiro conto que compõe a coletânea “*Um herói sem paradeiro...*” tem o título ‘Publicitário do ano’ e nos traz o personagem Jacarandá vivendo as aventuras de um homem de comunicação.

Nesse texto, Jacarandá recebe uma caracterização de *bon vivant*, uma “peça”, nada preocupado com problemas e que apenas deseja viver o mais comodamente possível. Diagnosticado como “um vocacionado inarredável para a carreira de comunicador de massas” (p.57), ele é compelido a estudar e, após algum tempo, realiza uma campanha promocional sobre a cidade de São Paulo, o que lhe vale o reconhecimento da sociedade e o título de ‘Publicitário do Ano’. Em resultado disso, “com a glória e o dinheiro do prêmio, o tipo comprou férias, pegando o primeiro avião e indo repousar do árduo trabalho nas areias de Copacabana” (p. 60-61).

Consideramos esse conto como um dos mais emblemáticos na carreira literária de João Antônio. Ali, percebemos a representação de um mundo no qual a palavra perdeu sua veracidade, sua capacidade de presentificar os remetentes, adquirindo uma opacidade que a torna passível de ser utilizada como máscara. Diante das exigências de uma sociedade que buscava um novo tipo de literatura, aparentemente distanciada das temáticas sócio-coletivas, voltada para a representação de um ‘eu’ centrado em suas angústias internas, João Antônio expressa seu desencantamento através de escritura de um conto mordaz, que põe a descoberto uma das faces trágicas da palavra.

Apesar de ter sido publicado na década de 80, e dessa forma escapar ao período por nós abordado neste trabalho⁷, a inserção desse conto na coletânea “*Um herói sem paradeiro...*” reveste o texto ‘Publicitário do ano’ de novas significações. Incluído logo

⁷ Essa observação é válida para todos os contos existentes em “*Um herói sem paradeiro, vidão e agitos de Jacarandá, o poeta do momento*”, uma vez que todos os contos que compõem essa obra já haviam sido publicados em obras anteriores do autor, embora não necessariamente na década de 80.

após dois textos sugestivamente oníricos, ‘Publicitário do ano’ empurra o leitor para um universo desencantado, para uma realidade construída sob mentiras e subterfúgios, para a vivência de um mundo no qual os signos e símbolos perderam sua estaticidade, cobriram-se de véus que, na maioria das vezes, funcionam como ardis para acobertar uma realidade que deveria ser exposta até a medula. É possível ler nesse conto uma metáfora da situação literária do país, que passava por um momento, conforme já comentamos, que demandava a construção de uma literatura intimista, que envolvia o leitor em um clima de conflitos internos, quase que egoisticamente individualistas.

Vale ressaltar, nesse momento dos nossos comentários, que não pretendemos lançar juízos de valor sobre a literatura então produzida, antes, queremos pôr em relevo uma provável visão de João Antônio sobre a produção literária daquele momento, e como este autor valeu-se da sua arte para expressar suas perplexidades a respeito das mudanças que então vivenciava.

4.4 GUARDADOR DE ILUSÕES

O quarto conto da antologia *Um herói sem paradeiro...*, tem por título ‘Guardador’ e inicialmente foi publicado na antologia de título homônimo em 1992. Cartola é o homenageado na dedicatória desse texto. “A Cartola, mestre, considerado poeta da Estação Primeira de Mangueira, consagro com a devida humildade esta história curta” (p. 29).

Aqui, Jacarandá vive as vicissitudes de um ‘flanelinha’, um conhecido ‘tipo’ de nossa sociedade, que busca sobreviver da prestação de serviços em estacionamentos de automóveis. É um conto pontuado por certo encantamento do narrador pelo protagonista, o qual é apresentado como um ser que “já não tem gana, gostos. E nem caprichos; acabou a paciência para amigos e auditórios..., depois não é de lamentações; antes de campanar [...] homem que não precisava de leros, não tinha paciência para mulher, patrão nem amizadinhas” (p36). Ou seja, esse é mais um solitário na galeria de personagens de João Antônio. Apesar de inserido em um ambiente urbano, esse Jacarandá apresenta muito dos ermitões da literatura; sua habitação é o tronco de uma árvore, seu convívio com a sociedade ocorre apenas por necessidade de sobrevivência, deixando no leitor a sensação de que o protagonista se sentiria muito mais à vontade se pudesse prescindir desse contato.

O que temos nesse texto? Por que ele se configura importante para nosso trabalho? Nosso apontamento para responder a essas indagações se atém a um importante aspecto do conto: a inversão da figura do ermitão, como a literatura clássica nos apresenta, cuja representação podemos resumir, grosso modo, como um indivíduo que, devido a sua percepção das fraquezas e hipocrisias da sociedade, por vontade própria se afastava do convívio social. Jacarandá apresenta alguns traços que o aproximam dessa figura, como por exemplo, a aguda clareza a respeito dos seus semelhantes; a reclusão em si mesmo como forma de distanciamento de uma sociedade que considera corrupta e a profunda capacidade de refletir sobre as ações do outro de uma forma humana, embora repleta de ironia.

Entretanto, o personagem joãoantoniano não se enquadra no molde tradicional do ermitão; ‘Guardador’ pode ser lido como paródia dessa figura da literatura clássica, pois se o ermitão assim se configura por escolha própria, Jacarandá nos é apresentado como um produto de um meio hostil, que o impulsiona ao distanciamento. Ao contrário do ermitão típico, ele não escolhe sua solidão, é levado a ela. Além disso, Jacarandá não renuncia aos prazeres terrenos, estes lhe são negados. Podemos identificar também nesse texto uma crítica ao meio urbano, que se estrutura em uma base progressista, calcada em um sistema de desigualdade social e do qual o lirismo desapareceu, uma vez que só os bens materiais parece ser a única forma de dar visibilidade ao homem.

Essa visão está contida na forma como o narrador nos apresenta os outros personagens que compõem a obra. São, na maioria das vezes, pessoas cuja sensibilidade está embotada, que se preocupam com cotidianos mesquinhos, ou que vivem para exhibir posses, como é o caso das ‘comadres’ que percorrem a praça descrita no texto, ou o ‘rico’ que frequenta a boate onde Jacarandá trabalha de guardador. Nessa obra, o único personagem que, apesar de todas as agruras por que passa, ainda é capaz de demonstrar lirismo é Jacarandá, aquele que após um dia não muito fácil, “foi para dentro do tronco da árvore, encostou a cabeça e olhou a lua” (ANTÔNIO, 1993, p. 40).

4.5 IN- SANIDADE

Chegamos então ao quinto conto da obra *Um herói sem paradeiro...*, ‘Televisão’ é o título desse conto e aqui não temos dedicatória ou epígrafes. O início do conto nos lança de forma abrupta em uma situação de obsessão, quando tomamos contato com o veemente desejo da personagem de realizar um dos seus sonhos: plantar menta como forma de enriquecer rápido.

Em *Televisão* narra-se a trajetória de uma personagem o qual está aparentemente nadando contra a corrente e apostando no contrário de todos os seus semelhantes. Jacarandá agora é um produtor rural que decidiu investir na produção de uma lavoura exótica, ao invés de ficar no tradicional e seguro plantio de soja, arroz e outras lavouras de retorno financeiro certo, segundo afirmam seus amigos “os japoneses haviam ficado na soja e estavam ganhando à grande, gastando cada dia mais, contando com a safra que triplicaria os lucros” (ANTONIO, p. 44).

Mas, para realizar suas aspirações, Jacarandá precisa do apoio das instituições, principalmente financeiras. Começa então a *Via Crucis* do herói, que ao bater de porta em porta, não só dos bancos, mas também dos amigos que poderiam ajudá-lo, vê seus pedidos serem rejeitados de forma categórica. Como se não bastasse esse quadro de recusas, o ambiente doméstico também é abalado pelos sonhos da personagem, uma vez que a esposa não entende porque Jacarandá perambula tanto pelas ruas, trajando suas melhores roupas, sempre com a melhor aparência.

O inusitado desfecho do conto surpreende o leitor: um dia, ao chegar em casa depois de mais uma torrente de recusas, Jacarandá contempla a família profundamente absorta na apreciação de um comercial de TV, cujas imagens transmitem um mundo ilusório, preche de promessas que o personagem sabe serem falsas. Consciente dessa situação, Jacarandá atira na imagem da tv.

Esse final insólito insere o conto em uma atmosfera fantástica, pois quebra a normalidade, mesmo que confusa, em que até então a narração estava restrita. Ao atirar na imagem que representa suas frustrações, podemos dizer que não apenas um gesto de protesto está presente no ato de Jacarandá, mas um grito angustiado por solidariedade, por possibilidades de compartilhar sonhos, mesmo que estes estejam na contramão da realidade.

Nesse texto, a atmosfera de insanidade que o leitor sente desde o início da narração, ao abruptamente tomar contato com a obsessão da personagem em plantar menta, quando visto com mais atenção, em uma leitura mais consciente, revela uma face de plena sanidade de Jacarandá. O gesto final da personagem demonstra ser este o único que tem total consciência do jogo ilusório que a mídia é capaz de transformar em realidade para a maioria das pessoas.

4.6 OS AMIGOS

O sexto conto que compõe a antologia tem por título ‘Torcedor’. Aqui temos a história de um dia na vida de um torcedor. Em um tom de simpatia para com o protagonista, o narrador vai expondo as vicissitudes por pelas quais passa Jacarandá na sua jornada para assistir o jogo clássico entre Flamengo e Vasco. Levando uma bandeira do Flamengo, seu time do coração, Jacarandá e mais alguns amigos vão até o estádio, mas chegando lá percebem que não têm dinheiro para que todos entrem e assistam ao jogo. Decidem então ‘no palitinho’ quem terá a ventura de assistir o jogo ao vivo. Jacarandá perde a disputa, mas não o jogo ‘escutaria no radinho do portuga do cachorro quente’ (p. 54).

Assim, mesmo não assistindo ao vivo, Jacarandá acompanha com entusiasmo cada lance do seu time, dividindo com um amigo a cachaça e um parco lanche, em um gesto de camaradagem para com seu companheiro de torcida. Para infelicidade, o jogo não acaba com a vitória do Flamengo, fato que seria de somenos importância se não fosse a presença dos torcedores rivais que comemoram a vitória do Vasco. Em um gesto típico de torcedor entranhado, quando Jacarandá vê o rival aclamando a vitória vascaína, “partiu para a porrada” (p. 55).

Mas ainda não seria dessa vez que o herói Jacarandá teria seu dia de desforra, pois o tumulto atrai a atenção de policiais que levam todos, flamenguistas e vascaínos, para a delegacia. No trajeto, para que a má sina de Jacarandá seja completa, ele adormece no ombro do torcedor do Vasco, que, para vingar-se da porrada recebida, “quase arrancou-lhe o nariz” (p. 55).

Esse conto, de aparência tão jocosa e de uma temática tão popular, encerra momentos de comovente descrição de atos solidários, além de revelar uma das mais significativas faces do ser humano. Não estamos nos referindo à paixão pelo futebol, temática que obviamente está na superfície do conto, mas sim à capacidade de partilha que o conto nos desvenda.

Elaborado em um tom ameno, com uma linguagem leve, esse texto se distancia dos outros textos da coletânea, por não trazer o clima obsessivo e perturbador presente nos outros contos. Diríamos que existe quase uma ‘linguagem de domingo’ nesse texto, como se o autor estivesse dando uma pausa ao leitor, para que descanse antes do final da obra, do clima corrosivamente irônico e crítico das narrativas que antecedem ‘Torcedor’.

Sentimos nesse texto a ingenuidade de Jacarandá, rimos de suas desditas, sentimos com ele a dor pela derrota do seu time do coração, mas não ficamos angustiados talvez porque, como já comentamos, o texto trabalhe com a idéia de solidariedade que frequentemente é atribuída ao povo brasileiro. Desse conto quase suave, em relação aos que o antecederam, chegamos ao conto que fecha a coletânea,

4.7 A MÁGICA IRÔNICA

‘Excelentíssimo’ é o título do conto que encerra a coletânea do “*Um herói sem paradeiro, vidão e agitos de Jacarandá, um poeta do momento...*”. Aqui temos o herói inteiramente mergulhado em um clima de sonho, envolto em seus pensamentos, que giram em torno de sua ojeriza pela plebe e das preocupações sobre seus investimentos financeiros.

Inicialmente, o narrador nos apresenta Jacarandá como um financista bem sucedido que perambula por um trecho da cidade do Rio de Janeiro como forma de se desenfasiar da corrida por dinheiro em que vive mergulhado. Na sua perambulação a personagem tenta, sem sucesso, impressionar uma garota que encontra em uma lanchonete. Ao falhar nessa tentativa de conquista, nosso herói prossegue sua caminhada até a beira mar, sempre imerso nos seus pensamentos a respeito de como se manter distante da ‘ralé’ e de como manter seu status financeiro e social. O estranhamento para o leitor ocorre quando Jacarandá, ao se aproximar daquilo que seria sua limusine, é abordado por policiais que o tratam como um habitual ladrão de carro.

É nesse instante final que o leitor percebe nitidamente a atmosfera irreal que vinha se desenhando desde o início, e é essa atmosfera que se revela, mais do que a presença do personagem Jacarandá, como fio estruturador dessa obra. Seria totalmente incoerente se nosso herói, no final da obra, fosse alçado às classes financeiramente privilegiadas, e revelasse um profundo distanciamento das classes marginais. Contudo, é essa imagem que o início do conto ‘Excelentíssimo’ nos traz, imagem essa que continua a ser veementemente construída ao longo da narrativa. Entretanto, é essa mesma veemência que vai levar o leitor a desconfiar que aquele personagem não é o mesmo Jacarandá dos textos anteriores. É tão enfático o narrador ao descrever os pensamentos do protagonista quanto a repulsa que este tem de ‘pobres’, que o leitor vai quase antipatizando com Jacarandá, e desejando rever a ‘figura’ que o acompanhou

nos contos anteriores. Então, como um mágico que tira o coelho da cartola, o narrador faz a polícia aparecer e Jacarandá é transformado no azarento herói dos contos anteriores.

4.8 A ARMADILHA DAS PALAVRAS

Ao aprofundarmos o olhar sobre essa obra, é possível vislumbrar diversas camadas de significação. Estruturalmente, os sete contos são elaborados através de uma linguagem rápida, com frases sintéticas, de aspecto coloquial, porém esteticamente trabalhadas, repletas de elipses, como se o narrador estivesse brincando de esconde-esconde com o leitor, obrigando-o a reler parágrafos anteriores, em movimentos de avanços e recuos que tornam a obra circular internamente; já externamente, a estrutura de círculo torna-se plenamente visível quando o leitor atenta para a trajetória de Jacarandá: o texto inicial “Milagre chué” nos apresenta esse personagem em uma situação declarada de extrema penúria, e na tentativa de escapar dessa condição, Jacarandá recorre a ‘fada madrinha (no caso madrasta), porém não encontra respaldo e continua na busca por sobrevivência.

O último conto, “Excelentíssimo”, aparentemente nos traz Jacarandá vivendo uma situação inversa daquela do início, fato perceptível já a partir do título. Entretanto, como já observamos, a posição de fausto em que se encontra o personagem está circunscrita ao mundo dos sonhos, uma vez que na realidade, Jacarandá continua sendo perseguido pela má sorte, dessa vez personificada não em um elemento do Conto Maravilhoso, mas na figura real e cotidiana da polícia.

A atmosfera que permeia esses dois contos que iniciam e fecham à antologia “*Um herói sem paradeiro*,... se caracteriza principalmente pela presença de um estado onírico no qual os personagens estão envolvidos, além disso, levando em consideração a estrutura geral da obra, percebemos que a trajetória ali executada se configura em circularidade, isto porque tanto no início quanto no final a posição do personagem é a mesma, ou seja, apesar da trajetória percorrida em toda a obra, Jacarandá continua “mal dormido, pior comido, machucado, mal amado”(ANTONIO, 1993, p.5)

O título é um outro componente que nos traz possibilidades de exploração, pois a existência de termos como ‘sem paradeiro’, ‘vidão e agitos’, já nos antecipa algo sobre a obra, além de revelar uma das características do conjunto da produção literária de João Antônio. Visivelmente estes termos nos remetem a movimentos, deambulação, traços que estão fortemente presentes na literatura joãoantoniana, conforme palavras do próprio autor em entrevista (Proleitura, dezembro, 1987, p. 2). Estar em movimento, sempre em busca de algo que está além do momento presente, revela-se como uma das marcas desse autor, sempre inconformado com uma realidade/sociedade injusta, que estigmatiza o ser humano, condenando-o a uma solidão que o persegue mesmo nos sonhos.

Um outro ponto a destacar na utilização destes termos, é o tom profundamente irônico, senão de desencanto, que eles contêm. Ao caracterizar a personagem que estrutura toda a obra como ‘herói’ e ‘poeta do momento’, o autor já imprime aí uma das chaves principais para uma leitura significativa da obra. Tradicionalmente, o termo herói e poeta se agregam a um campo semântico positivo; mesmo na modernidade, com todas as mudanças ocorridas nos conceitos literários, esse dois termos continuaram a ser associados a imagens positivas. Apesar de ser um ‘herói problemático’, o herói da modernidade manteve a conotação valorosa que o caracterizou desde sempre. Quanto ao termo poeta, foi justamente na modernidade que ele se impregnou da aura quase mítica a que ainda hoje nos remete, pois ainda concebemos o fazer poético como capacidade de transfigurar os sentidos das palavras, tirando-as do seu lugar comum, criando um novo mundo.

Entretanto, o herói e poeta Jacarandá tem como marca não a coroa de louro dos vencedores, mas a tragicidade dos sobreviventes. Ao impregnar os contos de “*Um herói sem paradeiro*,”... de uma atmosfera onírica, João Antônio constrói duas camadas de significação para a obra: uma camada feita de tragédias, na qual a personagem está sempre perseguida por um azar que lhe torna a vida quase impossível; e outra que nos traz a possibilidade de que

esse azar seja apenas uma das faces do destino do herói, face esta que pode ser corroída pela poesia e assim se transformar de trágica em lírica, é nesse momento que se manifesta o poeta. Jacarandá é um personagem que atrai a simpatia do leitor, apesar, ou talvez mesmo, pela sua picardia, do seu modo às vezes ingênuo de encarar as vicissitudes por que passa.

Milagre chué, Nas entranhas, Publicitário do ano, Guardador, Televisão, Torcedor e Excelentíssimo, são partes caóticas de um painel cuja configuração se expande como uma malha por toda a obra joaoantoniana, extrapolando daí para a própria vida do autor. Jacarandá pode ser lido como uma representação ficcional de François Villon, conforme nos aponta a epígrafe do texto, e por extensão, como metáfora de certos aspectos da vida do próprio João caracterizando-se como uma persona criada pelo autor para permear quase toda sua obra ficcional.

4.9 DE JOÃO ANTONIO A JACARANDÁ - UMA VIA DE MÃO DUPLA

A trajetória pessoal do autor João Antônio está fortemente interligada à vida das suas personagens. Através de um jogo fascinante, o autor de *Paulinho Perna Torta* (1992), construiu uma máscara, que marcou indelevelmente toda sua produção literária, fazendo com que a sua recepção crítica se voltasse quase que totalmente a comentar esse aspecto da literatura joãntoniana. Não pretendemos com esse comentário cair na ingenuidade de afirmar que a vida do autor passou pelas mesmas vicissitudes do personagem Jacarandá; apesar da infância pobre e das dificuldades por que certamente passou na vida, João Antônio obviamente não é um Jacarandá, se aproximando mais de um François Villon, devido à paixão entranhada desses dois escritores pela literatura. Entretanto, assim como a vida de Jacarandá, a de João Antônio também conta com alguns lances que beiram o fantástico, como por exemplo, o comentado incêndio que destruiu os originais de sua primeira obra, *Malagueta Perus e Bacanaço*⁸. Todavia, é mais fácil estabelecer pontos de diferenças que de semelhanças entre as vidas do autor João Antônio e do 'Poeta do momento'. É mais consistente tomarmos Jacarandá como uma concretização da persona literária do autor João Antônio, persona esta que veicula os sentimentos de ironia e desencanto que o autor vivenciava na realidade.

Destarte, a leitura da obra "*Um herói sem paradeiro*,... exige do leitor um constante perambular por uma via de mão dupla, realizando necessárias aproximações entre vida e obra e contexto histórico, mas nunca perdendo de vista o fato de que ali o personagem mais importante é a ironia, a paródia e a expressão de uma profunda angústia, elaborada às vezes

⁸ Em quase todos os textos críticos aos quais tivemos acesso encontramos comentários a respeito do fato sobre o incêndio que destruiu os manuscritos originais de *Malagueta Perus e Bacanaço*, primeira obra de João Antônio. Talvez não seja descabido pensar que a constante reiteração desse fato nos textos de divulgação das obras de João Antônio tenha certa conotação comercial, uma vez que é sabido que o referido incêndio não destruiu toda e sim parte dessa produção do autor,

em tom jocoso, às vezes em um tom inteiramente obsessivo, como é o caso dos textos “Nas entranhas” e “Televisão”, respectivamente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Literatura, jornalismo, documento, realidade, ficção... instâncias praticamente indissociáveis na produção de João Antônio, a ponto do leitor às vezes se sentir incapaz de distinguir onde começa o significado de uma e termina o de outra. Mas certamente um leitor atento, que não se deixe iludir pelo aparente distanciamento destes termos, vai perceber que o importante na obra de João Antônio é a presença de um profundo engajamento com a vida, não com escolas e gêneros literários ou textuais.

Ao escrever como se disso dependesse sua salvação, ou como se isso fosse sua maldição, João Antônio nos legou um conjunto de obras que por muito tempo ainda vai deixar perplexo aquele crítico para quem categorização ainda é um ponto focal. A crítica que recepcionou a obra de João Antônio, na primeira metade dos anos noventa, já estava as voltas com termos como pós-moderno, desterritorialização e tantos outros que, mesmo nesse início de século XXI, ainda causam certo desconforto pelas suas propostas muitas vezes herméticas ou abertas demais.

Ao longo desse nosso trabalho tentamos demonstrar a dificuldade com que se depara um crítico quando se aproxima de uma literatura que tem como propósito o experimentalismo extremo em estrutura, além de uma intrínseca relação com a realidade e seu tempo histórico. Reiteramos aqui nossa opinião sobre não ser fácil valorar uma obra temporalmente próxima ao nosso olhar crítico. Conforme apontamos, a própria fortuna crítica sobre João Antônio tem um caráter bastante complexo, ao abranger textos que vão do simples comentário de divulgação de lançamento, ao ensaio mais aprofundado que se aproxima muito de uma análise de fôlego, passando por longos textos cujo enfoque é apenas a reafirmação de pontos já exaustivamente reiterados por outros críticos.

Destacamos como fato no nosso *corpus* a oscilação da presença de João Antônio na imprensa escrita durante o período por nós trabalhado. Levantamos algumas hipóteses sobre essa oscilação, enfatizando um possível cansaço por parte do escritor quanto à escritura de uma literatura que já não era demandada pelo público daquele momento.

Através destes apontamentos procuramos detectar o funcionamento das estratégias de *merchandising* utilizadas por João Antônio na sua luta por inserção no mercado editorial. Utilizamos os textos de fortuna crítica com os quais trabalhamos e tentamos, a partir da leitura dos mesmos, entender um pouco como se deu à recepção crítica da obra joaoantoniana publicada no período alvo de nossa pesquisa. Destacamos alguns pontos que mais nos chamaram atenção, como o fato da crescente ausência de João Antônio da mídia impressa brasileira a partir do início da década de 90 e a pouca receptividade que tiveram algumas obras por ele publicadas no período.

Aventamos algumas hipóteses sobre estes fatos e nos focamos mais naquelas que apontam as mudanças no momento histórico como a causa mais consistente para estes acontecimentos. Isso porque, conforme comentamos, a literatura de João Antônio foi intrinsecamente conjugada à representação de um Brasil sem voz, aspecto que já não era tão interessante ao público leitor da época, que buscava uma literatura de cunho mais intimista, com outras formas de expressão.

Entretanto, o que nos incomodou durante toda a nossa trajetória durante a realização desse trabalho, foi justamente o fato de que a crítica realizada à obra deste autor teve como base principal à exposição da temática das obras, além da exploração, superficial também, dos aspectos lingüísticos do texto. Não estamos com isso apontando deméritos nos textos aos quais tivemos acesso, mas pontuando a necessidade de explorarmos com mais profundidade outros aspectos presentes nas obras de João Antônio. Como exemplo, citamos a obra “*Um herói sem paradeiro, vidão e agitos de Jacarandá, o poeta do momento* (1996), que mereceu

apenas referências rápidas na imprensa da época, mas que, a nosso ver, contém, em sua estrutura e temática, toda uma gama de expressões e construção estética capaz de inseri-la no mais completo panorama de uma obra pós-moderna. Este é apenas um dos exemplos mais flagrantes de possibilidade de estudo com que nos deparamos durante nosso trabalho.

Seria possível citar outros textos, como *Sete vezes rua* (1996), que já traz no seu título uma relação curiosa com o conteúdo da obra. Contudo, temos consciência que esse molde de trabalho ultrapassa a nossa proposta inicial de estudo da fortuna crítica do autor de *Dama do encantado* (1996). Estes apontamentos tornam-se ainda mais pertinentes quando nos apercebemos que a crítica que recepcionou a obra de João Antônio no período entre 1990-1996, em sua maioria, manteve-se na reiteração de aspectos já exaustivamente comentados em momentos anteriores, compondo-se, além disso, conforme é visível na organização dos anexos deste trabalho, de comentários curtos, que apenas noticiavam o lançamento das obras, fazendo pouco ou nenhum apontamento sobre o conteúdo das mesmas. É de se considerar que essa forma de recepção certamente contribuiu para que a obra de João Antônio não fosse devidamente explorada nos seus aspectos estéticos e, por conseqüência, não fosse devidamente valorizada.

Fica aqui então o nosso desejo de que estas obras possam vir a ser estudadas com mais propriedade, fato que muito valorizaria a produção de um autor com o qual a literatura brasileira vive em dívida, não por falta de exposição de sua obra, pois João Antônio foi um autor que por semanas ocupou um lugar respeitável no *ranking* dos mais vendidos, principalmente na década de setenta, mas por falta, muitas vezes, de profundidade no olhar que recepcionou essas obras.

BIBLIOGRAFIA

ACOSTA, Montoro José. *Periodismo y literatura*. Madrid: Guadarrama, 2ª v, 1973.

ANDRADE, Olímpio de Souza. *O livro brasileiro: desde 1920*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.

ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

_____. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

_____. *Leão-de-Chácara*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

_____. *Malhação do Judas Carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

_____. *Casa de Loucos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

_____. *Lambões de caçarola (trabalhadores do Brasil!)*. Porto Alegre: L&PM, 1977.

_____. *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____. *Ô Copacabana!* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *Dedo-Duro*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

_____. *Zicartola e que tudo mais vá pro inferno!* São Paulo: Scipione, 1991.

_____. *Dama do Encantado*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

_____. *Patuléia: gentes da rua*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Jornal Ex.*, [197?] p. 27.

_____. *Jornal O Estado de São Paulo*, 1996.

_____. In: Um bandido falando de bandidos. *Folha de Londrina*, Londrina, 20/01/1979.

AZEVEDO FILHO, Carlos Alberto Farias de. *João Antônio: repórter de Realidade*, João Pessoa: Idéia, 2002. p.134.

BARBOSA, João A. Paixão crítica. In: *A leitura do intervalo*. São Paulo: Iluminuras/Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

BALZAC, Honoré de. *As ilusões perdidas*. Trad. Ernesto Pelanda e Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 216.

BENJAMIM, César. et al. *Opção cultural*. Porto Alegre: Mercado Aberto Ltda., 2001. p. 130.

BENJAMIM, Walter. et al. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: *Textos escolhidos*. Trad. José Lino Grünnewald. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os pensadores).

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e Culturas Brasileiras. In: *Dialética da colonização*. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 404.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 571.

BUARQUE, Heloísa H. et al. *70/80 Cultura em trânsito: da Repressão á Abertura*. Rio de Janeiro. Aeroplano. [p.?)

CANDIDO, Antonio. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 124.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Itatiaia, 1997. 2 v. p. 672.

ECO, Humberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1995, p. 392.

ECO, Humberto. *Seis passeios no bosque da ficção*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994. p. 158.

ELIOT, T, S. *Ensaio* (tradução de Irene Junqueira) São Paulo: Arte Editora, 1971. [p.?.]

ESCARPIT, Robert. *A revolução do livro*. Trad. de Maria Inês Rolim. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Instituto Nacional do livro, 1976.

FERREIRA, Cássia, A. *Estudo Crítico da bibliografia sobre João Antônio: 1977-1989*. Assis: Unesp, 2003.f 79-171. Dissertação de Mestrado em Letras.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo. Cia. das Letras. 2002. p. 424.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo. Cia. das Letras. 2002. p. 512.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Derrotada*. São Paulo. Cia. das Letras. 2003. p. 576.

GOTLIB, Nádia Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Àtica, 1998. p. 96. (Série Princípios).

GUINSBURG, J (org). *O Romantismo*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva S.A. 1985.

HOHLFELDT, Antonio. *Cotidiano da escrita: Política Cultural e Nova República*. Porto Alegre: Edipaz, 1985. (Coleção Debate e Crítica). p. 150.

JORNAL DA CIDADE DE JUNDIAÍ, Jundiaí, 19/06, p. 06.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas, o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1995. p. 371.

LIMA, Luiz Costa. *Dispersa Demanda: ensaio sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro. F Alves, 1891. p. 248.

LIMA, Luiz Costa. *Pensando nos trópicos (dispersa demanda II)* Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 266.

LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p. 435.

LOPES, Moacir Costa. *A situação do escritor e do livro no Brasil*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978. p. 398.

LÖWY, Michel & SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o Romantismo na contramão da modernidade*. Trad. Guilherme K. F. Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MORAES, Renata Ribeiro de. *Estudo e sistematização das dedicatórias recebidas pelo escritor João Antônio*. (Iniciação Científica - FCLA/UNESP - FAPESP), dezembro, 2001. p. 16.

MUSILLI, *Folha de Londrina*. [197?].

NORTON. *Jornal de Santa Catarina*. 03/09/1977.

PELLEGRINI, Tânia. *Aspectos da ficção brasileira contemporânea. A imagem e a letra*. Campinas: Mercado das Letras, 1999. p. 240.

PEREIRA, Jane Christina. *Estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio (1963-1976)* Assis: Unesp, 2001. f. 167+ anexos. Dissertação de Mestrado em Letras.

POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974. p. 201.

RIBEIRO NETO, João da Silva. *João Antônio. Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios*. São Paulo: Abril educação, 1981. p. 107.

SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Minas Gerais: UFMG Ltda., 2004. p. 161.

SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: Polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 94.

TRAJANO, José. Nem João Capote, nem Truman Antônio. *Aqui*, São Paulo. p. 24-26. 16 – 22 de set. 1976.

VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 510.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. p. 359.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *O gigolô das palavras*. [s.l.p.] [s.n.] [19--]

VILLAÇA, Nízia. *Paradoxos do pós-moderno*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996. p. 228.

ZÉRAFFA, Michael. *Romance e sociedade*. Trad. Ana Maria Campos. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, S. A.R.L, 1971. p. 203.

WEBER, Hernesto João. *Caminhos do romance Brasileiro: de a Moreninha a Guaianãs*. Porto Alegre: Mercado Aberto Ltda. [198?]. (Série Revisão 37) p. 153.

WEISE, O. *La escritura y el libro*. Traducción de la 14ª edición alemana por D. Luis Boya Saura. Barcelona: Labor S. A, 1951. p. 167.

WELLERSHOFF, Dieter. *Literatura, Mercado e Indústria Cultural*. Humboldt. Hamburgo, nº. 22, p.44-48, 1973.

ANEXOS

Anexo A – Pasta de textos referentes ao período entre 1990-1996

(R)

ABDALA, Benjamin Jr. *Utopia e memória cultural: literaturas de língua portuguesa*. 2º Congresso ABRALIC/Anais, Volume I, Belo Horizonte, MG, 08-10/08/1990.

Nesse texto, Abdala Junior faz um paralelo entre o conto *Paulinho Perna Torta*, de João Antônio, e o romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. *O trabalho artístico de Graciliano Ramos é correlato ao de João Antônio. O primeiro procura a linguagem do fazendeiro, o segundo do malandro paulista, mas entre os dois há um discurso equivalente.*
OBSERVAÇÃO: Aparentemente não publicado em jornal.

(Ci)

MONTES, Venâncio. *Historiador do futebol*. Jornal de Letras.s/i, 1990.

Divulgação do lançamento do livro “Grandes Clubes Do Futebol Brasileiro E Seus Maiores Ídolos” *uma biografia do clube de regatas flamengo, contando tudo que interessa saber, desde a fundação, em 1895, a este novo Brasil finissecular*, de Edilberto Coutinho, no qual João Antônio é citado como sendo um fã de futebol.

(C)

s/a . *João Antônio na Bienal do Livro*. Jornal Folha de Londrina, Londrina, PR, 01/12/1990.

Pequeno texto divulgando a participação de João Antônio na 2º Bienal do livro. *João Antônio é reconhecido por sua linguagem que recupera nos becos vivências e personagens marginais*

(C)

MENEZES, Carlos. *Rumo á Alemanha*. : O Globo, Rio de Janeiro, RJ, 08-18/09/1990.

Pequena nota dando notícia da viagem de João Antônio á Alemanha, *para participar de debates sobre seu processo de criação ficcional na Johann Wolfgang Goethe Universitit, de Frankfurt*.

(C)

s/a , s/t. Nicolau, Rio de Janeiro, RJ, 1990.

Nota curta elogiando a publicação de “morre o valete de copos” *uma coisa chegada a obra prima*.

(C)

s/a , s/t, Jornal do Brasil/idéias – livros, s/i, 07/04/1990.

Texto divulgando o possível lançamento de uma obra de João Antônio “A coisa”, *Um romance tendo como cenário um país da América Latina e como personagem principal o seu Estado, “que depois de arrebentar a economia nacional sarrupia o dinheiro de quem passou a vida inteira poupando para o futuro” o romance já tem alguns capítulos rascunhados e um título digno de Stephen King, o mestre do horror*.

(B)

MORCAZEL, Edvaldo. *Um escritor dá voz ao mundo das torcidas*. O Estado de São Paulo, São Paulo/SP, 24/06/1990.

Pequena biografia de João Antônio, cujo núcleo é noticiar a colaboração do escritor com o Jornal O Estado de São Paulo, na seção de esportes. *João Antônio mora no Rio e escreve para o Estado, durante a Copa, crônicas sobre as alegrias e angústias do torcedor de futebol...*

(C)

S/a, s/t, Jornal Amazonas em tempo, Manaus, AM, 24/06/1990.

Pequeno resumo da obra *Malagueta, Perus E Bacanaço*, que provavelmente estava sendo relançada pela Ática.

(C) s/a, *Rádio por escrito* Jornal do Brasil, s/i, 04/08/1990.

Nesse texto, divulga-se o lançamento de um livro que conteria diversas entrevistas realizadas pelo programa *Certas Palavras*, do qual participaria também João Antônio, além de personalidades como Ligia Fagundes Telles, José Saramago, entre outros.

(Ci)

TORRES, Antônio. *Vaidade à parte*. Jornal da tarde, s/i.09/03/1991.

Trata-se de uma reportagem a respeito do professor Darcy Ribeiro, sobre o qual João Antônio teria dito: *Lérido miúdo, baixinho, rosto escanhado, olhos firmes, vivos, alegria das pessoas dinâmicas, coisa que não tenho*.

(E)

ANTÔNIO, João. *Literatura, um caso de paixão*. A tarde cultural. Salvador B.A, 31/08/1991.

Além de uma breve biografia, esse texto traz também a crônica *Morre o valete de copos*, que João Antônio escreveu em homenagem a Esdras Passaes. O texto principal é de autoria de João Antônio, que comenta sua participação na V bienal Nestlé de Literatura, além de falar das condições da literatura brasileira, citando uma lista de autores contistas brasileiros e defendendo maior incentivo para publicação no Brasil *no meu caso há uma relação de paixão com a literatura e, ao mesmo tempo, uma relação devocional...(...) não encontramos muitos países, hoje me dia, que tenha simultaneamente cinco ou seis grandes poetas vivendo ao mesmo tempo, como Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles*

(R)

RAMOS, Ricardo. s/t, s/i, 07/1991.

Trata-se de um prefácio escrito por Ricardo Ramos para a primeira edição do livro *Zicartola!*... Nesse texto, João Antônio é referenciado com as seguintes palavras: *temos aqui o nosso grande contista popular. Dando uma de cronista, o que é ótimo. Porque alia à ficção suas idéias, a posição pessoal do escritor. Um João Antônio livre e solto, em plenitude. Admirável*.

(C)

KRANTZ, Márcia. s/t. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro RJ.28/07/1991.

Carta de um leitor agradecendo pela publicação *bolero não é lero- lero*, publicado no mesmo

jornal em um número anterior.

(C)

CICACIO, Ana Maria. *Alívio no mundo dos livros: a bienal continua*. Jornal da tarde, São Paulo SP. 06/07/1991.

Nesse texto, divulga-se a participação do escritor João Antônio em um concurso de literatura promovido pela Nestlé.

(En)

ANTÔNIO, João. *E que tudo mais vá pro inferno*. Homens e mitos, Salvador, BA. 28/12/1991.

Texto de João Antônio que versa sobre a Bahia e suas gentes, inclusive o compositor conhecido como Batatinha.

(R)

BRANDÃO, Adelino. *Fé no futuro dos heróis populares*. Letra por letra. Salvador, BA. 28/12/1991.

Texto de Adelino Brandão, com estrutura e conteúdo igual a outros desse jornalista que versam sobre o lançamento da obra *Zicartola*....

(Ci)

CAMINHA, Edmílson. *Títulos de livros do ótimo ao péssimo*. s/fi, 11/1991.

Tratando da escolha do título certo para determinadas obras, Edmílson Caminha cita a seguinte frase de João Antônio *um título ... como é difícil e como é fácil. Ou impossível. Difícil um dos meus títulos que me agrada. Até que tomem corpo me parecem ridículos, frouxo*

(C)

S/a-s/t Boletim interno Scipione nº06. 12/1991.

Texto divulgação do lançamento da obra *Zicartola e que tudo mais vá pro inferno*, pela editora Scipione.

(C)

s/a-s/t Jornal do Brasil. 20/12/1991.

Texto curto, divulgando o lançamento da obra *Zicartola*....

(C)

ZERBO, Cláudio. s/t. Jornal da cidade de Ri Claro, 13/11/1991.

Texto curto, divulgando o lançamento da obra *Zicartola*.... “um livro de crônicas de um cotidiano bem carioca e brasileiro”.

(C)

BELINKY, Tatiana. s/t. Jornal da tarde (caderno de sábado). 12/10/1991

Texto divulgação do lançamento da obra *Zicartola e que tudo mais vá pro inferno*, pela editora Scipione. *Zicartola, de João Antônio, poesia disfarçada em gíria e cheia de paixão*.

(C)

SCLIAR, M. s/t Jornal Zero Hora 30/09/1991

Curtíssima nota divulgando o lançamento da obra *Zicartola* pela Editora Scipione.

OBSERVAÇÃO: Esse texto contém uma mensagem manuscrita de Scliar para João Antônio, inclusive com assinatura.

(C)

SILVA, Juremir Machado da. *A literatura conquista Passo Fundo*. Jornal Zero Hora, s/i 11/06/1991.

Nesse texto divulga-se a IV Jornada Literária de Passo Fundo, ocorrida entre 11-14/06/1991, em uma parceria da Prefeitura Municipal e da universidade de Passo Fundo. Tendo como objetivo *pôr em evidencia a fruição literária e o domínio da Língua com fatores de humanização e liberdade*

(C)

s/a, *Cronistas do Estadão chegam às livrarias*. O Estado de São Paulo/caderno 2, São Paulo, SP, 29/05/1991.

Pequeno texto notificando a presença do escritor João Antônio, juntamente com outros escritores, em uma antologia publicada pelo Jornal *Estadão*, a qual congregou diversos cronistas que atuaram nesse jornal.

(R)

BRANDÃO, Adelino. *Zicartola: um livro e uma filosofia*. Jornal de Jundiaí/literatura, Jundiaí, SP, 27/10/1991.

Texto divulgação da obra *Zicartola*, pela editora Scipione. Esse texto é uma espécie de colagem de outros textos que Adelino publicou em outros jornais sobre o mesmo livro. Traz uma pequena biografia de João Antônio e alguns comentários repetidos sobre a obra em questão.

(En)

ANTÔNIO, João. *Falta o ministério da vergonha*. Semanário/Saideira, São Paulo, SP, 14/10/1991.

Um artigo e um mini conto no qual João Antônio tematiza a ausência de sol no Rio de Janeiro, que agora está com uma primavera *feiosa, feito um galo desplumado do tango, primavera, que assim não te reconheço mais... é só surgir o sol e banhar nossos corpos, somos capazes de uma alegria de viver ainda única no planeta*. Utilizando a metáfora da ausência de sol, João Antônio traz para o texto todo o desencantamento de um habitante de uma metrópole na qual o contato humano é escasso.

(C)

LOPES, Timóteo. *Agoniza, mas não morre*. Jornal do Brasil/domingo, s/i, Setembro, 1991. Um longo texto no qual o autor comenta sobre diversas personalidades da cultura brasileira, entre elas Wilson Moreira e José Ramos Tinhorão, mas centralizando a figura de Cartola, o qual é personagem da obra em divulgação *Zicartola e que tudo mais vá pro inferno* de João Antônio, e que estava em lançamento.

(Ci) A R. F. *Aventuras do escritor brasileiro*. Jornal da UNICAMP, Campinas, SP, Agosto, 1991.

Comentando a realização de uma tese sobre a situação do escritor no Brasil, o texto cita João Antônio como um ativo militante pela profissionalização do escritor brasileiro.

(C)

FRAGOSO, Jorge Almeida de. *Clássico velhaco*. Jornal da tarde, Rio de Janeiro, RJ, Agosto, 1991.

Aparentemente, nesse texto temos um leitor do jornal que escreve para falar de João Antônio, mencionando uma entrevista que o escritor teria feito a esse jornal dias atrás. *Pela forma e conteúdo, João Antônio é nota dez ... um escritor do tope e da estatura de João Antônio até mesmo Mario de Andrade gostaria de ter conhecido..*

(Ci)

MENEZES, Carlos. *Pequenos dramas da vida cotidiana*. O Globo/segundo caderno, Rio de Janeiro, RJ, 22/08/1991.

O texto apenas menciona o nome de João Antônio como sendo responsável, juntamente com Moacir Scliar, Muniz Sodré, pela premiação da obra “as fomes de setembro”, de Marçal de Aquino, quando da V Bienal Nestlé de Literatura Brasileira.

(C)

PEREIRA, Nídia Souza de. *Ilustríssimo domingo*. Jornal do Brasil/domingo, Rio de Janeiro, RJ, 25/08/1991.

Pequeno texto no qual se elogia a literatura de João Antonio. *É um clássico da literatura nacional*

(B)

s/a, *João Antônio no teatro do texto*. Jornal do Commercio, Recife, PE, 19/06/1991.

Pequena biografia e divulgação da presença do escritor na oficina ‘teatro de textos’ promovido pela Biblioteca Nacional/FUNDARPE, em Recife.

(C)

RODRIGUES, Antunes Rafael. *Pra lá de bom*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, RJ, 25/08/1991.

Pequena nota em que se comenta um texto que João Antônio teria publicado anteriormente nesse mesmo jornal, ‘bolero não é lero-lero’ e se afirma que *João Antônio é um orgulho, não só para o conto e o jornalismo nacionais, como para a melhor literatura brasileira*.

(Ci)

MONTENEGRO, Ana Maria.s/t, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, RJ, 27/08/1991.
Apenas cita o nome de João Antônio como um autor que publicou um texto sobre o Rio de Janeiro na revista francesa *Autrement*.

(R)

NUNES, Cassiano. *Duas cartas abertas enviadas a escritores e velhos amigos*. *Correio Braziliense*, Brasília, DF, 13/07/1991.

Um longo texto, no qual o autor comenta alguns autores que leu e que referenciavam o bairro o mundo da boemia, entre eles João Antônio *que tão bem fixou o ambiente fuliginoso, sebento, das sinucas*

(C)

VANTUIR, Silva dias de. s/t, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, RJ, 05/09/1991.

Carta de um leitor do *Jornal*, elogiando o espaço concedido ao texto 'bolero não é lero-lero' de autoria de João Antônio.

(En)

PEREIRA, Maria Silva & LEÃO, Lídice. *A língua viva do João*. *Jornal da tarde*, s/i, 13/07/1991.

Texto entrevista na qual João Antônio fala do seu tema preferido: literatura. *A literatura para mim é um exercício de paixão... é uma invasão do meu ser. Não sou escritor apenas. Sou e estou escritor...*

(Ci)

PAES, Paulo José. : *Memórias da comoção de uma vida*. *Revista Veja*, São Paulo, SP, 02/10/1991.

Longo texto sobre a vida do escritor José Paulo Paes, que faz uma viagem memorial pelas ruas de São Paulo, resgatando momentos importantes de sua trajetória naquela cidade. O autor cita a obra *Abraçado ao meu rancor*, de João Antônio, como uma descrição contundente da decadência por que passou a cidade de São Paulo.

(R)

BRANDÃO, Adelino. *A estética do autentico*. *Jornal da tarde*, São Paulo, SP, 22/11/1991.

Nesse texto, o autor fala de João Antônio com as seguintes palavras: *João Antônio é um Dostoievski tapuio, a sustentar com seu estilo novo, recriador, com seus neologismos já incorporados ao léxico nacional...*

(C)

SOUZA, Pereira Nídia de. *Ilustríssimo domingo*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, RJ, 25/08/1991.

Breve comentário sobre a literatura de João Antônio.

(R)

QUINTELLA, Ary. *Abraçado ao meu rancor*. Zero Hora, Porto Alegre RS, 13/01/1991.

Texto logo em que o autor faz um retrato amigo de João Antônio, ressaltando a personalidade coerente e a disponibilidade em ouvir o outro, além de chamar atenção para o próximo lançamento de João Antônio, “Abraçado ao meu rancor”, *Seu compromisso com o texto é total (...) por isso, o considero um artista (...) além do mais ele é um amigo, no sentido de ter sempre um ouvido disponível (...) vocês terão o prazer de conhecer o texto novo de João Antônio*

(R)

PINHEIRO, Nevinha. O calor do frio. A Tarde Cultural, Salvador, Ba, 26/11/1991.

O lançamento de *Meninão do caixote*, com destaque para o conto *Frio*, é o tema desse texto. *O conto de João Antônio seria patético se ele não o escrevesse com o coração de menino de rua, na beleza de sua lealdade, de sua pureza, sem intenções de condenar uma sociedade por si mesma condenada...*

(En)

SILVA, Juremir Machado da. *Antônio Cândido, o exercício da fantasia*. Jornal Zero Hora, s/i, 15/04/1991.

Trata-se de uma entrevista de Antônio Cândido, o qual cita João Antônio como sendo um *fabuloso contista*, ao lado de Rubem Fonseca. O texto termina com a seguinte reflexão de Antônio Cândido: *a literatura é sempre um ato de reflexão. Seu papel não é antes de tudo político ou de conscientização, mas de assegurar em alto nível uma dimensão indispensável do homem que é o exercício da fantasia.*

(R)

MORAES, Lazaro. : *O artesão da linguagem do viver*. O Liberal, Belém, Pará. 23/06/1991

Falando da literatura de João Antônio, Lazaro Moraes faz as seguintes afirmações: *a mesclagem cultural entre o homem do campo e da cidade grande são a matéria prima do trabalho literário de João Antônio (...) o personagem principal das obras (...) é uma espécie de protótipo do brasileiro, um personagem infinitamente especial, singular, capaz de soluções diferentes, de improvisações, criatividade e também de uma inexplicável alegria de viver...*

(R)

NUNES, Cassiano. *João Antônio e o problema da leitura escolar*. O liberal. Belém, P.A, 09/03/1992.

Tematizando a necessidade de promover maior incentivo à leitura no Brasil, esse texto se apóia em pesquisas realizadas principalmente na França a respeito deste tema, e destaca o lançamento da obra de João Antônio *Meninão do caixote*, com ilustrações de Juan Jose Balzi. Segundo o autor do texto: *procura o público da escola que tenciona ensinar o gosto pela leitura...*

(R)

BRANDÃO, Adelino. *O feijão de dona Zica e a pimenta malagueta de um novo cronista*.

Correio Braziliense. s/i. 15/03/1992.

Texto divulgação da obra *Zicartola...*, *são sete pequenos textos em que o ficcionista dá passagem ao repórter, ao observador que sai às ruas e se mistura à gente simples do povo para testemunhar o cotidiano de alegria e sofrimento.*

(R)

BRANDÃO, Adelino. *Zicartola, o novo livro de João Antônio*. A tribuna de Piracicaba – Diário Matutino. 27/02/1992.

Texto de Adelino Brandão, em tudo semelhante aos anteriores desse autor, que versam sobre a obra *Zicartola!...* de João Antônio.

(Ci)

s/a. *De volta ao reduto da boemia*. O Globo. Rio de Janeiro, RJ. 02/04/1992.

Nesse texto, João Antônio é mencionado como parceiro do cineasta Walter Lima Jr, em um projeto deste último sobre a montagem de uma peça que tenha o bairro da Lapa como cenário. *A lapa faz parte de um passado cultural do Brasil que ainda não foi totalmente digerido. Era um espaço onde as coisas se mitificavam*

(Ci)

TORRES, Antônio. *Benditos contistas*. Jornal do Brasil/idéias - livros & ensaios. s/i. 23/05/1992

Comentando o lançamento da obra *Romance Negro*, de Rubem Fonseca, Antônio Torres cita João Antônio como um dos grandes contistas brasileiros. *Em que brumas se escondem Dalton Trevisan e João Antônio, eméritos narradores de histórias curtas?*

(C)

BRANDÃO, Adelino. *II Encontro Nacional de Escritores (ENE) em Brasília*. Jornal de Jundiaí, Jundiaí, SP. 17/06/1992.

Divulgação da participação do escritor João Antônio como convidado no “II Encontro Nacional de Escritores” na cidade de Brasília /DF. *Haverá palestra do escritor João Antônio, (RJ) que falará sobre o escritor Lima Barreto.*

(Ci)

WADY, Cury João. *Loyola no país dos espelhos*. O Globo, Rio de Janeiro, RJ. 02/08/1992.

Entrevista de Ignácio de Loyola ao jornal o Globo. O entrevistado cita João Antônio como um dos seus autores favoritos. *Eu gosto muito do João Ubaldo, do Deonísio da Silva, do João Antônio.*

(C)

MENEZES, Carlos. s/t, O Globo, Rio de Janeiro, RJ, 21/01/1992.

Pequena nota, dando conta da trajetória das obras “*Zicartola e que tudo mais vá para o inferno*” e “*meninão do caixote*”, que estavam em reedição.

(C)

s/a, *Escritor lançou livro sobre samba em botequim*. Jornal da Noite, Rio de Janeiro RJ, 1992.

Pequena nota comentando o lançamento de ‘*Zicartola, e que tudo mais vá pro inferno*’ o

lançamento foi ao som de um grupo de chorões ... diz o autor ... “o livro está mais pra botiquim do que pra livraria, mais para escola de samba do que para academia de letra”

(R)

BRANDÃO, Adelino. *Zicartola, um livro e uma filosofia*. Jornal O liberal, Belém, Pa, 14/02/1992.

Esse texto tem a mesma estrutura e conteúdo de outros textos desse jornalista que versam sobre o mesmo tema.

(Ci)

CAMINHA, Edimilson. : *Os “dez mais” e “o conto desconhecido”*.s/i, 08/1992.

Em uma longa resenha, o autor faz um elenco, pessoal, de títulos que representariam os dez melhores contos brasileiros, incluindo na lista *Frio*, um conto de João Antônio.

(En)

ARAÚJO, Celso. *O Brasil que ninguém lê*. Jornal de Brasília, DF, 18/07/1992.

Em uma longa entrevista concedida a Celso Araújo, João Antônio aborda diversos temas sobre cultura e literatura brasileira, ressaltando a presença de alguns artistas nacionais e a necessidade de tornar mais presente as particularidades do Brasil na literatura que se realiza, sem, contudo perder de vista a elaboração estética que todo texto necessita ter. *Esse universal está, por exemplo, em Machado de Assis, numa página como a do conto A noite do almirante (...) a personagem é tão brasileira e ao mesmo tempo Machado penetra tanto no eu feminino que ela poderia ser personagem de Ingmar Bergman (...) uma obra de arte tem que ser sedutora (...) sou permanentemente assaltado pela singularidade da vida brasileira*

(C)

s/a .*Guardador*.Correio Braziliense.s/i, 19/08/1992.

Pequeno texto comentando o próximo lançamento da antologia *Guardador*. Curioso que nesse texto, o livro recebe o nome *O Guardador*; porém a presença do artigo definido não está presente no título da obra.

(C)

s/a , *João Antônio*. O Globo, Rio de Janeiro, RJ, 19/03/1993.

Pequena nota comentando as andanças de João Antônio pela cidade do Rio de Janeiro em busca de personagens para suas obras.

(C)

SERGIO, Mário. *Lançamentos*. Jornal Estado de Minas/segunda seção. Minas Gerais MG. 24/10/1994.

Pequena nota sobre o relançamento da obra *Casa de louco*, pela editora Rocco. *São ao todo nove crônicas, em 152 páginas que, não por acaso, homenageiam o escritor Lima Barreto.*

(C)

TERCIO, Jason. *João Antônio fotografa o Brasil em crônicas*. Correio Braziliense. Brasília

DF. 13/11/1994.

Texto divulgação do relançamento, em quarta edição, da obra “Casa de Loucos”, pela editora Rocco. *São 12 textos que poderiam ser denominados crônicas, já que tratam de cenas e personagens da vida brasileira ... João Antônio, que já ganhou a vida como jornalista, mostra em Casa de Loucos um painel da sociedade brasileira, numa linguagem que tem o circunstancial do jornalismo e ao mesmo tempo o rigor estilístico de um bom escritor.*

(En)

BOAS, Villas, I. *Superstição*. Jornal do Brasil. s/i. 06/08/1994.

Uma longa entrevista que tem por foco o lançamento, em quarta edição, da obra “Casa de Louco” pela editora Rocco. Aqui, João Antônio fala do seu livro e do Brasil em geral. *Este livro tem uma característica rara. É um livro de várias cenas brasileiras tratadas em várias técnicas: do conto ao perfil, passando pelo ensaio ... o povo carioca é uma vítima da falta de reformas: agrária social, educacional ... acho que o grande primeiro prosador do modernismo foi Antonio de Alcântara Machado.*

(Ci)

COUTO, Geraldo J. *Brasileiros têm mercado reduzido*. Folha de São Paulo/Caderno mais. São Paulo SP. 25/09/1994.

Um longo texto sobre a presença de escritores e obras brasileiras na Alemanha. Aqui, a presença de João Antônio é apenas citada como sendo um dos grandes escritores que tematizam os aspectos urbanos do Brasil.

(C)

NAME, Daniela. *O filósofo da malandragem carioca*. O Globo, Rio de Janeiro, RJ, 25/09/1994.

Nesse texto, no qual João Antônio é apontado como leitor de Beckett e Sartre, divulga-se a reedição do conjunto de obras de João Antônio. *Atualmente o escritor prepara um novo livro, “os contos da prostituta loira” e começa a ter sua obra completa reeditada pela editora Rocco - a começar por “Casa de Loucos”, coletânea de contos originalmente publicada em 1976. Nele, João Antônio une seu estilo cortante e amargo à sua paixão pela música popular brasileira, futebol, política e boemia ...*

(C)

s/a, *João Antônio no diálogo*. Jornal da Tarde/debate, São Paulo, SP, 19/09/1994.

Divulgação da participação do escritor João Antônio como convidado no projeto “diálogos: literatura e cinema”, desenvolvido pelo Centro Cultural de São Paulo, e como presença nas bibliotecas públicas, participando do projeto “o escritor nas bibliotecas”, uma iniciativa da secretaria de Cultura do Estado de São Paulo no referido ano.

(D)

ANTÔNIO, João. *Relembrando o velho Braga*. Jornal da Tarde, s/i, 08/10/1994.

Nesse texto João Antônio presta uma homenagem ao escritor Rubem Braga, recomendando, de forma elogiosa, a leitura das crônicas e de outros textos desse escritor, lamentando que o Brasil não reconheça plenamente o valor de seus artistas. *Quando Rubem Braga morreu, a 19*

de dezembro de 1990, não lhe deram o destaque devido (...) observador arguto do cotidiano (...) vocacionado para a crônica, jogou todo o seu talento nela e, com isso, passou a fazer parte da literatura e da história da literatura no Brasil.

(R)

MORETZSONH, Virgílio. *Os tipos de João Antônio*. Jornal da Tarde, s/i,08/10/1994.

Texto no qual se comenta o lançamento de *Guardador*.

(En)

SILVA, Maria José.s/t, Opção Cultural. Goiânia, GO. 11/11/1995.

Entrevista longa, na qual João Antônio reafirma suas convicções à respeito de política, literatura e cultura no Brasil. *Literatura é algo vital, um caldal de emoções (...) a poesia, a verdadeira poesia, é outra religião da humanidade (...) eu me considero um escritor em construção (...) raramente traço um projeto de trabalho para escrever meus livros, a exceção de Malagueta, Perus e Bacanaço (...) mas trabalho muito o mesmo texto, e, normalmente, chego a fazer dez versões diferentes (...) jogaram sobre mim o estigma da marginalidade. Acho isso muito injusto (...) tudo é absurdo no Brasil, quando o assunto é educação e cultura.*

(C)

UCHÔA, Cláudio. *Doze anos de cultura a domicílio*. Informativo, Rio de Janeiro, RJ,12/1995.

Pequeno texto que marca a presença de João Antônio como participante de um projeto promovido pela IBM, com objetivo de preservar o patrimônio cultural brasileiro.

(Ci)

MARTINS, Wilson. *Aventuras paranaenses em contos da vida real*. O Globo. Rio de Janeiro RJ. 30/12/1995.

Artigo no qual se fala sobre a coletânea “Encontro das águas” (1994), na qual estaria incluído um texto de João Antônio.

(Ci)

RANGEL, Carlos. *Os setenta anos do homem da civilização brasileira*. Jornal do Commercio, Recife PE. 18/11/1995.

Um longo texto sobre Enio Silveira, contendo uma apreciação de João Antônio a respeito da relação autor/editor que ambos mantinham. *Ênio era um tipo carismático e eu tinha medo de me aproximar dele. Eu chorava minhas mágoas com Mário da Silva. Os originais de “Malagueta Perus e Bacanaço” tinham sido consumidos num incêndio na casa de meus pais. Mário me obrigou a reescrevê-lo na biblioteca Mário de Andrade e Ênio apostou no livro que me lançou. Era 1993.*

(C)

RUBIO, Felipe de J.H. *Cuentista Brasileños, aquí y ahora*. Casa Del Tiempo-Fundação Biblioteca Nacional Rio de Janeiro, RJ. Julho/1995.

Texto que noticia a publicação de uma antologia em língua espanhola, na qual estaria inclusa

uma obra de João Antônio. *Esta antología nos brinda la oportunidad de conocer a nuevos autores y, sobretudo, la posibilidad de ampliar nuestro conocimiento de una literatura profundamente imaginativa.*

(Ci)

NAME, Daniela. *O torpor boêmio de Scott Fitzgerald*. O Globo, Rio de Janeiro, RJ, 23/08/1995.

Esse texto contém uma fala de João Antônio a respeito do escritor Scott Fitzgerald, a propósito do lançamento da obra “Seis contos” de autoria deste último. *Ele tinha uma relação orgânica com a literatura e conseguiu entrar de maneira total dentro do seu tempo. Mergulhou fundo e sabia muito bem que não podia voltar atrás desse mergulho*

(En)

ORICCHIO, Luiz Zanin. *João Antônio busca palavras dos marginais*. Jornal o Estado de São Paulo, São Paulo, SP, 25/05/1996

Trata-se de uma longa entrevista a qual é resumida pelo autor do texto com as seguintes palavras: *escritor confessa atração pelos desvalidos e conta como foi o processo de recriação de “Malagueta, Perus e Bacanaço”, sua obra mais famosa, cujos originais foram destruídos num incêndio (...) contrariando o que se pensa comumente, João Antônio diz que não tem apreço particular pelo escritor Lima Barreto, pelo menos como estilista. Mais importantes que Lima, foram decisivos em sua formação, Monteiro Lobato, Machado de Assis e os prosadores russos...*

OBSERVAÇÃO: Esse texto tem como chamada a reportagem de capa do *Estadão*, com o título *picardia de João Antônio ganha novo volume*. Pg 4-5. 1996.

(C)

UCHÔA, Cláudio. *A tradição dos “passeadores”*. Jornal O Dia, Rio de Janeiro, RJ, 01/06/1996.

Nesse texto comenta-se o lançamento de *Sete vezes rua e Patuléia – gentes da rua*, sendo estes descritos como *uma coletânea de contos ambientados em ruas e praças brasileiras, e uma coletânea da editora Ática que reúne alguns dos seus melhores e premiados contos, respectivamente.*

(Ci)

CÔRTEZ, Celina. *O selvagem da Europa*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, RJ, 06/06/1996.

Pequeno texto que menciona os comentários de João Antônio sobre a obra Kaspar Hause, quando do relançamento da mesma, pela editora Topbooks, em 1996. *Kaspar Hause é uma metáfora da sociedade e do Estado, um romance radical sobre a tragédia dos desvalidos e do homem moderno. É de uma atualidade alarmante (...) é um narrador extraordinário, que sabe seduzir muito bem o leitor...*

(C)

CASTELLO, José. *Retratos que saltam da moldura*. Jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, S.P, 11/06/1996.

Comentando a importância do contexto no estilo do autor, Castello menciona João Antônio:

como não ver no pequeno apartamento de João Antônio, na praça Serzedelo Correa, em Copacabana, um naco do seu estilo desregrado e excessivo? (...) visitá-lo é entrar um pouco na rudeza dos seus contos.

(C)

ANTÔNIO João et alii. *Quatro escritores 'desvendam' o crime alagoano.* Jornal O Globo, Rio de Janeiro, RJ, 30/06/1996.

O texto de entrada traz a seguinte chamada: *a convite do GLOBO, autores recriam, à sua maneira, a história que aguça a curiosidade dos detetives.* Logo abaixo lemos um mini conto de João Antônio que faz uma 'brincadeira' com o fato político do assassinato de P.C Farias.

(C)

ORSINI, Elisabeth. *Cariocas retratados em 'águas fortes.'* O globo, Rio de Janeiro, RJ, 14/09/1996.

Esse texto, além de anunciar o lançamento do livro *Dama do Encantado*, reporta também a existência de *Sete vezes rua* e *Patuléia*, lançados anteriormente. De acordo com João Antônio, *Dama do encantado* representa algo novo no seu processo de escrita: *o livro não pode ser classificado. Não são contos nem perfis, não é literatura e é literatura (...) seria uma tentativa de criar um gênero misto, híbrido, e mais ou menos novo...*

(C)

s/a . *A síntese de João Antônio.* Opção Cultural, Goiânia, GO, 02-08/06/1996.

Nesse texto divulga-se o lançamento da obra *Patuléia – gente das ruas*, pela editora Ática, em 1996.

(D)

Caetano Maria do Rosário. *Freguês das quadras de escola dos bambas.* Jornal de Brasília. Brasília D F.19/02/1996.

Entrevista concedida por João Antônio, na qual ele fala de sua paixão pelo samba e por todas as manifestações culturais que representem o Brasil. *Gosto de uma roda de partideiros e de jongueiros, de um mocotó na quadra, de estar com os sambistas ... já não tenho a penetração e intimidade que tinha com o samba há 10, 15 anos atrás. Fui há algumas semanas, a um mocotó na Imperatriz Leopoldinense, e sabe que não ouvi um samba enredo na quadra!*

(Ci)

REINCHEBACH, Carlos. *"São Paulo S. A" tem atualidade assustadora.* Folha de São Paulo, São Paulo SP. 19/04/1996.

Falando a respeito do filme "São Paulo S. A", esse texto apenas cita o nome de João Antônio como um dos grandes contistas da cidade de São Paulo.

(C)

FRANCIS, Paulo. *Nova York por ai.* Jornal o Estado de São Paulo. São Paulo SP. 09/-6/1996. Entre outros comentários, o autor fala sobre o lançamento da obra *Patuléia* de João Antônio.

ANEXO B - Textos localizados na Pasta textos sem data

(C)

s/a, s/t, s/i, s/d.

Breve nota dando notícia do lançamento de “Ô Copacabana”. *Um livro simples na sua linguagem e nas suas pretensões... “Ô Copacabana” é leitura obrigatória de todo brasileiro, interessado em conhecer um pouco mais sobre aqueles seis quilômetros de praia, cuja fama vazou todas as fronteiras..*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento da obra *Ô Copacabana*, é possível estabelecer o ano de 1978 como data para esse texto, uma vez que foi nesse período que ocorreu a primeira edição dessa obra, sendo que uma segunda edição só viria a público em 2001, sendo, portanto uma obra póstuma.

(C)

MANDATTO, Jácomo. *Leão de chácara: contos de João Antônio*. s/i, s/d.

Breve comentário sobre a reedição e lançamento de *Malagueta Perus e Bacanaço* e *Leão de chácara*, respectivamente.

OBSERVAÇÃO: por se relacionar com uma das reedições de *Malagueta...* e com o lançamento de *Leão de chácara*, é possível estabelecer o ano de 1975 como data para esse texto, uma vez que foi nesse período que ocorreram tanto uma das reedições de *Malagueta...* quanto o lançamento de *Leão de chácara*.

(C)

BUENO, Wilson. *Conversa vadia*. Correio de Notícias, Curitiba, PR, 08/07/?.

Texto em que o autor relembra o início da amizade com João Antônio e, pontuando alguns fatos da vida deste, constrói para o leitor a visão de um homem inteiramente possuído pela ânsia de escrever. *Eu o conheci lá no começo dos 70... atirou para o alto o cargo milionário (o único), em nossa imprensa vendeu, pelo telefone, os dois carros da garagem; desquitou-se da ‘legítima’ e gemeu a sua humanidade...numa velha máquina de escrever Royal...*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível com exatidão a data deste texto.

(C)

s/a, *Nossos best sellers*, s/i, s/d.

Duas notas breves a respeito das obras *Dedo duro* e *Meninão do caixote*. A primeira é aclamada como a melhor ficção de 1983, já a segunda recebe o seguinte comentário: “é uma obra prima do conto brasileiro”.

OBSERVAÇÃO: A partir de indícios existentes no próprio texto, podemos estabelecer o ano de 1983 como sua data de publicação.

(C)

s/a, *João Antônio e suas viagens pelo Brasil*. s/i, s/d.

Nesse texto comentam-se as andanças que João Antônio fez por todo o Brasil, com intuito de, além de divulgar suas obras, divulgar também a literatura brasileira como um todo, uma vez que o número efetivo de leitores no Brasil está muito aquém do desejado por qualquer pessoa que se importe com literatura e com o nosso país. *Tentei ajudar na criação de uma ampliação do mercado para livros nacionais... tentando derrubar mitos que correm sobre os escritores,*

me aproximando dos estudantes sem pretensão... mas isto só não vai resolver, para começar a melhorar é necessário uma reforma geral....

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(C)

s/a, João Antônio. s/i, s/d.

Texto comentando o lançamento do livro *Malhação de Judas Carioca*. *Foi no apagar da luzes de 76, que surgiu o terceiro livro, Malhação do(sic) Judas Carioca, que até o momento só em São Paulo, já vendeu 2.500 exemplares... flagrantes das grandezas e baixeiras da São Sebastião do Rio de Janeiro... 'Malhação do Judas Carioca' é um livro polêmico por excelência*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Malhação*... uma provável data para esse texto seria entre 1975-1987, período em que ocorreram quatro edições desse livro, sendo a primeira e a segunda pela editora Civilização Brasileira, a terceira pela editora Record e a quarta pelo Círculo do Livro, Editora São Paulo.

(Ci)

RÓNAI, Paulo. *Duas palavras*. s/i, s/d.

Texto comentando a degradação por que passou a rua da carioca e uma possível restauração da mesma. João Antônio é citado como sendo uma das pessoas que melhor lembram da arquitetura original da rua, especialmente do bar Zicartola. *O Zicartola funcionava no primeiro pavimento de um sobrado, ao lado do Bar Luis. O Cartola ainda não havia operado o nariz, nem casado com a Zica, tinha o restaurante há alguns anos...*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(C)

s/a, *O jogo da vida*. s/i, s/d.

Nesse texto, os diversos atores do filme *O jogo da vida*, baseado na obra *Malagueta Perus e Bacanaço*, falam sobre sua experiência nesse trabalho. Maurice Capovilla: *escolhi os atores adequados... e dei-lhes toda a liberdade para que criassem, a partir de suas próprias experiências...* Gianfrancesco Guarnieri: *formamos um grupo ainda obstinado em não desistir. Queremos refletir a nossa realidade e continuamos fiéis a nosso povo, apesar de tudo, mesmo do desgaste da frase*. Lima Duarte: *eu gosto muito do filme porque é um filme paulista e, mais ainda, sobre São Paulo*. Maurício do Vale: *conheci em minha vida muitos Bacanaços. Talvez dos personagens que já tive a oportunidade de interpretar no cinema, seja ele o mais próximo*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento do filme *O jogo da vida*, o qual foi uma adaptação da obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, uma provável data para esse texto seria 1977, ano em que ocorreu a filmagem.

(Ci)

s/a, *Nas artes plásticas, galerias fecharam. Teatro bom, o local*. s/i, s/d.

Nesse texto, João Antônio é apenas mencionado, por suas referências á uma peça teatral da época. *'A morta', a sua maneira, conseguiu explodir, ou pelo menos ferir profundamente.*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(C)

s/a, *Jogo da vida. E de uma existência marginalizada.* s/i, s/d.

Texto divulgação do filme *O jogo da vida. Tentativa de fazer um cinema crítico, realista, popular ... precisamos batalhar pelo renascimento do cinema paulista... afinal os cineastas, como uma boa parcela da população vivem das tacadas na sorte ou no azar. Como numa mesa de sinuca*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento do filme *O jogo da vida*, o qual foi uma adaptação da obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, uma provável data para esse texto seria 1977, ano em que ocorreu a filmagem.

(C)

s/a, *João Antônio.* s/i, s/d.

Texto divulgação do livro *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto. Agora João Antônio (o contista de Malagueta Perus e Bacanaço) tem lançado pela Civilização Brasileira (90 páginas, Cr \$ 50), Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, uma data provável para esse texto seria 1977, ano em que ocorreu o lançamento dessa obra que teve, até o momento, apenas uma edição.

(C)

s/a, *Vida cachorra, uma antologia significativa.* s/i, s/d.

Nesse texto comenta-se o lançamento do livro *Vida cachorra*, que reúne contos de diversos autores, como Marco Rey, Aguinaldo Silva e próprio João Antônio, que participa da coletânea com os títulos *Paulinho Perna Torta* e *Frio. Vida cachorra é para ser lido e gostado. Naturalmente para quem só possui o MOBREAL não vai servir. Nem para quem só espera contos tipo 'Emmanuele'. Até os nomes feios dos contos do Aguinaldo, do Mafra Marcos ou João são bem colocados*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(R)

COELHO, Novaes Nelly. *Malagueta, Perus e Bacanaço(fragmento)* s/i, s/d.

Nesse texto, Nelly Novaes comenta a proximidade entre literatura e realidade contida nas obras de João Antônio, destacando o trabalho estético que essas obras contêm sem perder de vista a representação dos 'submundos' que permeiam a literatura Joaoantoniana. *Os homens que vivem em seus contos não são heróis... são talvez anti – heróis... no entanto quanta poesia é extraída desses gestos comuns... aí temos uma linguagem viva, concisa e dinâmica de João Antônio, expressa numa sintaxe livre, fragmentada, feita de orações justapostas ou sem verbos, cuja ausência, entretanto, imprime maior força ao pensamento... porém onde sua linguagem mais se amolda à realidade captada é na revelação do submundo da malandragem..*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(B)

s/a, *João Antônio. bibliografia sobre o autor.* s/i, s/d.

Texto datilografado que, aparentemente, contém uma completa bibliografia de João Antônio, tanto de textos que haviam sido publicados em livros, quanto em jornais e revistas.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(C)

s/a, *Opiniões críticas sobre Malagueta Perus e Bacanaço*, s/i, s/d.

Texto datilografado, contendo uma série de comentários críticos a respeito do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Aqui temos texto da autoria de Mário Brito, Ricardo Ramos, Sérgio Milliet, entre outros, incluindo também uma nota comentando a publicação, em uma antologia alemã, do conto *Meninão do caixote*.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(C)

COPOVILLA, Maurice. *Malagueta Perus e Bacanaço, segundo Maurice Copovilla*. s/i, s/d.

Texto datilografado, comentando uma das reedições da obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*. *Fruto de um conhecimento direto da realidade, Malagueta, Perus e Bacanaço, quando editado há treze anos atrás e agora reeditado com grande sucesso, veio demonstrar que a literatura urbana ainda tem muito que aprender com a cidade... foi partindo dessa idéia que resolvi adaptar a novela para o cinema... quero partir em busca desses fascinantes tipos humanos, personagens vivos e cinzentos como a própria paisagem da cidade*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento do filme *O jogo da vida*, o qual foi uma adaptação da obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, uma provável data para esse texto seria 1977, ano em que ocorreu a filmagem.

(C)

s/a, *Malandragem tem três reis: Malagueta, Perus e Bacanaço*. s/i, s/d.

Texto datilografado, comentando a 4ª edição da obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

A quarta edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, hoje considerado um clássico da literatura contemporânea brasileira, confirma e amplia a carreira do livro que já está incluído em oito antologias paradidáticas, além de ser adotado por várias escolas do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a quarta edição da obra *Malagueta....*, é possível estabelecer o ano de 1976 como data para esse texto, uma vez que foi nesse período que ocorreu a quarta edição dessa obra.

(C)

s/a, *“Malhação do Judas Carioca” um novo João Antônio*. s/i, s/d.

Texto datilografado, comentando o lançamento da obra *Malhação do Judas Carioca*. *É um livro polêmico por excelência. É a compra de uma briga que tem momentos de denúncia e de apelo...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Malhação....* uma possível data para esse texto seria entre 1975-1987, período em que ocorreram quatro edições dessa obra, sendo as duas primeiras pela editora Civilização Brasileira, a terceira pela editora Record e a quarta pelo Círculo do Livro, Editora São Paulo.

(C)

s/a, *Casa de loucos em 2º edição*. s/i, s/d.

Texto datilografado, comentando o lançamento da obra *Casa de loucos*. *Mais do que um best seller, o nome de João Antônio representa hoje, segundo boa parte de nossa crítica, uma espécie de remissão dos tipos da marginália de nossas grandes cidades e sua entrada – com violência e força humana – no mundo das letras...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com uma das edições da obra *Casa de loucos*, é possível estabelecer o ano de 1976 como data para esse texto, uma vez que essa obra só teve duas edições, ambas ocorridas no mesmo ano.

(En)

s/a, *João Antônio: ou a hora e a vez do anti-herói*. s/i, s/d.

Além de uma breve biografia de João Antônio, esse texto contém uma entrevista na qual o escritor responde questões sobre seu fazer literário e literatura em geral. *Nem conto nem reportagem... o escritor não poderá nunca sentir como o repórter, à tona das coisas... Chego a achar que literatura urbana não existe... a verdadeira literatura urbana é aquela capaz de captar o sentimento, o viver do homem na cidade... no conto, mais do que na novela, me realizo como pessoa...*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(C)

DIAS, Álvaro. *De mal a pior*. s/i, s/d.

Breve nota apontando a obra *Leão de chácara* como uma das melhores do ano de 1975, juntamente com *Museu de tudo*, de João Cabral de Mello Neto, e *A morte de D J em Paris*, de Roberto Drumond, entre outros.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(C)

s/a, *Dois pênaltis que salvaram a AAA da derrota*. s/i, s/d.

Nesse texto se comenta os lançamentos literários realizados em 1975. A presença de João Antônio aqui, se faz através do comentário sobre a obra *Leão de chácara*, que teve uma excelente acolhida por parte da crítica e do público leitor da época.

OBSERVAÇÃO: Indícios presentes no texto nos levam a estabelecer o ano de 1975 como data provável para sua publicação.

(C)

s/a, *João Antônio*, s/i, s/d.

Texto - panfleto, divulga o lançamento da obra *Lambões de caçarola, trabalhadores do Brasil*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Lambões...* uma data provável para esse texto seria entre 1977-1978, período em que ocorreram duas edições dessa obra.

(En)

Sheila Kplan, *João Antônio: uma literatura universal*. s/i, s/d.

Nesse texto João Antônio é entrevistado por Sheila Kplan e comenta, principalmente, sobre a tradução de suas obras para línguas estrangeiras. *O meu ... não é um texto que permita leitura*

dinâmica. Não escrevo para leitores de leitura dinâmica, o que dificulta muito uma tradução à altura deste texto ... quando se escreve sobre coisas brasileiras, se está dando um recado da nossa cultura, da nossa forma de ser...

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(C)

s/a, *Entre livros*, s/i, s/d.

Texto panfleto de divulgação da obra *Lambões de caçarola (trabalhadores do Brasil)*, pela editora LPM.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Lambões...* uma data provável para esse texto seria entre 1977-1978, período em que ocorreram duas edições dessa obra.

(C)

s/a, *livros*. s/i, s/d.

Pequena nota comentando o relançamento da obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, pela editora Civilização Brasileira.

OBSERVAÇÃO: A obra *Malagueta Perus e Bacanaço* foi editada cinco vezes pela Civilização, no período entre 1993 a 1978, o que nos leva a estabelecer um desses anos como sendo a data do texto aqui presente.

(C)

s/a, s/t, s/i, s/d.

Nesse texto comenta-se, de forma sucinta, o lançamento da obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henrique de Lima Barreto*.

OBSERVAÇÃO: por se relacionar com a obra *Calvário...*, é possível estabelecer o ano de 1977 como data para esse texto uma vez que foi nesse período que ocorreu a única edição dessa obra.

(C)

s/a, *Serviços*. s/i, s/d.

Breve comentário sobre o lançamento da obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henrique de Lima Barreto*, destacando a ligação literária existente entre João Antônio e o autor de *Clara dos anjos. São autores que retratam o universo cotidiano dos subúrbios e de sua gente...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Calvário...*, é possível estabelecer o ano de 1977 como data para esse texto uma vez que foi nesse período que ocorreu a única edição dessa obra.

(En)

LOUZEIRO, Luciane. *João Antônio mostra barreiras entre o escritor e a população*. O Fluminense, Niterói, RJ, 14/08/?.

O principal tema desse texto é a divulgação de *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Entretanto, João Antônio utiliza o espaço para reforçar seus apelos às autoridades competentes no sentido de criarem formas de incentivo à produção e consumo de uma literatura autenticamente brasileira. *Estive pesquisando durante as minhas*

viagens pelo país e levantei o seguinte dado: os professores de comunicação e expressão indicam para seus alunos, em nível ginásial, os seguintes autores: Herman Hesse, Irving Wallace... e outros... o que esses professores estão fazendo é um crime contra a memória nacional

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Calvário...*, é possível estabelecer o ano de 1977 como data para esse texto uma vez que foi nesse período que ocorreu a única edição dessa obra.

(En)

POLVORA, Hélio. *A marcha para a síntese*. s/i, s/d.

Nesse texto, apontam-se as dificuldades do gênero conto em ser praticada com autenticidade em um país em que as ‘modas’ literárias são facilmente descartadas em prol de uma experimentação muitas vezes imatura. *O conto brasileiro recente será difícil de ser visto como um todo, devido às tendências e modas caóticas que se desencadearam na literatura...*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(C)

CALDAS, Imanoel. *Escritor mais laureado em 64*. s/i, s/d.

Pequeno texto comentando a arte de João Antônio e ressaltando o quanto essa arte está ligada à própria vivência do autor. *Um jovem antiintelectual por índole e formação... homem da noite paulistana... se não fosse escritor, João Antônio por certo seria um entre tantos malandros iguais aos que povoam suas narrativas, pois tem muito das características desses seres...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a primeira edição de *Malagueta Perus e Bacanaço*, é possível estabelecer 1963 como data de publicação deste texto.

(E)

s/a, *Literatura pujante*. s/i, s/d.

Texto datilografado, comentando a 2ª edição de *Guardador* pela editora Civilização Brasileira. *13º livro de João Antônio, é composto de sete contos que a priori, parecem se diferenciar por completo. Todavia, enfocando o futebol, o guardador mendigo, o boêmio ou o colonizador, o autor nada mais está fazendo que enfocando a natureza humana, através do que, por muitos, é considerado desajuste, marginal...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a segunda edição da obra *Guardador*, é possível estabelecer o ano de 1992 como data de publicação desse texto.

(En)

s/a, s/i, s/d.

Texto datilografado, contendo uma entrevista na qual João Antônio debate inúmeros assuntos, principalmente a relação vida - literatura dentro da sua obra. *Eu me vejo como uma pessoa irremediavelmente presa ao ato de escrever... escrever é outra dimensão e é a única comunicação de verdade com o mundo...*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(R)

SAVAGET, Edna. *Abraçado ao meu rancor*. s/i, s/d.

Nesse texto a autora comenta o estilo conciso e incisivo de João Antônio e aponta o quanto a literatura desse escritor é participativa, no sentido de apreensão da realidade dos marginalizados. *João Antônio parece detestar atalhos fáceis e sombras no caminho. Coisa fácil, descartável, não é com ele*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(C)

SOARES, Ricardo. s/t, s/i, s/d.

Divulgando o lançamento da obra *Casa de loucos*, temos nesse texto os seguintes comentários: *não se limitando a emitir opiniões puramente individuais, João Antônio realiza o mais difícil: despreza a facilidade dos julgamentos para compreender, pela penetração objetiva das condições humanas que aborda, instintos, apetites e tendências os mais paradoxais*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com uma das edições da obra *Casa de loucos*, é possível estabelecer o ano de 1976 como data para esse texto, uma vez que essa obra só teve duas edições, ambas ocorridas no mesmo ano.

(En)

s/a, *João Antônio: o escritor não é um burocrata*. s/i, s/d.

Texto entrevista no qual João Antônio aborda vários assuntos. *Até que ponto sua literatura se identifica com sua experiência ou vivência? só escrevo sobre aquilo que vejo, com que convivo etc... os conteúdos numa realidade como a nossa é que deverão fornecer as formas...*

(C)

s/a, *Hoje só deu João*. s/i, s/d.Texto divulgação da obra *Casa de loucos*.OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com uma das edições da obra *Casa de loucos*, é possível estabelecer o ano de 1976 como data para esse texto, uma vez que essa obra só teve duas edições, ambas ocorridas no mesmo ano.

(Ci)

s/a, s/t, s/i, s/d.

Brevíssima nota sobre a inclusão de algumas obras de João Antônio em uma antologia de literatura Brasileira organizada por Alexis Levintin.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(D)

s/a, *Depoimento de João Antônio sobre o seu livro Lambões de caçarola*: , s/i, s/d.

Nesse texto João Antônio comenta a edição ilustrada do livro *Lambões de caçarola: criei fama de escritor obstinado que refaz um texto várias vezes, dando-lhe até 20 versões diferentes... em lambões de caçarola procuro dar uma visão talvez inédita da figura de Getúlio Vargas...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Meninão do caixote* é possível estabelecer o

período entre 1983-1991 como data de publicação desse texto, quando ocorreram cinco edições dessa obra.

(C)

s/a, s/t. Folha de São Paulo, São Paulo SP. 16/03/?.

Neste texto divulga-se o lançamento da antologia *Malditos escritores*, na qual João Antônio estava incluso.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar com exatidão a data desse texto.

(C)

s/r.

Divulgação da antologia *Malditos escritores*, que contou com a participação de João Antônio.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

s/a, s/t, s/i, s/d.

Texto divulgação da antologia *Malditos Escritores*, cujo texto de abertura foi escrito por João Antônio, com o título *O buraco é mais embaixo*.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

SCHRAMM, C. O. *João Antônio ainda não entendeu*. s/i, s/d.

Nesse texto o autor comenta acidamente uma crítica que João Antônio realizou sobre uma obra, não mencionada, de Murilo Carvalho. *Na critica a cidade escapa outra vez`ele diz que o livro pesquisou apenas esse bairro e ainda reclamou aspectos que o autor ... deixou ou poderia ser abordado*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

PRADO, Will. *João Antônio: um escritor a todo vapor*. s/i, s/d.

Comentando as idas e vindas de João Antônio pelo Brasil, o texto comenta algumas atividades então desenvolvidas pelo autor de *Dedo duro*. *Está organizando uma antologia de escritores atuais brasileiros... participa da comissão julgadora do concurso nacional de contos UNIBANCO... acaba de assinar contrato com um agente literário de Nova York, ao mesmo tempo que aparece numa antologia de contos brasileiros na Polônia ainda por gauchada aparece agora a 5ª edição de `Malagueta` e a 6ª de “ Leão de chácara”...*

OBSERVAÇÕES: Por se relacionar com o lançamento da quinta edição da obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, é possível estabelecer o ano de 1978 como data de publicação desse texto.

(Ci)

PUNTEL, Luiz. *Esses ingênuos, alienados e gananciosos escritores*. s/i, s/d.

Comentando o hábito dos escritores de visitarem as escolas para divulgar seus livros e terem um contato mais próximo com os prováveis leitores de suas obras, esse texto apenas cita João Antônio como um exemplo de escritor que realiza tal ato.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

OLIVEIRA. Jézer. s/t, s/i, s/d.

Texto em que se divulga o lançamento da primeira edição da obra *Casa de loucos. O livro acaba de sair trazendo a chancela de Editora Civilização Brasileira. É o próprio editor, Ênio Silveira, quem assina as orelhas do livro...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com uma das edições da obra *Casa de loucos*, é possível estabelecer o ano de 1976 como data para esse texto, uma vez que essa obra só teve duas edições, ambas ocorridas no mesmo ano.

(C)

s/a, *Escritor lança livro sobre samba em botequim de Bom Sucesso. s/i, s/d.*

Texto datilografado comentando o lançamento de *Zicartola e que tudo mais vá pro inferno ... o lançamento será ao som de um grupo de chorões liderado pelo trombonista Zé da Velha e uma turma de compositores sob a batuta d (sic) veteranos Darci da Mangueira e Nelson Sargento... o evento lítero – musical começa às 11 de domingo, com a presença do autor, venda de livros e autógrafos*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Zicartola...* é possível estabelecer o ano de 1991 com data para esse texto, pois foi nesse período que ocorreu a única edição da referida obra.

(B)

s/a, *A seleção hoje, os jurados de amanhã. s/i, s/d.*

Breve texto, contendo uma pequena biografia de João Antônio, situando-o como um dos jurados para a seleção no concurso de melhor contista, realizado em um momento e lugar que não foi possível precisar.com exatidão

OBSERVAÇÃO: não foi possível localizar temporalmente este texto.

(R)

SÁ, Jorge. *Novos Malagueta Perus e Bacanaço. s/i, s/d.*

Texto que divulga o lançamento da obra *Dedo duro*, de João Antônio. Essa obra é apreciada nos seguintes termos: *a narrativa de ficção praticada por João Antônio é dura e agressiva, mas nunca planetária, porque nasce de experiências vividas. Por isso o ponto alto do livro é o seu miolo... o narrador nos mostra de que forma ele reafinou sua arte de redescobrir o mundo...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento da obra *Dedo duro*, uma provável data para esse texto seria 1982-1987, período em que ocorreram três edições dessa obra, sendo a primeira e a segunda pela editora Record e a terceira pelo Círculo do Livro.

(C)

SIQUEIRA, Monteiro Lucy Maria. *Apresentação e indicação. s/i, s/d.*

Nesse texto temos uma ficha de leitura, aparentemente com objetivo didático, que funciona como um roteiro de abordagem para a obra *Dedo duro*, de João Antônio.: *Dedo duro, uma das narrativas e também título do livro, conta a história de Zé peteleco, Zé Vesgo, cujo olho*

encarava o espelho e o outro teimava em ir em outra direção.... essa ficha termina com um subtítulo ‘aproveitamento de leitura’ que apresenta sugestões para que o professor possa direcionar seus alunos na apreensão do sentido desse texto.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento da obra *Dedo duro*, uma provável data para esse texto seria entre 1982-1987, período em que ocorreram três edições dessa obra, sendo duas em 1982 e uma última em 1987.

(C).

s/a, Tome nota. s/i, s/d.

Brevíssima nota divulgando o lançamento do livro *Calvário E Porres do Pingente Afonso Henriques De Lima Barreto*.

OBSERVAÇÕES: Por se relacionar com a obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, uma data provável para esse texto seria 1977, ano em que ocorreu o lançamento da obra que teve, até o momento, apenas uma edição.

(C)

s/a, Livros. s/i, s/d.

Nota de divulgação do lançamento de *Calvário E Porres Do Pingente Afonso Henriques De Lima Barreto*. Nessa nota, o próprio autor apresenta o livro: *este roteiro de bares urbanos freqüentados pelo amanuense Afonso Henriques de Lima Barreto, me foi passado no sanatório da Muda da Tijuca, entre maio e junho de 1970, pelo professor Carlos*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, uma data provável para esse texto seria 1977, ano em que ocorreu o lançamento da obra que teve, até o momento, apenas uma edição.

(C)

NOBRÉGA, Alberto da. *O sucesso de João Antônio*. Jornal Jet set. s/i, s/d.

Brevíssima nota comentando a presença de João Antônio como integrante da comissão julgadora do prêmio cidade de belo horizonte.

OBSERVAÇÃO Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(C)

s/a, s/t, s/i, s/d.

Nota curta sobre o relançamento, pela editora Civilização Brasileira, do livro *Leão de chácara*, de João Antônio.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Leão de chácara*, uma data provável para este texto seria entre 1975-1989 período em que ocorreram sete edições dessa obra por diversas editoras, sendo a primeira, segunda, terceira e quinta publicação pela editora Civilização Brasileira, a quarta pelo Círculo do Livro, a sexta pela Editora Record e a sétima edição pela editora São Paulo: Estação liberdade.

(C)

LAJES, Solange. s/t, s/i, s/d.

Nota apreciativa sobre *Casa de loucos*, contando com um breve comentário de Ênio Silveira: *em todos os seus livros, tanto nos de ficção, como nesta ‘casa de loucos’ João Antônio se*

revela intelectual conseqüente, que tem raízes fixadas no solo fértil da espantosa e contraditória realidade nacional...

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com uma das edições da obra da obra *Casa de loucos*, é possível estabelecer o ano de 1976 como data para esse texto, uma vez que essa obra só teve duas edições, ambas ocorridas no mesmo ano.

(C)

s/a, s/t, s/i, s/d.

Nota curta a respeito do lançamento de *Casa de loucos*, aqui se repete os comentários de Ênio Silveira sobre ser João Antônio um intelectual conseqüente e profundamente enraizado na realidade caótica do Brasil.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com uma das edições da obra *Casa de loucos*, é possível estabelecer o ano de 1976 como data para esse texto, uma vez que essa obra só teve duas edições, ambas ocorridas no mesmo ano.

(C)

s/a, *Casa de Loucos nos mais vendidos em JF.* s/i, s/d.

Breve nota que apresenta essa obra de João Antônio como: *textos ágeis como linguagem e verazes. Pontiagudos, lancinantes como observação do dia a dia...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com uma das edições da obra *Casa de loucos*, é possível estabelecer o ano de 1976 como data para esse texto, uma vez que essa obra só teve duas edições, ambas ocorridas no mesmo ano.

(C)

s/a, s/t, s/i, s/d.

Brevíssima nota sobre a obra *Malhação de Judas Carioca*, que recebe o seguinte comentário: *narrativas onde a hipocrisia é despojada, desnudada e malhada convenientemente pelo festejado autor de Leão de chácara*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Malhação...* uma provável data para esse texto seria entre 1975-1987, período em que ocorreram quatro edições desse livro, sendo a primeira e a segunda pela editora Civilização Brasileira, a terceira pela editora Record e a quarta pelo Círculo do Livro, Editora São Paulo.

(C)

MANDATTO, Jácomo. *Aqui os livros.* s/i, s/d.

Pequena nota de divulgação de um livro de contos cujos autores são João Antônio, Marcos Reys e Mafra Carbonieli.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(C)

s/a, *Livros no prelo.* s/i, s/d.

Pequena nota de divulgação do livro *Calvário e Porres do Pingente A.H. L Barreto*, pela editora Civilização.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Calvário e porres...* uma provável data para

esse texto seria o ano de 1977, quando ocorreu o lançamento dessa obra que teve apenas uma edição.

(R)

RONÁI, Paulo. *Duas palavras*. s/i, s/d.

Texto datilografado no qual o autor comenta a literatura de João Antônio, enfatizando o quanto essa literatura é refratária a qualquer tipo de categorização. *Pois nem sei se são contos, apesar do autor batizá-los assim, já que esses escritos, refratários a qualquer classificação, não admitem rótulos... e assim o leitor vai acompanhando os figurantes do livro através de situações grotescas que a vida lhes arruma*

OBSERVAÇÕES: esse texto foi publicado na orelha do livro *Guardador*, de João Antônio, 1ª edição, 1992.

(C)

s/a, *Notícias da civilização brasileira*. s/i, s/d.

Pequena nota de divulgação da 5ª edição do livro *Malagueta Perus e Bacanaço*.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a quinta edição de *Malagueta Perus e Bacanaço*, é possível estabelecer a data desse texto como sendo 1978, ano em que essa obra foi republicada pela editora Civilização Brasileira.

(C)

s/a, *João Antônio: livro sobre Lima Barreto*. Curitiba. s/i, s/d.

Interessante comentário sobre o livro *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. *Em 1970, um intelectual tido como louco,... Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, ditou para João Antônio uma lúcida e desorganizada reflexão sobre a vida e a obra de um dos maiores escritores brasileiros... João Antônio ... lapidou esses manuscritos... uma obra diferente... a rigor, só o título é dele*

OBSERVAÇÃO Por se relacionar com a obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, uma data provável para esse texto seria 1977, ano em que ocorreu o lançamento dessa obra que teve, até o momento, apenas uma edição.

(C)

s/a, *João Antônio vem aí* s/i, s/d.

Nota anunciando a presença de João Antônio em uma tarde de autógrafos ocorrida na cidade de Curitiba.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(Ci)

s/a, s/t, s/i, s/d.

Pequeno texto comentando o lançamento de um livro sobre literatura africana, citando João Antônio como um defensor de uma literatura que fosse minimamente distanciada do povo. *A literatura brasileira resolveu sair para as ruas e os botecos, retratando a vida dura de nossa gente numa linguagem que a nossa gente fala e entende ... "Quem sai na chuva é para se molhar, e para não dar margens a dúvidas eu costumo sair sem camisa" diz João Antônio*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(C)

s/a, *Paca tatu cutia não*. s/i, s/d.

Pequena nota de divulgação do livro *Calvário e Porres do Pingente Afonso de Lima Barreto*. *Em verdade o livro não soma muito ao trabalho que o contista João Antônio vem fazendo ao longo desses anos de briga. De qualquer forma vale pela paciência, pelo cuidado...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, uma data provável para esse texto seria 1977, ano em que ocorreu o lançamento dessa obra que teve, até o momento, apenas uma edição.

(C)

RATH, João. *Abraçado ao meu rancor*. s/i, s/d.

Texto datilografado, no qual o autor tece os seguintes comentários a respeito da obra de João Antônio. *Mas o rancor é como abraçado a um amor...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Abraçado ...* uma provável data para esse texto seria o ano de 1986, quando ocorreu a primeira edição dessa obra, sendo que a segunda edição só aconteceria em 2001 pela editora Cosac & Naif, sendo portanto uma edição póstuma.

(En)

ENEIDA. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. s/i, s/d.

Texto entrevista, no qual João Antônio fala de si mesmo e de sua literatura. *Sobre o meu nome poderão ouvir as melhores e as piores coisas.. em literatura ainda jogo o jogo limpo, tenho me agüentado na posição que adotei*. Vale ressaltar que encontramos apenas uma parte do texto, já que o texto acaba no meio de uma das falas de João Antônio.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(D)

VIANY, Alex. s/t, s/i, s/d.

Nesse texto temos um depoimento de João Antônio sobre sua vida e trajetória literária. *agarrei-me a literatura aos onze anos... a alquimia literária me esgota... para reescrever "Malagueta, Perus e Bacanaço" empreguei quase dois anos, que não tinha quarto nem casa... minha vida é um trapézio...*

OBSERVAÇÕES: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

PEDROSO, Bráulio. *São Paulo tem o seu romancista*. s/i, s/d.

Comentando o lançamento da primeira edição da obra *Malagueta Perus e Bacanaço*, o autor do texto diz: *Alcântara Machado tentou com seus 'italianinhos' captar o típico paulistano ou algo de típico: João Antônio... conseguiu realmente, partindo de um lado marginal da sociedade, situar o ambiente citadino de São Paulo... João Antônio já é o romancista de São Paulo*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento da primeira edição da obra *Malagueta Perus e Bacanaço*, podemos indicar o ano de 1963 como data de publicação desse texto.

(C)

s/a, *livros*. s/i, s/d.

Esse texto apenas faz menção ao nome de João Antônio, como participante da coletânea "Maldito escritores", volume nº4.

OBSERVAÇÕES: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(Ci)

VIEIRA, Rónai, Cora. *Tudo bem no ano que vem*. s/i, s/d.

Comentando a ausência de uma literatura realmente crítica durante o ano de publicação do texto, a autora menciona João Antônio, entre outros, como escritor que se posicionou contra o *establishment*.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

s/a, *Cantos do mal dizer*. s/i, s/d.

Texto em que se comenta o lançamento da antologia *Malditos escritores*, na qual João Antônio está incluído. No final desse texto está escrito, em manuscrito: *não sei quem escreveu*.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(B)

PINHEIRO, Nevinha. *Da civilização brasileira*. s/i, s/d.

Pequeno texto com uma breve biografia de João Antônio, seguida por uma biografia de Mário Lago.

OBSERVAÇÕES: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

s/a, s/t, s/i, s/d

Texto de divulgação da revista *Malditos escritores*, volume nº4. Dessa Revista participaram, entre outros, os escritores: Chico Buarque, Wander Pirolli, Marco Rey, João Antônio, etc.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(E)

DURIGAN, Jesus Antônio. *João Antônio: o leão e a estrela*. s/i, s/d.

Um texto significativo, que analisa a ficção joãoantoniana a partir de um enfoque particularmente imanente, proporcionando vislumbres de como as obras desse escritor tem uma representação especial da realidade que enfocam. *Nos caminhos das representações internas aos textos, a ficção do autor teima em mimetizar a realidade de ponta cabeça, substituindo e invertendo de maneira notável o enfoque do mundo representado*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

s/a, *Chegou o leão de chácara: Viva o leão...* s/i, s/d.

Texto datilografado em que se comenta o lançamento, em terceira edição, da obra *Leão de chácara. mais do que um best seller, o nome de João Antônio representa hoje, segundo boa parte da nossa crítica, uma espécie de remissão dos tipos da marginalia de nossas grandes cidades e a sua entrada*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Leão de chácara*, uma data provável para este texto seria entre 1975-1989 período em que ocorreram sete edições dessa obra por diversas editoras, sendo a primeira, segunda, terceira e quinta publicação pela editora Civilização

Brasileira, a quarta pelo Círculo do Livro, a sexta pela Editora Record e a sétima edição pela editora São Paulo: Estação liberdade.

(Ci)

ATHANAZIO, Enéas. *Exposições e palestras destacam vida e obra de um grande escritor*. s/i, s/d.

Esse texto versa sobre uma homenagem realizada em Blumenau ao escritor Lima Barreto. Aqui, João Antônio é mencionado devido à publicação do livro *Calvário e Porres...*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

COELHO, Lígia. *O blefe e outros golpes no difícil jogo da vida*. Jornal Última Hora. s/i, s/d. Nesse texto, comenta-se o lançamento do filme *O jogo da vida*, baseado na obra *Malagueta Perus e Bacanaço*, de João Antônio. *O filme não tem uma proposta política, embora possa ser considerado político na medida em que reflete uma realidade, questiona*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o filme *Jogo da vida*, é possível estabelecer o ano de 1977 como data de publicação desse texto.

(Ci)

TÁVOLA, Artur. *Cinco grandes momentos do cinema brasileiro*. s/i, s/d.

Esse texto apenas menciona o escritor João Antônio, relacionando-o, como roteirista, do filme *O jogo da vida*.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o filme *O Jogo da vida*, é possível estabelecer o ano de 1977 como data de publicação desse texto.

(C)

s/a, *Malditos escritores: nove autores e 50 mil exemplares*. s/i, s/d.

Texto divulgando o lançamento da revista *Malditos escritores*, da qual João Antônio fez parte.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(En)

s/a, *A procura do brasileiro típico na ficção nacional*. s/i, s/d.

Respondendo a uma enquête, juntamente com outros escritores como Cyro do Anjos, Nélon Rodrigues, Raquel de Queiroz e outros, sobre como seria a representação ideal do brasileiro na ficção, João Antônio responde: *se existisse um personagem que unisse a malandragem. Sabidisse, flexibilidade de Macunaíma e Leonardo à infância de Garrincha, esse seria o brasileiro...*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(En)

s/a, *Ao sucesso na literatura*. s/i, s/d.

Em um longo texto, João Antônio retoma questões sobre literatura nacional versus literatura estrangeira, reafirma a necessidade do escritor brasileiro se profissionalizar e fala da sua visão pessoal sobre sucesso. *O próprio sucesso é uma visagem, com odaliscas e saltimbancos*

girando na batida de algum pandeiro... Quando um autor passa a vender, imediatamente tropeça nos preconceitos elitistas da crítica... para a qual autor que vende não presta... um best seller nacional vive mais de torto do que de direitos....

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(R)

CAMINHA, Edimilson. *João Antônio bom de crônica*. s/i, s/d.

Texto datilografado, cujo tema é o lançamento da obra *Zicartola e que tudo mais vá para o inferno* pela editora Scipione. Aqui João Antônio recebe os seguintes comentários: *o contista se mostra, também, um excelente cronista... dá passagem ao repórter, ao observador que sai às ruas e se mistura à gente simples do povo...*

OBSERVAÇÕES: Por se relacionar com a obra *Zicartola...* é possível estabelecer o ano de 1991 como data para esse texto, pois foi nesse período que ocorreu a única edição da referida obra.

(Cn)

ANTÔNIO, João. *Falta o ministério da vergonha*. s/i, s/d.

Um longo lírico texto, no qual João Antônio expressa a sua visão do momento que vive e lamenta a violência e o distanciamento que impera no mundo atual. O texto termina com um comovente auto de fé na vida. *Mas venha nos visitar, irmão, porque mesmo encarcerados, é só surgir o sol e banhar os nossos corpos, somos capazes de uma alegria de viver ainda única no planeta Terra. Valemos pela nossa alegria. Venha, é primavera. E o sol não demora voltar*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(R)

CASSIANO, Ricardo. *João Antônio e o problema da leitura escolar*. s/i, s/d.

Texto datilografado no qual se comenta o lançamento, ilustrado e com fins paradidáticos, de “*Meninão do caixote*”. Esta edição de “*Meninão do caixote*”, com ilustrações de alto nível de Juan José Balzi, que recria, certo, o clima embaciado e ambíguo de João Antônio, procuram o público das escolas que tencionam ensinar o gosto pela leitura...

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Meninão do caixote*, é possível estabelecer 1976-1991 como uma data para esse texto uma vez que foi nesse período que ocorreram reedições da referida obra.

(C)

s/a, s/t, s/i, s/d.

Texto panfleto de divulgação do lançamento da obra, ilustrada, *Lambões de caçarola* pela editora LP&M.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Lambões...* uma data provável para esse texto seria entre 1977-1978, período em que ocorreram duas edições dessa obra.

(En)

GONÇALVES, Lurdes. *João Antônio: um incrível banho de humanidade*. s/i, s/d.

Texto datilografado, composto por uma longa entrevista, na qual João Antônio aborda um pouco a psicologia dos seus personagens e, por consequência, do seu fazer literário. *O mundo marginalizado, apesar do miserê, é alegre... na maioria dos meus contos, a carga dos fatos, a*

vida é bem mais importante que as pessoas em si

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

s/a, *Dedo duro*. s/i, s/d.

Texto datilografado no qual se comenta a obra *Dedo duro*.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Dedo duro*, uma data para esse texto seria entre 1982-1987 período no qual ocorreram três edições da referida obra.

(C)

s/a, *Gente das artes*. s/i, s/d.

Pequena nota dando notícia da posição da obra *Leão de chácara* como segunda colocada na lista dos mais vendidos, segundo uma pesquisa realizada pelo Diário Mercantil.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Leão de chácara*, uma data provável para este texto seria entre 1975-1989 período em que ocorreram sete edições dessa obra por diversas editoras, sendo a primeira, segunda, terceira e quinta publicação pela editora Civilização Brasileira, a quarta pelo Círculo do Livro, a sexta pela Editora Record e a sétima edição pela editora São Paulo: Estação liberdade.

(C)

s/a, *Nova literatura brasileira é tema de curso de Dacanal*. s/i, s/d.

Pequeno texto noticiando a presença de João Antônio como palestrante de um evento cujo tema é *A crise da narrativa realista brasileira*.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

s/a, *Debate: literatura brasileira*. s/i, s/d.

Texto registrando a presença de João Antônio, como palestrante, em um evento produzido pela UFMG/UCMG.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto

(R)

CARNEIRO, Porfírio Caio. *Malagueta, Perus e Bacanaço, livro que me toca de perto*. s/i, s/d.

Divulgando o lançamento e relançamento de *Meninão do caixote* e *Malagueta Perus e Bacanaço* respectivamente, Caio Porfírio fala da arte de João Antônio nos seguintes termos: *mais que o valor real dos contos... mais que a beleza trágica, humana... o que me prende mais de perto a “Malagueta, Perus e Bacanaço” é a outra história, a sofrida e vivida pelos autores para escrevê-la*

OBSERVAÇÃO: É possível estabelecer o ano de 1975 como data de publicação desse texto, pois foi nesse período que ocorreu tanto o lançamento da obra *Meninão do caixote* quanto o relançamento de *Malagueta*...

(C)

s/a, livros novos. s/i, s/d.

Texto divulgação da obra *Livro de cabeceira do Homem*. Esse texto faz um levantamento dos autores existentes nessa coletânea, elencando, autores como: Wander Piroli, José Lingo Grünewald, Sérgio Porto, além do próprio João Antônio, que foi um dos idealizadores da coletânea.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(C)

s/a, Escrita: a nova revista literária. s/i, s/d.

Pequeno texto noticiando o lançamento da revista *Escrita*, da qual João Antônio teria participado com um texto cujo título seria: *Jacarandá Listosa: novo herói de João Antônio*.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(En)

s/a, Entrevista com João Antônio. s/i, s/d.

Texto divulgação da obra *Sete vezes Rua*, seguido de uma entrevista com João Antônio, que fala da obra: *é da rua que eu gosto espetáculo humano, rico, colorido... não tenho uma ligação apenas intelectual ou cultural com a literatura ou com arte e até com o pensamento... costume dizer que eu não escolho escrever sobre nada, os temas e são assuntos é que me elegem...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Sete vezes rua*, uma provável data para esse texto seria 1996, ano em que ocorreu a única edição da referida obra.

(Ci)

NEUMANE, José. Herança maldita. s/i, s/d.

Comentando sobre as demandas judiciais que ocorrem entre biógrafos e familiares de celebridades, o autor cita o conto *Fera*, de João Antônio como um exemplo de texto que provavelmente não terá esse tipo de problema, por ter evitado menção direta a qualquer outra obra ou pessoa.

OBSERVAÇÕES: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(R)

PINHEIRO, Nevinha. Um conto do mal e do bem: Paulinho Perna Torta de João Antônio. s/i, s/d.

Texto datilografado, no qual a autora faz uma análise sensível do conto *Paulinho Perna Torta*, de João Antônio. Destacando trechos do livro, Nevinha busca mostrar que esse conto está repleto de poeticidade e dramaticidade. *Paulinho, misto de marginal e poeta inconsciente... a busca do eu sensível, poético ... e por outro lado, o desencantamento com a mitificação do dinheiro*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Paulinho Perna Torta*, uma provável data para esse texto seria 1993, ano em que ocorreu a única edição dessa obra.

(C)

ALVES, Eduardo, Francisco. “*Calvário e Porres do pingente Lima Barreto*”: o novo livro de João Antônio. *s/i, s/d.*

Texto comentando o lançamento de *Calvário e Porres...*, com destaque para o trabalho de ‘lapidação’ feito por João Antônio para elaboração do texto final. *Como o montador de cinema, tesoura em punho, dei ritmo e respiração ao trabalho...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, uma data provável para esse texto seria 1977, ano em que ocorreu o lançamento dessa obra que teve, até o momento, apenas uma edição.

(C)

MONTE, Airton. *Abraçado ao meu rancor*. *s/i, s/d.*

Nesse texto, o autor, em uma linguagem forte, faz um enfático comentário a respeito do livro *Abraçado ao meu rancor*, destacando a representação que João Antônio faz dos excluídos da sociedade. *Fascínio de uma linguagem ágil, moderna, contemporânea, de palavras cortantes, exato bisturi estético construindo formas, imagens, paisagens urbanas, descrevendo os personagens e seus dramas comezinhos, mas de uma grandeza desesperada em sua dimensão de gentes miúdas*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Abraçado ...* uma provável data para esse texto seria o ano de 1986, quando ocorreu a primeira edição dessa obra, sendo que a segunda edição só aconteceria em 2001 pela editora Cosac & Naif, sendo portanto uma edição póstuma.

(R)

QUINTELLA, Ary. *Abraçado ao meu rancor de João Antônio*. *s/i, s/d.*

Texto datilografado no qual o autor divulga o lançamento da obra “*Abraçado ao meu rancor*”, tecendo elogiosos comentários a respeito do autor João Antônio. *Toda obra de escritor é sua vida... e poucos escritores provam isso tão bem quanto João Antônio... já não cabe mais antiga referência a ele do tipo “Rabelais o mangue”*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Abraçado ...* uma provável data para esse texto seria o ano de 1986, quando ocorreu a primeira edição dessa obra, sendo que a segunda edição só aconteceria em 2001 pela editora Cosac & Naif, sendo portanto uma edição póstuma.

(R)

CAMINHA, Edimilson Jr. *Abraçado ao nosso rancor*. *s/i*. Fortaleza, CE. *s/d.*

Nesse texto, João Antônio recebe os seguintes comentários: *nada em João Antônio soa falso, artificial ou artificioso... João Antônio não é folclorista e seu texto, por isso, não é folclórico, na medida em que valesse apenas pelo inusitado ou pelo pitoresco da fala popular*

OBSERVAÇÃO: Apesar do título relacionar o texto com a obra *Abraçado ao meu rancor*, lançada em 1986, preferimos não estipular uma data para sua publicação por se tratar de um texto extremamente genérico, que aborda vários temas e não só a obra em questão.

(R)

BRITO, Mário da S. *Dedo duro*. *s/i, s/d.*

Texto – resenha, datilografado, no qual se comenta o lançamento de *Dedo duro*, relacionando essa obra com várias outras representativas tanto da literatura nacional quanto estrangeira,

porém ressaltando o caráter pessoal e original da obra de João Antônio. *Na verdade João Antônio tem identidade própria, muito pessoal filosofia de vida, particularíssima cosmovisão e, acentue-se, pratica o fazer literário à sua maneira. Da qual tirou patente*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento da obra *Dedo duro*, uma provável data para esse texto seria 1982-1987, período em que ocorreram três edições dessa obra, sendo a primeira e segunda edição pela editora Record e a terceira pelo Círculo do Livro.

(C)

s/a, *Agitos de João Antônio*, Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, RJ. 18/09/1986.

Breves comentários sobre os lançamentos internacionais das obras de João Antônio. *Ellen Spielman estudante de literatura brasileira da Universidade Livre de Berlim, está no Rio para preparar uma tese de doutorado sobre a obra de João Antônio ... Leão de Chácara, recentemente lançado pela editora Guanabara... ainda sobre João Antônio, seu conto, Afinação na arte de chutar tampinhas será traduzido em Cuba...*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

NASCIMENTO, Esdras do. s/t. Tribuna da imprensa. Rio de Janeiro, RJ. s/d.

Breve comentário a respeito da inclusão de alguns textos de João Antônio em uma antologia preparada pela editora Civilização Brasileira. *Conheço os trabalhos de João Antônio incluídos no volume e posso assegurar que se trata de coisa boa... tão logo o livro esteja a venda voltarei ao assunto*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto. .

(C)

MATTA. Ary da. s/t, s/i, s/d.

Breve comentário, atribuído a Mário da Silva Brito, sobre João Antônio. *João Antônio ... deu novas dimensões ao conto paulista. É um Alcântara Machado dramatizante e esta presença do dramático confere maior profundidade ao conto...*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

s/a, *Malagueta Perus e Bacanaço*, 2ª edição esgotada em menos de 15 dias. s/i, s/d.

Anunciando um próximo lançamento da terceira edição de *Malagueta Perus e Bacanaço*, esse texto destaca as críticas recebidas, por João Antônio, em períodos recentes. *Em Madri publicou-se um estudo de Pilar Gomes Bedate com o título de “João Antônio y la picaresca” e o jornalista Marcos Ribas de Faria (“Última Hora” Rio de Janeiro) o considera “um dos mais poderosos e violentos escritores que o Brasil conheceu neste século XX. Leitura obrigatória”*

OBSERVAÇÃO: Uma provável data para esse texto é 1975, quando a Editora Civilização Brasileira investiu na 2ª edição da obra *Malagueta Perus e Bacanaço*.

(C)

s/a, *A volta de Malagueta Perus e Bacanaço* s/i, s/d.

O relançamento, a estréia de um “Caso Verdade”, pela rede globo, e ainda a filmagem, por

Maurice Capovilla, da obra *Malagueta Perus e Bacanaço*, são os temas desse texto, no qual se destaca, ainda, a trajetória literária premiada de João Antônio.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento do filme *O jogo da vida*, o qual foi uma adaptação da obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, uma provável data para esse texto seria 1977, ano em que ocorreu a filmagem.

(C)

s/a, *João Antônio. Hoje, na casa da cultura*, Jornal de Jundiaí. Jundiaí, SP. 19/05/?.

Pequeno texto de divulgação da presença do escritor na cidade de Jundiaí, com objetivo de realizar palestra e uma sessão de autógrafos dos seus livros.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar com exatidão a data desse texto.

(C)

s/a, *João Antônio, na cidade, a partir de amanhã*, Jornal de Jundiaí, Jundiaí. SP. 17/05/?.

Breve anúncio da chegada do escritor à cidade de Jundiaí, onde realizaria várias palestras sobre literatura, além de uma sessão de autógrafos.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar com exatidão a data desse texto.

(C)

s/a, *A volta do Clássico Velhaco. De novo, em grande estilo*. Boletim L&PM editores. s/d.

Divulgação do lançamento de *Lambões de caçarola*, o qual é anunciado como: *um livro para todos os brasileiros de 9 a 90 anos. Fartamente ilustrado. Da criança ao velho. Dos que viram Gegê aos que só ouviram falar*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento da obra *Lambões de caçarola*, uma provável data para esse texto seria entre 1977-1978 quando ocorreram quatro edições dessa obra.

(C)

s/a, *O Clássico Velhaco*. s/i, s/d.

Nota a respeito da obra de João Antônio, com destaque para *Abraçado ao meu rancor*. *Pelos livros de João Antônio circulam jogadores de sinuca, gigolôs, prostitutas, viradores, praças, dedos duros, artistas decadentes, leões de chácara, malandros. É ainda esse universo que se encontra retratado nos contos de Abraçado ao meu rancor, mas com a renovação de uma especial atenção dada ao trabalho de artesanato com a própria linguagem que dá vida a esse universo*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Abraçado ...* uma provável data para esse texto seria o ano de 1986, quando ocorreu a primeira edição dessa obra, sendo que a segunda edição só aconteceria em 2001 pela editora Cosac & Naif, sendo portanto uma edição póstuma.

(En)

s/a, *João Antônio entrevista a Roberto Gomes*. s/i, s/d.

Nesse texto, João Antônio fala principalmente sobre a edição ilustrada de *Lambões de caçarola*, não deixando de abordar também as relações que mantém com o mercado publicitário, insistindo na necessidade de profissionalização por parte do escritor, a fim de ter os seus direitos respeitados.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento da obra *Lambões de caçarola*, uma data para esse texto se situaria entre 1997 – 1978, período em que ocorreram três edições dessa obra, todas pela L&PM

(R)

DURIGAN, Jesus. *Otários e otários e otários*. s/i, s/d.

Texto datilografado no qual se analisa alguns aspectos das obras de João Antônio, mostrando que ali o tema da marginalidade é um pretexto para que o texto de João Antônio questione e ponha em xeque algumas categorias aparentemente estanques de tipos sociais, como os malandros e os otários. *Galeria de tipos residuais, marginalizados pela mesma sociedade que aparentemente abriga e protege “otários” e “malandros”... É esse processo que configura, por assim dizer, a forma significativa que preside a ficção de João Antônio*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

s/a, *João Antônio*. s/i, s/d.

Pequeno texto, aparentemente publicado, com uma breve biografia de João Antônio. Menciona uma crítica feita à obra de João Antônio, por Nilzo Scalzo (Estado de São Paulo) e Cremilda Medina (*A Possse da terra*).

OBSERVAÇÃO: Contém em anexo o texto publicitário do ano. Não foi possível localizar temporalmente esse texto

(En)

PRADO, Will. *João Antônio e os “Malditos escritores”*. s/i, s/d.

Entrevista realizada com João Antônio a respeito da Revista *Malditos Escritores*. Aponta João Antônio como principal mentor dessa publicação. Quando indagado sobre as características que melhor definem essa Revista, João Antônio responde: *‘Malditos’ não será uma antologia no sentido acadêmico, afinal é um livro feito de altos e baixos, , de erros e acertos.*

OBSERVAÇÕES: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

s/a, *Bazar*. s/i, s/d.

Nesse texto comenta-se o lançamento da obra de Caio Porfírio Carneiro *O sal da terra*, obra da qual João Antônio foi prefaciador.

OBSERVAÇÕES: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(En)

GERALDO, Maria L. Lúcia. *João Antônio: Escritores falam da realidade, de forma mais incisiva*. s/i, s/d.

Em uma das viagens pelo Brasil, para divulgação de suas obras, João Antônio tem vários encontros, nos quais sempre debate o papel da literatura, da censura. *Nossa literatura sofre uma violenta concorrência dos best sellers o que representa um lixo cultural... a censura é sempre abominável, nojenta, sou contra qualquer tipo de censura, não só quanto ao ato de escrever, mas quanto ao ato de viver...*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(Ci)

AFFONSO, Cardoso Wanilton. *Livraria não é quitanda, nem livro sabonete*. s/i, s/d.

Nesse texto apresenta-se uma breve biografia e uma entrevista com o escritor Aguinaldo Silva. Nessa entrevista, Aguinaldo Silva cita a obra *Leão de chácara* de João Antônio como sendo uma representante importante da brasilidade.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

s/a, *Lugar do conto*. s/i, s/d.Breve nota sobre o lançamento da obra *Ô Copacabana*, pela editora Civilização Brasileira.

OBSERVAÇÕES: Por se relacionar com o lançamento da obra *Ô Copacabana*, podemos indicar o ano de lançamento de 1978, como data de publicação desse texto, uma vez que a segunda edição dessa obra só ocorreu em 2001, sendo, portanto póstuma.

(Ci)

CANÇADO, Maria José. s/t, s/i, s/d.

Fazendo um apanhado geral das publicações realizadas naquele ano, o artigo cita João Antônio como criador de um personagem que não deu certo. *João Antônio tenta recriar em "Caramba" outro dos seus tipos. Não fosse a linguagem ritualística, quase excessiva, não fosse a mão do narrador a intervir o tempo todo... Caramba seria um personagem tão convincente como Malagueta*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(R)

J. Veiga José. *Lendo João Antônio*. s/i, s/d.

Nesse texto, J. Veiga comenta a obra de João Antônio como um todo, com destaque para a obra *Guardador*. De acordo com J. Veiga, a obra de João Antônio não comporta classificações estanques, precisando, antes de tudo, ser abordada nos seus aspectos literários/artísticos, sem o que fica incompleta qualquer análise que se pretenda realizar a seu respeito. *No fundo, a mania de domesticar não passa de uma tentativa de domesticar o diferente... João Antonio não se amolda a nenhuma chave classificatória*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a segunda edição da obra *Guardador*, é possível estabelecer o ano de 1992 como data de publicação desse texto.

(C)

MORAES, Denise. *Os protagonistas do terceiro milênio*. s/i, s/d.

Nesse texto Denise de Moraes relata como tomou contato com a obra de João Antônio e fala da perenidade da obra *Malagueta Perus e Bacanaço*, afirmando que as obras de João Antônio, e essa em particular, possuem a marca de atemporalidade característica dos grandes clássicos, capaz de sobreviver às mudanças que o consumismo imprime na sociedade. *Se a ordem hegemônica do consumo fragmenta e atomiza as demandas sociais, o que lemos nestas páginas impele-nos a uma unidade inadiável de pensamento, não seremos eternamente figurantes da trama desigual e injusta...*

OBSERVAÇÃO: A obra *Malagueta Perus e Bacanaço* teve nove reedições entre os anos de 1975-1987, o que nos leva a pensar em um desses anos como sendo a data do texto aqui

presente.

(R)

MANDATTO, Jácomo. *Lambões de caçarola*. Correio do Povo. s/i, s/d.

Nesse texto, o livro *Lambões de caçarola* é comentado por Jácomo Mandatto como sendo um dos mais significativos dentre as obras de João Antônio. *Faltava um conto como este na bibliografia de João Antônio. Agora ele já está aí, já em terceira edição em menos de três meses, provando a extraordinária penetração desse contista no seio do povo*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento da obra *Lambões de caçarola*, uma provável data para esse texto seria 1977-1978, período em que ocorreram duas edições dessa obra.

(C)

KRAUSZ, Luiz S. *A literatura contemporânea em duas amostras*. s/i, s/d.

Nesse texto comenta-se a reedição de *Leão de chácara*. O jornalista chega a comparar João Antônio a Genet, dizendo: *João Antônio já chegou a ser considerado, guardadas as devidas proporções, a uma espécie de Genet tropical. Sua prosa é áspera, visceral, o vocabulário é marginal e as imagens dotadas do peculiar tipo de fascínio dos subterrâneos*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com um dos lançamentos de *Leão de chácara*, uma provável data para esse texto seria entre 1975-1989, período em que ocorreram cerca de oito edições dessa obra.

(E)

CÂNDIDO, Antônio. *Um banho incrível de humanidade*. Jornal das letras. s/i, s/d.

O livro *Dedo duro* é comentado por Antônio Cândido como sendo um conjunto de contos no qual a narrativa traga o leitor para um mundo de velocidade e força que faz a vida explodir através das palavras, em um ritmo real e próximo. *Por estar situado bem dentro de sua matéria, João Antônio pode criar este ritmo, em cujo fluxo constrói personagens como se arrancasse de si mesmo os sentimentos e os feitos, com uma violência capaz de quebrar a visão escovada e remota própria de nosso mundo de classe média...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento da obra *Dedo duro*, uma provável data para esse texto seria 1982-1987, período em que ocorreram três edições dessa obra, sendo a primeira e segunda pela editora Record e a terceira pelo Círculo do Livro.

(D)

ANTÔNIO, João. *O uso indevido dos textos literários*. s/i, s/d.

Nesse texto, João Antônio elabora uma 'carta aberta' à imprensa brasileira, reclamando os direitos autorais que lhe eram devidos, tanto por editoras brasileiras quanto estrangeiras. *Autor nacional toma calote seja na língua ou traduzido, seja na área particular ou na oficial*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(En)

CAMINHA, Edmilson Jr. *João Antônio - corpo a corpo com a vida*. s/i, s/d.

Nesse texto-entrevista João Antônio é abordado sobre diversos assuntos pertinentes à

literatura e suas dificuldades como escritor. Percebe-se aqui a paixão e o conhecimento de João Antônio por tudo que diz respeito a literatura. *Eu procuro ser um bom leitor porque minha paixão por literatura aumenta à medida que o tempo passa. É curioso isso: chego a conclusão de que a literatura é quase um ato de merecimento, tanto para o escritor quanto para o leitor*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(R)

s/a, “*Dedo duro*” o novo livro de João Antônio. Jornal Jet set. Vitória, ES. s/d.

O livro *Dedo duro* recebe vários comentários nesse artigo o autor do texto interliga a vida e a obra de João Antônio e assim elabora um panorama dos contos existentes nesse livro, destacando o aspecto de questionamento social dessa obra. *Comprovando sua opinião e criação de seus personagens, o autor vai desenrolando trechos de vida a demonstrar vivência entranhada na pele do escritor que consegue em suas narrativas externar realidade sofrida e vivida*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento da obra *Dedo duro*, uma provável data para esse texto seria 1982-1987, período em que ocorreram três edições dessa obra, sendo a primeira e segunda pela editora Record e a terceira pelo Círculo do Livro.

(C)

MONTEIRO, Maria Lucy S. *Ficha de orientação de leitura, abordagem literária exploração do texto*. s/i, s/d.

Essa ficha, elaborada pela professora Maria Lucy Monteiro Siqueira, traça um roteiro de leitura que pretende orientar a leitura do livro *Dedo duro*, de João Antônio. Aqui é perceptível o caráter didático e esquemático que acompanham as propostas de leitura para os textos recolhidos em antologias que visam o ensino médio.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento da obra *Dedo duro*, uma provável data para esse texto seria 1982-1987, período em que ocorreram três edições dessa obra, sendo a primeira e segunda pela editora Record e a terceira pelo Círculo do Livro.

(C)

s/a, s/t, s/i, s/d.

Páginas - anúncios da obra *Dedo duro* de João Antônio. Mostra a capa e a contra capa desse livro, com um breve comentário que retoma e reafirma a presença dos personagens marginais/marginalizados na literatura de João Antônio.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento da obra *Dedo duro*, uma provável data para esse texto seria 1982-1987, período em que ocorreram três edições dessa obra, sendo a primeira e segunda pela editora Record e a terceira pelo Círculo do Livro.

(En)

ASSIS, Denise. *Ai de ti Copacabana*. s/i, s/d.

A decadência do bairro de Copacabana é o tema desse artigo. O texto de Rubem Braga é atualizado na voz de quatro personalidades, que, ora apóiam a ‘profecia’ de Rubem Braga, ora apontam para a possibilidade do progresso ter apenas mudado, mas não destruído, o lado humano do bairro de Copacabana. *João Antônio exhibe as entranhas de Copacabana, sem temor ao escândalo: ela é a vanguarda de comportamento e miséria... Mário Lago é ...*

caústico ao classificar Copacabana como “uma passarela sem brilho”... Paulo Amaral vê com menos pessimismo as transformações... *Ciro dos Anjos assina embaixo o lamento de Rubem Braga...*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(E)

BARBIERI, Ivo. *A cor social*. s/i, s/d.

Nesse texto, o livro de João Antônio, *Abraçado ao meu rancor*, é tema de uma interessante abordagem que relaciona o estilo de João Antônio ao estilo de Graciliano Ramos, tanto na forma econômica da linguagem quanto na temática da narrativa. *As ficções de Abraçado ao meu rancor trazem à cena da discussão os humilhados, esmagados e esquecidos... sob esse aspecto, João Antônio, em seu mais recente livro, lembra alguma coisa de Graciliano Ramos*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Abraçado ...* uma provável data para esse texto seria o ano de 1986, quando ocorreu a primeira edição dessa obra, sendo que a segunda edição só aconteceria em 2001 pela editora Cosac & Naif, sendo portanto uma edição póstuma.

(R)

s/a, *Releitura de João Antônio*. s/i, s/d.

Comentando a trajetória literária de João Antônio, desde o lançamento de *Malagueta Perus e Bacanaço*, esse texto se refere ao lançamento de *Dedo duro*, saudando essa obra como mais uma que insere João Antônio no painel dos mais representativos escritores da literatura brasileira. *O relato do ambiente das sinucas e ‘merdunchos’, ... e o registro espantoso do cotidiano... e das peripécias dos pingentes nos trens de subúrbio*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento da obra *Dedo duro*, uma provável data para esse texto seria 1982-1987, período em que ocorreram três edições dessa obra, sendo a primeira e segunda pela editora Record e a terceira pelo Círculo do Livro.

(C)

s/a, s/t, s/i, s/d.

Texto escrito provavelmente em polonês, comentando o lançamento do livro *Paulinho Perna Torta* naquela língua.

OBSERVAÇÃO: Lançamento em língua estrangeira da obra *Dedo Duro*, infelizmente não localizado temporalmente.

(E)

SAVAGET, Edna. *Abraçado ao meu rancor*. s/i, s/d.

Texto – resenha, datilografado, tem como tema o trabalho com a linguagem, principalmente a gíria, que João Antônio utiliza para elaborar suas obras, com destaque para o livro *Abraçado ao meu rancor*. Realçando o caráter social das obras desse escritor, Edna Savaget diz sobre João Antônio: *ele sabe, literalmente e com exatidão, onde começa o território livre da miséria por deplorável e criminosa falência do Sistema e onde acaba a indignidade que – como Genet- só se apraz com a abjeção humana*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Abraçado ...* uma provável data para esse texto seria o ano de 1986, quando ocorreu a primeira edição dessa obra, sendo que a segunda edição só aconteceria em 2001 pela editora Cosac & Naif, sendo portanto uma edição póstuma.

(Ci)

QUINTELLA, Ary. *Ficção Brasileira*. s/i, s/d.

Ao fazer um levantamento sobre literatura e autores brasileiros que tematizam a cidade e suas contradições, o autor cita João Antônio, relacionando-o ao livro *Malagueta Perus e Bacanaço*. *Assim como descobrimos o viver dos marlandis (sic) em Malagueta, Perus e Bacanaço, este clássico do mundo não conformista... porque a cidade é um grande sistema ao qual estão apendiculados subsistemas, aos quais estão apendiculados sistemas ainda menores*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(En)

s/a, *O escritor, operário da palavra*. s/i, s/d.

Texto entrevista, no qual João Antônio comenta a necessidade de profissionalização do escritor brasileiro, para que este possa ter o reconhecimento que lhe é devido. *Organizar uma entidade, digamos a Livrobrás ou Bráslivro... ou qualquer outro título, ... que catalize, sistematize, revele a incrível ... força do autor nacional, comercializando, distribuindo... os editores aparentemente se odeiam, os governos sempre foram mornos ... diante de cultura brasileira...*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

s/a, s/t, s/i, s/d.

Texto divulgação da reedição de *Malagueta Perus e Bacanaço* e da 1ª edição de *Leão de chácara*. *Nas livrarias de Vitória você pode encontrar pelo menos dois livros dos três de João Antônio...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento da primeira edição de *Leão de Chácara*, podemos indicar o ano de 1975 como data de publicação desse texto.

(C)

s/a, s/t, s/i, s/d.

Texto divulgação das obras *Malagueta Perus e Bacanaço* (reedição) e *Leão de chácara* (1ª edição). Contém os mesmos comentários de outros textos que divulgam os mesmos livros.

OBSERVAÇÕES: Por se relacionar com o lançamento da primeira edição de *Leão de chácara*, podemos indicar o ano de 1975 como data de publicação desse texto.

(C)

s/a, *João Antônio, o polêmico*. s/i, s/d.

Texto divulgação do lançamento de *Malhação de Judas Carioca*. Comentários repetidos em outros textos de mesmo tema. *Foi no apagar das luzes de 75, quando o nome e o retrato de João Antônio aparecia em nossos jornais e revistas... que surgiu o terceiro livro de João, Malhação de Judas Carioca... já vendeu 2.000 exemplares.*

OBSERVAÇÃO: Índícios presentes no texto apontam para o ano de 1976 como data provável de publicação desse texto.

(R)

MANDATTO, Jácomo. *Malhação de Judas Carioca*. Jornal da Comarca. Itapira SP. s/d

Texto que divulga o lançamento de *Malhação de Judas Carioca*, enfatizando a construção dos personagens que compõem essa obra. *João Antônio mostra novos tipos, outras imagens, aspectos poucos conhecidos da cidade grande com suas misérias, seus hábitos, seus sofrimentos*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento da obra *Malhação do Judas Carioca*, podemos indicar o ano de 1975 como data de publicação desse texto.

(C)

s/a, *O povo levado à cena*. s/i, s/d.

Texto em que se comenta, de forma um tanto acre, o lançamento de uma revista (Cultura), cujo eclético conteúdo, segundo o texto, não se destinava ao público (povo) que anunciava, mas sim a uma parte da sociedade que era erroneamente chamada de ‘povo’, o que, ainda segundo o texto, denunciava o caráter populista da revista em questão. Aqui João Antônio recebe o seguinte comentário: *na literatura, o grande sucesso é João Antônio, cujo populismo foi analisado em resenha de Wilson Nunes Coutinho (publicada em Opinião nº 175): “a ideologia é Rousseau andando de trem na central ... ela se reveste, na forma, de um naturalismo político, a presença imediata de um natural ‘popular’ apreendido sem contradições...”*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

s/a, s/t, A Tribuna, Vitória, ES. s/d.

Neste pequeno artigo, a obra *Lambões de caçarola* é referenciada da seguinte maneira: *o livro “Lambões...” está iniciando a “série ilustrada”, cuja característica principal é o lançamento de obra de apelo popular e valor didático dos temas abordados*

OBSERVAÇÃO: Embora não seja possível localizar dia ou mês, indícios constantes no texto apontam o ano de 1977 como data de publicação do mesmo.

(C)

s/a, *João Antônio é um escritor desbravador*. A Tribuna, Vitória, ES. s/d.

Segundo o próprio texto *esse é apenas um balancete rápido de mais uma apreciação de “Leão de chácara”, de João Antônio, seu segundo livro editado. Talvez um dia o papel relevante de João Antônio em nossa literatura seja devidamente estudado. Não apenas o escritor senão também o desbravador e crítico do mercado editorial brasileiro...*

OBSERVAÇÃO: Embora não seja possível localizar dia ou mês, indícios constantes no texto apontam o ano de 1977 como data de publicação do mesmo.

(C)

s/a, *Lambões de caçarola*. s/i, s/d.

O tema dessa nota é o lançamento da 3ª edição da obra *Lambões de caçarola*. Já na terceira edição, *“Lambões...” traz a carismática imagem de Getúlio Vargas em seus discursos pelas rádios.... o livro sintetiza toda uma época, mambembe, violentada pela 2ª guerra, mas nem por isso menos esperançosa...*

OBSERVAÇÕES: Por se relacionar com a terceira edição da obra *Lambões de caçarola...*, podemos indicar o ano de 1977 como data de publicação desse texto.

(C)

s/a, *A literatura Jornalística de João Antônio*. s/i, s/d.

Nesse texto comentam-se as inovações estéticas contidas na obra *Malhação de Judas Carioca* João Antônio não sujeita sua produção lítero - jornalística a um único conceito, de gênero... Isso é importante como um passo na procura de um produto menos elitizado, mais resolvido em padrão estético alto, de qualidade

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Malhação de Judas Carioca*, mas por não fazer menção específica a qualquer edição podemos apontar o período entre 1975-1987, quando ocorreram reedições dessa obra.

(Ci)

s/a, *Protótipo - revista de escritores marginalizados*. s/i, s/d.

Nesse texto João Antônio é citado como sendo um dos colaboradores de uma revista destinada a publicações de escritores que estão à margem das grandes editoras. *Agora em sua segunda fase, nº 7, um depoimento de João Antônio, além de um conto inédito do mesmo (a estrela desce) e mais 17 poetas e contistas marginalizados...*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(En)

s/a, *P Q P Pequeno Questionário Proust*. s/i, s/d.

Temos aqui um pequeno e bem humorado texto, no qual João Antônio responde a diversas questões sobre mulher, literatura, e dinheiro. *Mulher é um dos grandes mistérios e um dos milagres deste mundo ... quem apostar apenas no poder do dinheiro fatalmente perderá.... qual o livro que você gostaria de ter escrito? São Bernardo, de Graciliano Ramos...*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

s/a, *Esdras, João Antônio e cultura*. S. A Jornal do Brasil, s/i, s/d.

Em uma breve nota, o texto fala sobre a publicação de um livro, ainda sem título, de Esdras em parceria com João Antônio. *A idéia que os norteia a fazer um levantamento geral da cultura brasileira na atualidade, através do sistema de entrevistas...*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

MARTINS, Luis. *Um cronista da noite*. s/i, s/d.

Atualmente, creio que não existe em São Paulo melhor cronista da vida noturna – em seus aspectos boêmios e malandros, vizinhando com a delinquência e o crime – do que João Antônio. É um Antônio de Alcântara Machado com essas palavras, Luis Martins, , chama a atenção do leitor para a literatura de João Antônio.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

s/a, *A volta do livro, e da reportagem*. s/i, s/d.

O tema desse pequeno texto é o lançamento d'O livro de cabeceira do homem, cuja

editoração pertenceu a João Antônio.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente este texto.

(Ci)

s/a, *Os melhores da literatura*. Diário de São Paulo, s/d.

Nesse artigo destacam-se os melhores escritores, entre os quais estão João Cabral de Mello Neto, Ignácio de Loyola Brandão, incluindo uma menção a João Antônio pela obra *Leão de chácara*.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

s/a, s/t, s/i, s/d.

Texto sucinto, mas que dá conta de uma boa parte da trajetória por que está passando as publicações de João Antônio naquele momento. *O livro de contos “Malagueta, Perus e Bacanaço” três senhores de péssimo comportamento, chega a quarta edição... “Malhação de Judas Carioca” ... já disparou em vendas e começa a obter da crítica uma colocação de destaque... a Embrafilme já recebeu um roteiro com diálogos do escritor para a filmagem de “Malagueta, Perus e Bacanaço”... “Leão de chácara” um dos maiores sucessos de 75, está tendo uma edição especial exclusiva para sócios do clube do livro, de São Paulo. “Casa de Loucos” vai ser da editora Civilização Brasileira...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a quarta edição de *Malagueta Perus e Bacanaço*, podemos indicar o ano de 1976 como data de publicação desse texto.

(C)

s/a, *Malagueta, Perus e Bacanaço, na tela*, s/i, s/d.

*Dentro da melhor tradição da literatura brasileira, João Antônio foi buscar seus personagens no meio de uma massa anônima que constitui característica da cidade de São Paulo... veio demonstrar que a literatura ainda tem muito que aprender com a cidade ... estes são os comentários existentes nesse texto sobre a filmagem de *Malagueta Perus e Bacanaço*, uma das mais importantes obras de João Antônio.*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento do filme *O jogo da vida*, o qual foi uma adaptação da obra *Malagueta Perus e Bacanaço*, uma provável data para esse texto seria 1977, ano em que ocorreu a filmagem.

(C)

s/a, Diário de São Paulo. São Paulo, SP. 11/01/?.

Breve nota sobre a participação de Grande Otelo no filme *O jogo da vida* baseado na obra *Malagueta Perus e Bacanaço* de João Antônio. Além disso, temos também uma breve menção ao lançamento de *Malhação de Judas Carioca* outra obra desse autor.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento do filme *O jogo da vida*, o qual foi uma adaptação da obra *Malagueta Perus e Bacanaço*, uma provável data para esse texto seria 1977, ano em que ocorreu a filmagem.

(En)

s/a, *A arte imita a vida*. Jornal Movimento. s/i, s/d.

Trata-se de uma entrevista, na qual João Antônio conversa sobre o porquê de considerar *Malhação de Judas Carioca* uma obra de caráter tão literário quanto qualquer outra das suas obras. “*Malhação do Judar (sic) Carioca*” tem *personagem, tempo, flagrantes, gentes que me doem tanto quanto a arraia brava de “Malagueta, Perus e Bacanaço” ... meu “tom”será sempre o que melhor reflita a compreensão popular. Não vejo sentido nas formas rebuscadas e muito menos nos hermetismos...*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Malhação*... uma possível data para esse texto seria entre 1975-1987, período em que ocorreram quatro edições dessa obra, sendo as duas primeiras pela editora Civilização Brasileira, a terceira pela editora Record e a quarta pelo Círculo do livro, Editora São Paulo..

(D)

s/a, *Brasileiro*, profissão: *escritor*. Jornal de Santa Catarina, SC. Domingo e segunda feira, 08/09/?.

Classificada como depoimento, essa reportagem passa a palavra para João Antônio, que volta a enfatizar seu posicionamento a respeito da literatura e da própria vida. *Minha obra reflete minha própria vida e muito... não venho da classe média, saí de um proletariado vizinho da pobreza... Os formalismos em geral não têm nada a ver com o recado visceral de uma literatura realmente brasileira*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar com exatidão a data desse texto.

(C)

s/a, *Malhação de Judas Carioca*. s/i, s/d.

Nesse texto fala-se dos lançamentos realizados por João Antônio durante o ano de 1975, com destaque para a obra *Malhação de Judas Carioca: flagrantes de grandezas e baixezas da São Sebastião do Rio de Janeiro*, seguida de uma tomada de posição do autor... em que é defendida uma literatura de participação e compromisso com a realidade brasileira

OBSERVAÇÃO: Embora não seja possível localizar mês ou dia, Índícios constantes no texto apontam o ano de 1976 como data de publicação do mesmo.

(C)

s/a, s/t, s/i, s/d.

Breve nota sobre o lançamento do livro *Casa de loucos*.

OBSERVAÇÕES: Por se relacionar com a edição da obra *Casa de loucos*, é possível estabelecer o ano de 1976 como data para esse texto, uma vez que essa obra só teve duas edições, ambas ocorridas no mesmo ano.

(C)

s/a, *Dá-lhe João*. s/i, s/d.

Texto elogioso, parabenizando João Antônio pela venda de cinco mil exemplares da obra *Casa de loucos*.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a edição da obra *Casa de loucos*, é possível estabelecer o ano de 1976 como data para esse texto, uma vez que essa obra só teve duas edições, ambas ocorridas no mesmo ano.

(C)

s/a, *João Antônio na cidade a partir de amanhã*. Jornal de Jundiaí, Jundiaí, SP. 17/05/?.

Texto que divulga a presença do escritor na cidade de Jundiaí, com objetivo de participar de algumas palestras culturais promovidas pela prefeitura local, além de fazer divulgação de seus livros.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar com exatidão a data desse texto.

(C)

s/a, *Dedo duro*, s/i, s/d.

João Antônio é inigualável. Incomparável... um texto de João Antônio é algo que não se confunde... sua literatura não é feita de frases rebuscadas, mas de uma linguagem vívida, atual, especial, seguramente encontrada nas bocas de homem e mulheres, habitantes obrigatórios de um mundo injusto e violento... com estas palavras, o autor do texto, que não foi possível identificar, anuncia o lançamento do livro *Dedo duro*, de João Antônio.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o lançamento da obra *Dedo duro*, uma provável data para esse texto seria 1982-1987, período em que ocorreram três edições dessa obra, sendo a primeira e segunda pela editora Record e a terceira pelo Círculo do Livro.

(En)

FREITAS, Carlos de. *Dedo duro*. s/i, s/d.

Após uma breve biografia, o texto passa a palavra a João Antônio, que comenta o seu livro *Casa de loucos. Vamos dizer que este meu quarto livro é uma espécie de outra face do meu "Malhação de Judas Carioca", a barra mais pesada, o passo mais definitivo, o tiro com endereço ainda mais certo*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a edição da obra *Casa de Loucos*, é possível estabelecer o ano de 1976 como data para esse texto, uma vez que essa obra só teve duas edições, ambas ocorridas no mesmo ano.

(C)

s/a, *Os críticos comentam a obra de João Antônio*. s/i, s/d.

Guido Wilmar Sassi: *João Antônio... leva o leitor a percorrer diversos bairros onde o jogo é a razão de viver de muitos.... a gíria... não serve apenas para dar cor local é funcional... caracterizando o malandro com todos os seus cacoetes e manias...* Edna Savaget: *jamais o submundo teve um interprete tão eloqüente e carinhoso... assim João Antônio olha o mundo...* Sergio Milliet: *mas que preste um pouco de atenção e o leitor verá o mundo de simpatia e ternura que o contista João Antônio tem pelos seus heróis... algumas das cenas que nos apresenta são verdadeiras obras primas...* Esse é tom que vários críticos utilizam para falar do escritor João Antônio nesse texto, que tem por pano de fundo um outro texto que trata da divulgação do lançamento da obra *Lambões de caçarola* pela editora LP&M.

OBSERVAÇÕES: Trata-se de uma coletânea de recortes que João Antônio organizou com títulos que falavam de suas obras; infelizmente não foi possível localizar temporalmente os textos aqui presentes.

(C)

s/a, *João Antônio, escritor e jornalista, hoje na cidade. Conversando*. Jornal da cidade de Jundiaí, Jundiaí, SP. 19/05/?.

A visita de João Antônio à cidade de Jundiaí dá ensejo a uma reportagem sobre esse escritor, o qual é retratado nos seguintes termos: *escritor consagrado em muitos países, jornalista atingido pelas restrições do governo militar, João Antônio estará recebendo estudantes, professores, jornalistas e interessados em geral para uma conversa*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar com exatidão a data desse texto.

(Ci)

s/a, *Lima Barreto, escritor do povo*. Fundação Moreira Salles/ Jornal UNIBANCO, s/i, Junho/?.

Esse texto versa essencialmente sobre Lima Barreto, e apenas menciona João Antônio devido a publicação da obra *Calvário e Porres do pingente Lima Barreto*.

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar com exatidão a data desse texto.

(En)

s/a, *A verdade de Malagueta, Perus e Bacanaço. A história do livro contada por seu autor, João Antônio, exclusiva para 'Ponto de Encontro'*. s/i. Maio/Junho/?.

Nesse texto, João Antônio retoma os trágicos acontecimentos que marcaram a escrita primeira do seu clássico *Malagueta Perus e Bacanaço*, e comenta que, para essa reedição, espera que o livro tenha a mesma acolhida de seu lançamento. *Eu espero do jovem que vai ler meu livro, hoje, exatamente o que esperava da minha geração quando o escrevi: que olhem ao seu redor e que vejam e conheçam melhor as pessoas da sua rua, do seu bairro, da sua cidade, enfim da sua realidade...*

OBSERVAÇÃO: A obra *Malagueta Perus e Bacanaço* teve nove reedições entre os anos de 1975-1987, o que nos leva a pensar em um desses anos como sendo a data do texto aqui presente.

(C)

s/a, *Malagueta, Perus e Bacanaço: olhe ao seu redor e reconheça estes personagens*. s/i, s/d.

Nesse pequeno texto, o clássico joãoantoniano recebe os seguintes comentários: *a interligação é a emoção do jogo, na atmosfera de marginalidade, o mergulho de quem entra no submundo no corpo – a – corpo com a vida, de verdade, que nem todos reconhecem, mas que João Antônio mostra, descaradamente*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

CARVALHAES, A. *João Antônio estréia hoje com os contos que a vida lhe ditou*. s/i, s/d.

Comentando o lançamento da primeira edição do livro que se tornou um clássico da literatura joãoantoniana, esse texto traz os seguintes fatos: *um paulista de 26 anos, pesquisador esforçado dos tipos boêmios, do comportamento e linguajar do povo miúdo ... conseguiu editar sua obra de estréia, que lança hoje às dezoito horas na Livraria Teixeira... editado sob a chancela da Editora Civilização Brasileira*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o primeiro lançamento da obra *Malagueta Perus e Bacanaço*, podemos indicar o ano de 1963 como data de publicação desse texto.

(C)

CONTENTE, Antônio. *Malagueta, Perus e Bacanaço três malandros são personagens de livro*. s/i, s/d.

Surgindo agora, dentro do panorama literário, com um livro que, segundo os entendidos, está fadado a obter todos os sucessos... São Paulo e toda sua poesia de cidade grande, esta é que é a verdade, vibra no livro de João Antônio... esses são os comentários feitos a respeito do lançamento da primeira edição do livro *Malagueta Perus e Bacanaço*.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com o primeiro lançamento da obra *Malagueta Perus e Bacanaço*, podemos indicar o ano de 1963 como data de publicação desse texto.

(C)

s/a, João Antônio volta: *Leão de chácara em sétima*. s/i, s/d.

Texto datilografado, que nos dá conta dos seguintes fatos: Após voltar da Alemanha, onde seus trabalhos obtiveram excelente recepção, João Antônio chega ao Brasil e prepara a sétima edição de *Leão de chácara*, juntamente com um álbum iconográfico.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a sétima edição da obra *Leão de chácara*, podemos indicar o ano de 1989 como data de publicação desse texto.

(En)

RODRIGUES, Mário José. *Conversando com João Antônio*. s/i, s/d.

Com uma breve biografia, esse texto contém também parte de uma entrevista, na qual João Antônio fala sobre o livro *Malhação de Judas Carioca*. *Malhação... estou certo, não é o livro que aguardavam de mim... como se atreve alguém a descer das 'altitudes' da literatura para algo assim, digamos lítero-jornalístico?*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Malhação*... uma provável data para esse texto seria entre 1975-1987, período em que ocorreram quatro edições desse livro, sendo a primeira e a segunda pela editora Civilização Brasileira, a terceira pela editora Record e a quarta pelo Círculo do Livro, Editora São Paulo

(C)

s/a, s/t, Diário de Petrópolis. Rio de Janeiro, RJ. s/d.

Breve nota comentando o lançamento de *Casa de loucos*.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a edição da obra *Casa de loucos*, é possível estabelecer o ano de 1976 como data para esse texto, uma vez que essa obra só teve duas edições, ambas ocorridas no mesmo ano.

(En)

s/a, s/t, s/i, s/d.

Em uma visita que fez a cidade de Vitória, João Antônio deu uma entrevista, na qual expôs o seguinte comentário: *aí eu dou força para o Plínio Marcos, quando ele diz que nós teríamos que aprender uma forma de contar, de narrar, de expor nossas histórias através das próprias técnicas do povo brasileiro... teríamos que aprender com o homem brasileiro a forma de ser contista, novelista, teatrólogo*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto

(C)

Bastos, C. Álvaro. s/t, Diário de Petrópolis, Rio de Janeiro RJ. 04/07/197?.

Breve nota a respeito do lançamento da obra *Malhação de Judas Carioca*, pela editora Civilização Brasileira.

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a obra *Malhação...* uma provável data para esse texto seria entre 1975-1987, período em que ocorreram quatro edições desse livro, sendo a primeira e a segunda pela editora Civilização Brasileira, a terceira pela editora Record e a quarta pelo Círculo do Livro, Editora São Paulo.

(C)

KUSCHIK, Breger Christina. *João Antônio fala hoje de literatura (para ele, uma luta constante)*, s/i, s/d.

Em uma turnê de lançamento do livro *Casa de loucos*, João Antônio foi até porto Alegre. Aqui temos os seguintes comentários a respeito do escritor. *João Antônio foi praticamente descoberto em 1975... começava-se a questionar essa visão formalista da arte... João Antônio passou a ser figura obrigatória em todas as discussões, começou a se afirmar por lutas e pela profissionalização do escritor e por uma literatura autenticamente brasileira*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a edição da obra *Casa de loucos*, é possível estabelecer o ano de 1976 como data para esse texto, uma vez que essa obra só teve duas edições, ambas ocorridas no mesmo ano.

(C)

s/a, s/t. Diário de Bauru, Bauru, SP. s/i, s/d.

Breve nota comentando o lançamento do livro *Casa de loucos*. *Neste trabalho, à sua qualidade de escritor, João Antônio acrescenta às de pesquisador e repórter para apresentar ao leitor um livro inquieto e painel da realidade brasileira.*

OBSERVAÇÃO: Por se relacionar com a edição da obra *Casa de loucos*, é possível estabelecer o ano de 1976 como data para esse texto, uma vez que essa obra só teve duas edições, ambas ocorridas no mesmo ano.

(C)

DELOS, Katherine. s/t, s/i, s/d.

Escrito em inglês, com indicação manuscrita de um provável lugar de publicação, *in Chasqui*, revista americana, publicada na Pensylvania, esse texto divulga a obra *Leão de chácara*, enfocando o trabalho do autor com a linguagem das ruas (slang), de forma a construir a *vivid portrayal and descriptions, with phrases that retain a poetic rhythm and motion.*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(En)

NASCIMENTO, Esdras. *Histórias dos malandros de São Paulo*. Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, RJ. s/d.

Com uma pequena introdução, Esdras abre espaço para que João Antônio comente sobre a obra *Malagueta Perus e Bacanaço* que estava sendo relançada. Os comentários são os mesmos de outros textos de divulgação, nos quais João Antônio reafirma as dificuldades que teve com os originais dessa obra e relembra as ajudas que recebeu para completá-la.

OBSERVAÇÃO: A obra *Malagueta Perus e Bacanaço* teve nove reedições entre os anos de 1975-1987, o que nos leva a pensar em um desses anos como sendo a data do texto aqui

presente.

ANEXO C - Textos cuja data extrapola o período proposto para pesquisa.

(C)

s/a *Um pacote para a cultura*. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. RJ, 18/01/1989.

Esse texto fala sobre a bolsa de incentivo cultural, recebida por João Antônio, concedida pela Fundação Vitae. *Receber o equivalente a 115 a 230 OTNs mensais, e terão prazos de seis meses a um ano para realizar seus projetos... João Antônio escritor, projeto: Paulo Melado de Chapéu Mangueira Serralha.*

(C)

s/a *Agitos de João Antônio* Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro. RJ.18/09/1986.

Breves comentários sobre os lançamentos internacionais das obras de João Antônio. *Ellen Spielman estudante de literatura brasileira da Universidade Livre de Berlim, está no Rio para preparar uma tese de doutorado sobre a obra de João Antônio Leão de Chácara, recentemente lançado pela editora Guanabara... ainda sobre João Antônio, seu conto, Afinação na arte de chutar tampinhas será traduzido em Cuba...*

OBSERVAÇÃO: Não foi possível localizar temporalmente esse texto.

(C)

s/a *Aqui, João Antônio fala sobre televisão e a marginalização do escritor brasileiro*.Lux-Jornal.02/84

Como o título aponta, nesse texto João Antônio comenta a qualidade da programação televisiva e o quanto uma obra literária pode ser desvirtuada quando adaptada para a 'telinha'. *Atualmente compensa o escritor se envolver com televisão? ...É uma questão de critério e honestidade que tanto a tv precisa manter diante de uma obra literária, quanto o escritor diante da TV... se o autor luta pelo que fez originalmente, é provável que se chegue a um bom resultado, pelo menos satisfatório para as duas partes... a TV evoluirá para abrir passagem para o escritor como criador? ... ela não está caminhando para isso...*

(C)

S/a *João Antônio: um escritor em luta com a realidade*. A revista dos empregados do SERPRO: Tema. s/r, março/1976

Texto datilografado, contendo uma breve biografia de João Antônio, além da notícia da presença do escritor na cidade de Varginha. TEXTO COM DATA MAS SEM ENCAIXE

(C)

s/a *João Antônio um autor de sucesso*. s/i, s/d A revista dos empregados do SERPRO: Tema. s/r, março/1976.

Esse pequeno texto versa sobre o lançamento de *Malhação de Judas Carioca*, acompanhado de uma breve biografia de João Antônio.

(C)

NORTON. *João Antônio em “Lambões de caçarola”*. Jornal de Santa Catarina. SC. 03/09/1977.

Esse texto versa sobre o lançamento, pela LP&M da obra *Lambões de caçarola...*, destacando algumas particularidades da negociação desse livro. “*Lambões de caçarola*” tem a chancela de editora LP&M de Porto Alegre, que pagará ao escritor uma comissão de 15% sobre o preço de capa, ao contrário dos habituais 10%. João Antônio optou pela LPM depois de fazer uma espécie de leilão; ofereceu os originais a uma editora carioca, uma mineira e outra gaúcha a gaúcha ofereceu melhores condições e ficou com a obra.

(C)

s/a . *João Antônio: um escritor em luta com a realidade*. A revista dos empregados do SERPRO, TEMA, março/1976.

Neste texto, dois livros do próprio João Antônio (*Malhação de Judas Carioca e Leão de Chácara*) são comentados como sendo livros em que a realidade é a grande referência na literatura desse escritor. Além disso, João Antônio é citado por participar d’*O livro de cabeceira do homem*.